

# REVISTA DA SEMANA

N.º 38



Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

20-9-47

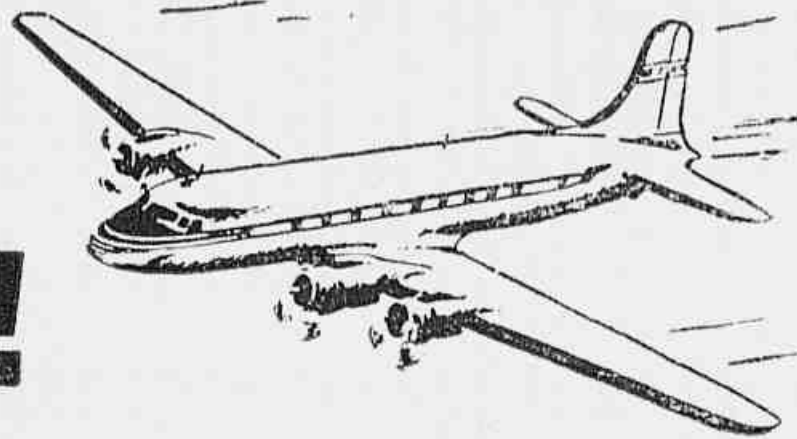


EM QUATRO

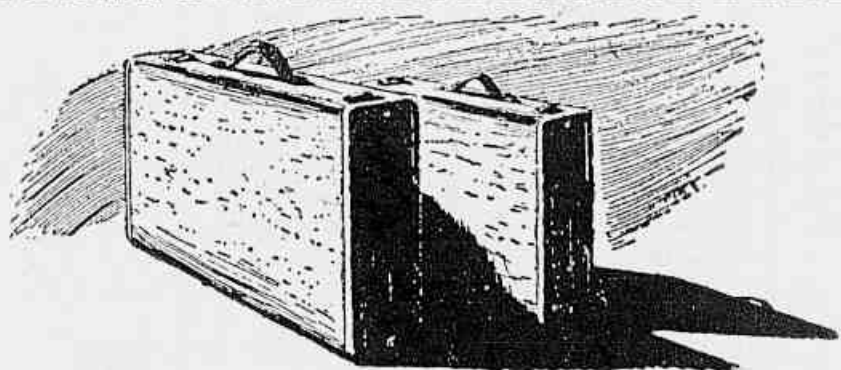
Por ARMANDO MIGUEIS



# Vôe por Clipper ...é mais fácil!



**Descanse...** Quando você embarca num *Clipper* gigante, sinta-se descansado e seguro, porque as tripulações de um *Clipper* são as melhores do mundo... o treinamento, experiência e capacidade de que dispõem tornam cada viagem por *Clipper* inteiramente segura, cheia de prazer e conforto.



**Esqueça...** todos os detalhes incômodos relativos à sua bagagem, numa viagem por *Clipper*. A PAA assegura-lhe que ela será transportada cuidadosamente durante toda a viagem. E traga quanta bagagem quiser — os primeiros 25 quilos serão transportados sem despesa... e nas bagagens acima de 25 quilos, cobra-se uma pequena taxa.



**Conte...** a sua família os momentos maravilhosos de sua viagem aérea — a melhor possível, a bordo de um *Clipper* da PAA. Para sua família, viajar por *Clipper* é muito mais fácil... até para os bebêsinhos, para os quais dispomos de alimentos especiais, cuidados especiais, atenções especiais a bordo de cada *Clipper*.

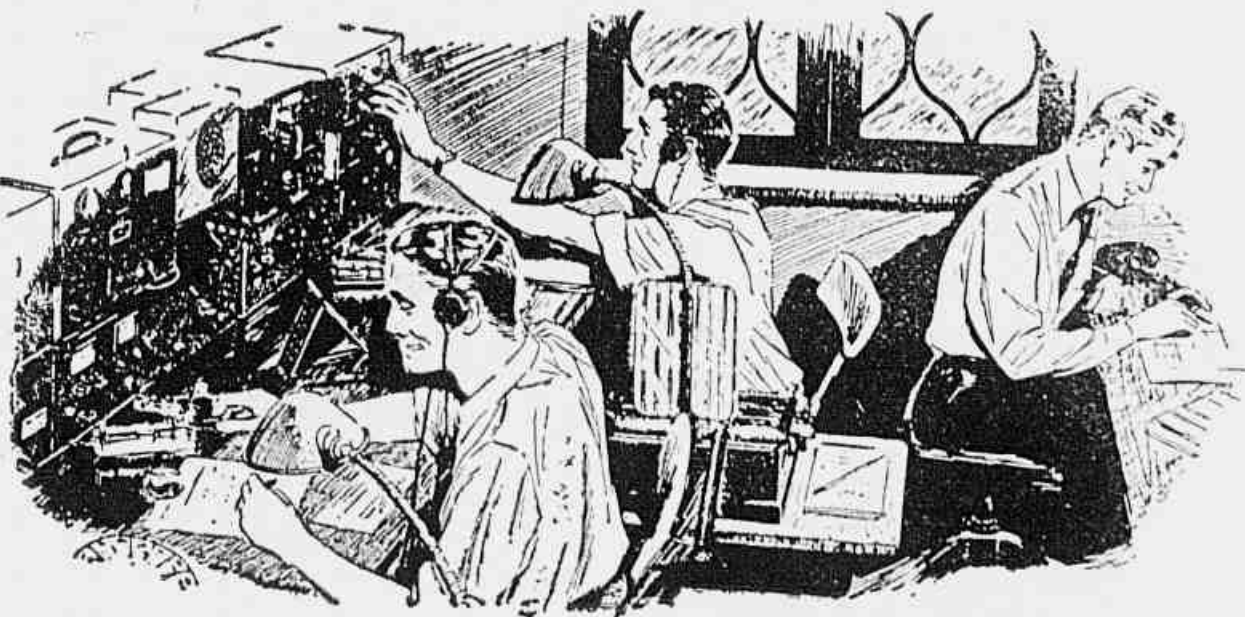


**Desfrute...** os luxuosos serviços da PAA, tanto na terra como no ar. Para que você viaje com prazer e conforto, por todo o percurso, a PAA mantém agora confortáveis hotéis, em pontos convenientes, ao longo de sua extensa rede internacional.

## Vôe pela PAA... experiência sem PAR!

**Confie...** na Pan American World Airways, cujos técnicos capazes estão ao par dos mais recentes aperfeiçoamentos da ciência aeronáutica e dispõem dos mais modernos instrumentos... outra razão por que a PAA oferece os padrões mais elevados em Transporte Aéreo. Quando um *Clipper* gigante levanta vôo, esses instrumentos precisos e técnicos capazes, estacionados em diversos pontos de sua rota, estão em constante alerta para salvaguardar sua jornada pelos céus do mundo.

VIAGENS PARA QUALQUER PARTE  
CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A



# PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS



PAA

## A Rede dos Clippers Voadores

Alasca — Antígua (Índias Ocidentais Britânicas) — Argentina — Austrália — Açores — Bahamas — Bélgica —  
Bermudas — Bolívia — Brasil — Chile — Colômbia — Congo Belga — Costa Rica — Cuba — Curaçao —  
Equador — Estados Unidos da América — Filipinas — França — Guadalupe — Guam — Guatemala — Guiana  
Francesa — Guiana Inglesa — Haiti — Havai — Honduras — Ilha do Cantão — Ilhas Fiji — Ilha Midway —  
Ilha Wake — Inglaterra — Irlanda — Itália — Jamaica — Libéria — Martinica — México — Nova Caledônia  
— Nova Zelândia — Nicarágua — Panamá — Paraguai — Peru — Portugal — Porto Rico — República Dominicana  
— República do Salvador — Sta. Lúcia (Índias Ocidentais Britânicas) — São Tomás (Ilhas Virgens) — Senegal — Surinam —  
Tchecoslováquia — Terra Nova — Território do Yucon (Canadá) — Trinidad — Uruguai — Venezuela — Zona do Canal.





A TE o momento em que encerrávamos esta edição, o P. S. D. não sabia qual seria o seu candidato à vice-governança de São Paulo, pois havia gente de mais querendo esse posto. Os srs. Gastão Vidigal, Cirilo Junior e Novelli Junior... O engraçado será se nenhum deles se eleger... A batalha das candidaturas, em São Paulo, está mais dura do que a batalha dos mandatos dos comunistas, no Congresso. Despediu-se, sábado, do público, o velho palhaço Benjamin de Oliveira, que é agora pensionista do Estado. Ele, é claro, não é exceção, porque há outros palhaços, menos notórios, também subsidiados pelos correios públicos... Os barbeiros do Rio de Janeiro vão realizar uma reunião para examinar a proposta do vereador Ary Barroso, sobre o funcionamento das barbearias aos domingos e feriados. Os nossos figaros também querem descansar. E não estão gostando da idéia do homem da galinha. Entrevistado por um repórter, um deles disse: "Ora, barba não mata ninguém!". Conselho que, se fosse seguido à risca (o de ficar barbado), mataria a classe inteira de "ome...". Um grande escândalo surgiu em torno da temporada lírica do Municipal, entre a SBAT e a SAB... A primeira, Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, cobrou os direitos autorais à segunda, Sociedade Artística Brasileira. Esta recalculou e não pagou, embora tendo como figura de proa o sr. Arnaldo Guinle. Depois, ante a ameaça de serem suspensos os espetáculos do Municipal, a SAB pagou, mas pagou com um cheque sem fundos... Houve novo emburlo, nova proibição dos espetáculos, mas afinal estes se realizaram, com a intervenção do general prefeito da cidade e do general chefe de Polícia... Mas, no dia seguinte, a SBAT apertou o delegado Mario Lucena contra a parede, levando também o seu general, que, por sinal, é, além do mais, deputado — o general Euclides de Figueiredo... Um novo cheque foi dado à SBAT pela SAB depois de todo o emburlo e a batalha se encerrou, com honra para todos os generais e com a vitória da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais que, de resto, estava cheia de razões... O "Diário de Notícias", jornal que prima pela excelência de seus editoriais, pela independência e firmeza de suas opiniões, publicou um magnífico sueto, domingo passado, sobre a "contra-ofensiva dos cassinos". Não resistimos, — muito embora "REVISTA DA SEMANA" publique hoje um tópico semelhante, — ao prazer de transcrever um trecho desse magnífico trabalho. Aqui vai ele, data vênica: "Enquanto, na Câmara dos Deputados, está obtendo assinaturas um projeto de lei que concretiza esses lamentáveis propósitos e ao qual já nos referimos com palavras de condenação, mas também de confiança em seu fracasso, os proprietários de antigos cassinos localizados em diversas estâncias hidro-minerais procuram realizar, por intermédio de emissários credenciados, um trabalho de preparação do terreno. Fomos visitados por um deles, portador de copiosa argumentação tendente a demonstrar os prejuízos causados pelo trancamento dos cassinos à vida das referidas estâncias, cuja frequência, segundo tais alegações, baixou de cerca de 30 mil pessoas, acarretando a decadência do comércio local, além da queda das receitas municipais provenientes das taxas de turismo e de diversões. Essas infirmitades provam exatamente as proporções da jogatina, naquelas cidades, e, portanto, a necessidade de colibi-la, não nos parecendo defensável o ponto de vista de que se erija um vício à condição de elemento básico da existência de uma coletividade. Que seria o Brasil, se só progredissem as cidades onde existissem cassinos?! Segundo a argumentação dos aludidos emissários, dir-se-ia que, nas estâncias, o que menos vale são as águas, pois as virtudes destas não bastam para atrair o público. Ora, o que se deveria fazer era, por um lado, incentivar a frequência de aquáticos, proporcionando-lhes facilidades de transporte e de acomodação e divertimentos familiares. Por outro lado, talvez consultasse aos interesses das municipalidades a desapropriação das fontes minerais, cuja exploração poderia ser assim grandemente aproveitada em benefício dos coíres públicos, principalmente pela exportação do produto em escala até agora não realizada." Afinal, o poeta português Antonio Botto, aqui chegado, parece que teve a preocupação de provar que pela boca morre o peixe... Sendo ele um bote em passeio no país dos tubarões, resolveu, numa reunião de gente da esquerda, roncá-lo o pau em Salazar e nos portugueses, que lhe pareciam desfilá-lo pelo fato de não reagirem contra o truculento e famigerado ditador. Mas, publicadas as suas palavras, caíram-lhe em cima os jornais da colônia portuguesa, vindo ele retratar-se e fazer o elogio público desse mesmo Salazar... Desse modo, o sr. Antonio Botto sujou-se, ao mesmo tempo, com as esquerdas e com as direitas... Quanto ao resto, quer nos pareça que é um poeta interessante, embora não tão bom quanto o nosso Manuel Bandeira, ao passo que como prosador é um cacete, tão cacete como qualquer dos máis colaboradores dos piores suplementos dominicais... Mas uma coisa parece certa, em tudo isso: se Portugal fosse a maravilha que a guns salazaristas dizem e o regime luso fosse uma beleza, não estaria lá o sr. Antonio Botto, que lá é baleia, em vez de vir ser um simples piaba no Brasil? Licenciou-se, por motivo de saúde, o sr. Correia e Castro, ministro da Fazenda. Para substituí-lo, durante os sessenta dias da licença, foi escolhido o sr. José Vieira Machado. A duração da interinidade é pouca, mas a vaga é das boas... O deputado Melo Motta protestou, em Macelo, contra os termos insultuosos da mensagem do governador Silvestre Pereira de Goes Monteiro, na qual os deputados da oposição recebem vastas descomposturas. O governador da terra do sr. Costa Rego é um valente xingador. E é também, embora pareça mentira, um poeta passadista, de lira chorona e romântica. Por isso, velhos alagoanos costumam dizer: "O Silvestre é assim... Quando abre a boca, ou sai soneto ou nome leão...". Em São Paulo, — país livre! — houve um grande comício contra a Lei de Segurança. E como ali não há Polícia Especial, tudo decorreu na melhor ordem, sem nenhuma cabeça quebrada, sem nenhuma granada lacrimogênea atirada e sem nenhuma perna baleada. Vamos para São Paulo, minha gente? De Portugal, chegam notícias de que Salazar forja acusações contra seus inimigos para mantê-los na cadeia e da Índia vem a notícia de que cinquenta mil pessoas aclamaram o humilde, desarmado e quasi nu Mohandas Gandhi... Como são diferentes os homens e seus sistemas de conquistar o poder e o prestígio! Como uns se amesquinham pela violência, enquanto outros se engrandecem pelos seus serviços à causa da liberdade! O senador norte-americano Chapman Prevercomb, em mensagem irradiada em Washington, disse que as repúblicas americanas ao aprovarem no Rio de Janeiro o pacto de defesa, mostraram ao mundo uma forma de paz e compreensão e que "a aprovação deste tratado constitui um passo construtivo para a cooperação entre as nações deste Hemisfério. Reafirmam com feitos e ampliam uma política (a doutrina de Monroe) que nossa nação tem mantido zelosamente há mais de cem anos". Disse ainda, que a doutrina de Monroe "evitou a propagação, nos continentes norte e sul-americanos, das disputas que há gerações veem mantendo a Europa num estado de intranquilidade e de guerra. E' preciso notar que enquanto nosso governo evitou intrometer-se nas divergências e nos assuntos europeus, não nos vimos envolvidos nas guerras europeias".

## Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres recebem perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

**Regulador Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

**Regulador Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo  
a usar **Regulador Gesteira**

## CARTAS Á REDAÇÃO

### GRAFOLOGIA, RAO X DA PERSONALIDADE

Do professor Roberto das Neves, recebemos a seguinte carta, a propósito da reportagem publicada em nossa última edição, sob o título de Grafologia, RAO X da Personalidade":

"Rio de Janeiro, 1947, Setembro, 11 — Sr. diretor-secretário da "REVISTA DA SEMANA" — R. Maranguape, 15 — Rio — Meu prezado amigo. — Cumpro o dever de testemunhar-lhe a minha gratidão pela subida honra, que me deu, de escolher-me e aos meus trabalhos para ilustrar a interessantíssima reportagem, que o último número da "REVISTA DA SEMANA" publica, devida à pena do já consagrado repórter sr. Ney Machado, em colaboração com o repórter fotográfico sr. Arnaldo Vieira aos quais rogo transmitir igualmente as minhas felicitações. Ao sr. Ney Machado, particularmente, consigno aquela minha admiração pela maneira brilhante, fiel e feliz, com que realizou a síntese magnífica, que é a sua reportagem, dos objetivos, fundamentos e interesse científico da grafologia, numa linguagem clara e de fácil assimilação para a maioria do público, mesmo o de mais escassa cultura. Desse modo contribuíram ele e essa revista para vulgarizar no Brasil um dos métodos de investigação psicológica de maior interesse científico e social, como é o grafológico, infelizmente tão mal compreendido neste país, onde a superstição e a ignorância têm trazido confundido com certas práticas de charlatanismo.

Aproveito a oportunidade para pedir-lhe uma ligeira retificação: Na legenda da segunda página dedicada à aludida reportagem, lê-se que o Instituto de Pesquisas Grafológicas, por mim fundado, há anos, no Rio, e que funcionou na Av. Rio Branco, 109, 4.º andar, está presentemente instalado na Associação Cristã de Moços desta cidade. Trata-se evidentemente de uma confusão, aliás, em contradição com o próprio texto da reportagem. A verdade é a seguinte: o citado Instituto suspendeu, há algum tempo, a sua atividade, por falta de sede apropriada, que perdeu com as demolições para a abertura da av. Getúlio Vargas, e por carência de colaboradores, pois a minha principal colaboradora partiu, há meses, para a Índia, e eu sozinho não podia atender a tantas encomendas de trabalho, que de todos os lados recebíamos. Presentemente exerço a minha atividade sozinho, como perito grafológico e selecionador psicotécnico de pessoal, em tribunais e firmas comerciais. Na Associação Cristã de Moços, uma das mais beneméritas instituições culturais do mundo, como se sabe, e a convite do respectivo Departamento Cultural, dirigido por pessoas devotadas aos interesses da cultura moral e intelectual da juventude, tenho regido vários cursos de grafologia, tanto pericial como psicológica. Com os grafólogos, que, espero, sairão do novo curso, que, de acordo com o novo plano de atividades daquela associação, ali pretendo inaugurar no próximo mês, conto em poder fundar, dentro da A. C. M. um clube de grafólogos amadores e, fora, ressuscitar o Instituto de Pesquisas Grafológicas.

Antecipadamente agradece o seu admirador e amigo. — Roberto das Neves."

**O PINCE-NEZ DE OURO**

OFICINA DE 1.ª ORDEM, AVIAMENTO, RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO

**Loalheria**

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

**LUIS R. RICART**

TEL 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES





A esquerda: Iradira Magalhães e Marilza Castelo Branco, duas acreanas que obtiveram bolsas do I. N. E. P. e vieram estudar no Rio. — “Mais difícil que vencer o concurso é encontrar no Rio um lugar para morar” — diz-nos Marilza. Foi preciso “pistolão” de gente graúda para que obtivessem duas camas no pensionato São José. A direita: a estudante Neusa dos Santos, que fez muita força para conseguir o seu pequeno quarto no edifício da Associação das Senhoras Brasileiras. — “Papai só permitiu que eu morasse sôzinha quando consegui lugar aqui na Associação. O aluguel é barato e, o que para mim é mais importante, o ambiente é muito católico”.

## “AS IDÉIAS HONESTAS NÃO VINGAM EM NOSSA TERRA”!

UM MOVIMENTO SOCIAL INCOMPREENDIDO E INJUSTAMENTE RIDICULARIZADO — O DRAMA DA MULHER SÓ NO RIO DE JANEIRO — UM ANO DE ESPERA PARA SE ARRANJAR UM QUARTINHO MODESTO — OS REGULAMENTOS RÍGIDOS DOS PENSIONATOS DE FREIRAS E O PIONEIRISMO DA IRMÃ VICÊNCIA — FRACASSO DOS INSTITUTOS DE PREVIDÊNCIA NO PROBLEMA DA MORADIA — DONA ADELIA VERAS E A “CASA DA MULHER SOZINHA”.

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA

COM a emancipação feminina e o acesso da mulher aos empregos públicos e particulares no Rio, em número cada vez maior, tem se agravado nos últimos anos o problema da habitação. Essa, é claro, é apenas uma das muitas causas que vêm agravar a questão. Milhares de moças ganham a vida com seu próprio trabalho e dessas, muitas são obrigadas a morar sôzinhas, em quartos alugados, em “vagas”, ou o que é mais difícil, em seu pequeno apartamento. Se, para um rapaz, é muito difícil, atualmente, encontrar quarto vago em qualquer dos bairros da cidade, sem que o aluguel lhe consuma metade do ordenado, imagine-se o que não serão as dificuldades da moça que trabalha para encontrar um lugar decente e barato, onde possa viver. Esse é um problema que ainda não foi ventilado convenientemente, mas que está aumentando de ano para ano. E milhares de moças que ganham pouco e lutam para encontrar uma vaga sabem muito bem da existência desse problema. Quantas moças moram sôzinhas no Rio de Janeiro? Aproximadamente cinquenta mil, contando-se as funcionárias públicas, as comerciárias e as estudan-

tes que vêm para as faculdades da capital. Quantas agremiações femininas se encontram aparelhadas para recebê-las? No máximo dez casas, na maioria

O caso da ceguinha Minervina, recolhida pela S. O. S., merecia uma reportagem especial. Despejada injustamente do Instituto de Cegos da rua Ramiro Magalhães, 323, no Engenho de Dentro, viu-se de uma hora para outra sem casa, sem comida, na miséria. O auxílio da S. O. S. é temporário e a ceguinha ainda não arranhou lugar para onde ir. Sua cegueira recente, de apenas três meses, torna ainda mais angustiosa a sua vida. Na página à direita: a cearense Fredovinda de Araujo, que ficou um ano na fila para conseguir este quatinho de seis metros quadrados. — “E foi uma mão na roda” — explica-nos a comerciária.

pensionatos de freiras, cuja capacidade total de hospedagem não passa da casa dos quinhentos. Existem, pois, nada menos de quarenta mil moças mal

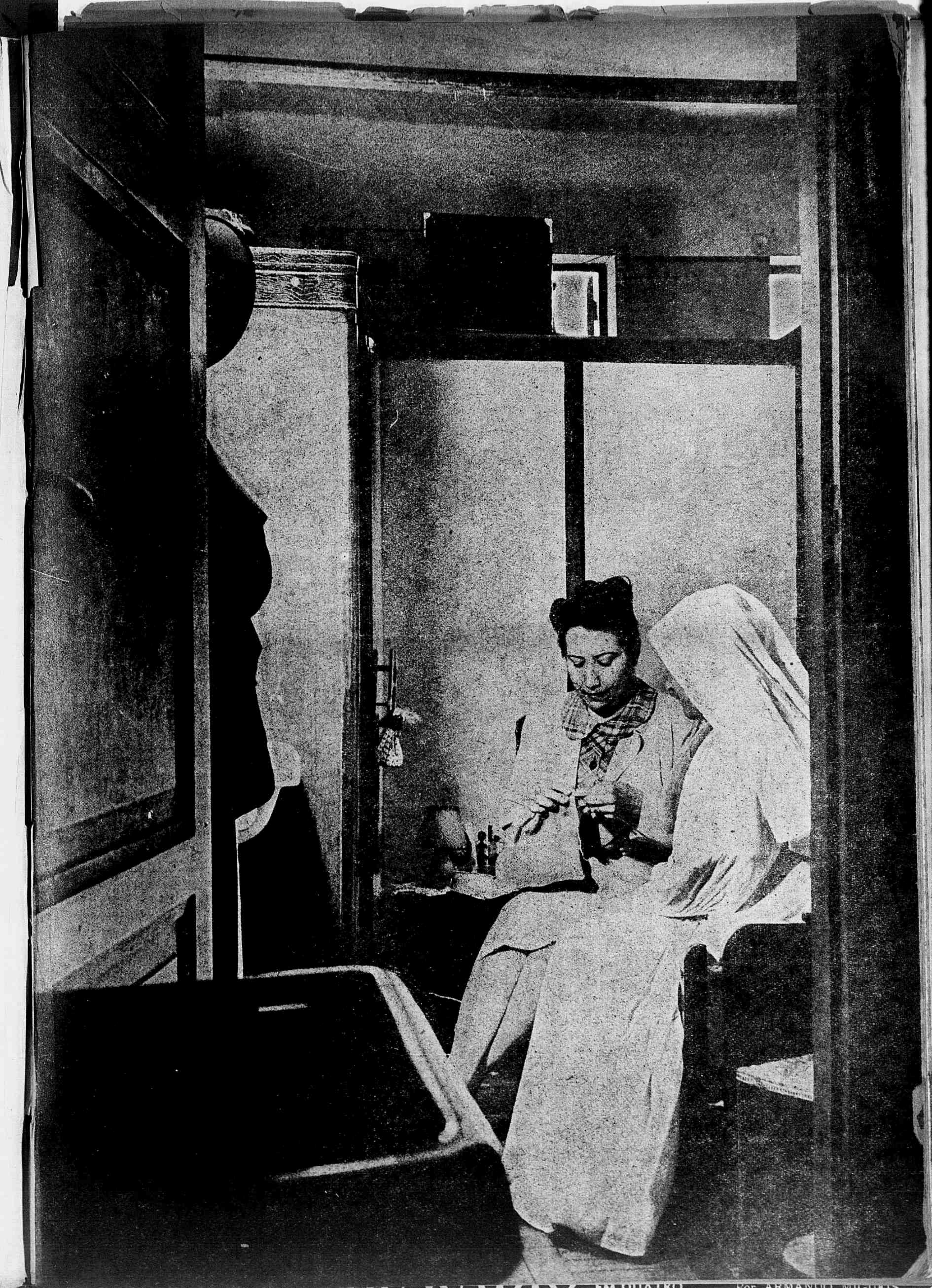
alojadas, em quartos sem condições de conforto, mas de aluguel exagerado, esperando das autoridades competentes um plano de ação para resolver essa crise angustiosa. Os principais responsáveis na resolução do problema de moradia são os institutos de previdência social, que arrecadam milhões de cruzeiros mensalmente dos contribuintes obrigatórios, mas não resolvem os problemas básicos desses mesmos contribuintes. Não resolvem os de alimentação, como já demonstramos em reportagem anterior, e não resolvem o de moradia, como provará essa reportagem.

### DEZOITO VAGAS E UM ANO DE ESPERA NA FILA

Os institutos de previdência agem de dois únicos modos: constroem apartamentos grandíneos, cujo aluguel é em média, de mil e quinhentos cruzeiros, inacessíveis à classe média, ou então, edificam meia dúzia de casinhas além do sertão carioca, em lugares sem água e sem condução e gastam um dinheirão de matéria paga nos jornais, gritando que estão resolvendo o problema da “casa do pobre”. É uma solução tão curiosa, que os operários se recusam a











morar naqueles cafundós, pois gastariam duas horas para chegar ao local do trabalho. Além disso, a bica de água mais próxima está às vezes, a um quilômetro de distância. Enquanto isso, na cidade, pequenas organizações particulares, vão tentando, com os seus próprios recursos, resolver o problema da moradia. Assim por exemplo, a Associação das Senhoras Brasileiras, na rua do Ouvidor 58, procura, dentro das suas modestas posses, resolver os problemas da moça que ganha pouco. Seu restaurante só para mulheres já é famoso. Nos andares superiores há pequeninos quartos, num total de dezoito, que são alugados exclusivamente a moças. Atualmente os aluguéis, incluindo café, almoço e jantar, variam de quatrocentos e cinquenta a quinhentos cruzeiros. Já foram muito mais baratos. Em 1944 por tudo isso cobravam apenas duzentos e cinquenta cruzeiros.

— Assim mesmo é uma mão na roda, — diz-nos uma cearense, residente há três anos na casa. — O pior de tudo é a fila das pretendentes. Basta lhe dizer que fique um ano inteiro aguardando a minha vez!

A Associação está construindo um grande edifício em Santa Tereza. Até lá a dificuldade para a obtenção de um quartinho continuará sendo a mesma. Como a fila é numerosa, as exigências para a entrada são muitas, incluindo-se atestado de idoneidade, fiança, atestado de vacina, atestado de professar o catolicismo, atestado de não ser portadora de moléstia contagiosa e até certidão de nascimento.

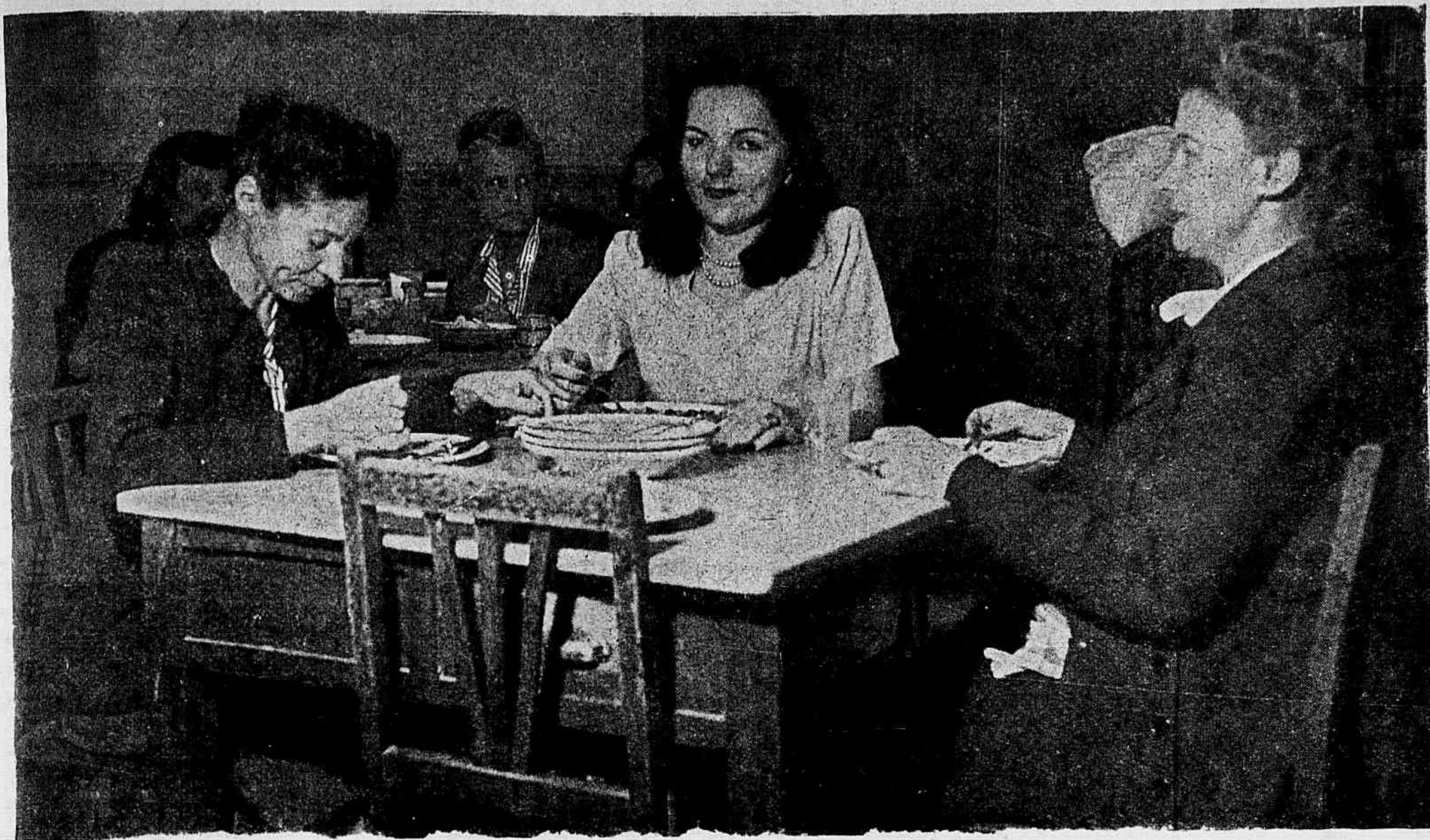
#### A IRMA VICENCIA, UMA PIONEIRA

Muitas das moças que moram nos pensionatos dirigidos por freiras ou irmãs de caridade se queixam das exigências que lhes faz a administração quanto à obrigação de assistir missa aos domingos, de fazer novenas, do recolhimento cedo demais. Na Casa Nossa Senhora das Dores, à praia de Botafogo, por exemplo, o portão se fecha às oito horas da noite. E se mais não se queixam é porque não têm lugar melhor para onde ir, tendo que se sujeitarem a tantas restrições. Entretanto, há exceções nesse rigorismo medieval dos pensionatos de moças. Fomos encontrar um, na rua Pereira da Silva, 93, o Pensionato São José, dirigido pelas Irmãs Vicentinas. O prédio abriga cinquenta moças, entre comerciárias e estudantes. Pagam elas trezentos e cinquenta ou quatrocentos e cinquenta cruzeiros, conforme utilizem dormitórios gerais ou quartos separados. O preço inclui café, almoço, jantar e até lanche à tarde, para as que por qualquer motivo permaneçam no pensionato.

— A comida é a melhor de todos os pensionatos da cidade — diz-nos a pen-

Um detalhe do corredor para onde dão os pequenos quartos do edifício da Associação de Senhoras Brasileiras, à rua da Quitanda. Embora os minúsculos quartos de tabique não se assemelhem ao lar desejado pelas ocupantes, resolvem bastante o problema de moradia das moças que trabalham.





sionista Maria Auxiliadora Quintão, funcionária do Lar Brasileiro.

A Irmã Vicência, acompanhando o repórter aos dormitórios, vai explicando detalhes com uma franqueza que a torna muito simpática:

— Mesmo com esse preço módico, o pensionato dá lucro. Não posso compreender como as instituições oficiais não amparam as moças com esse sistema de moradia, que não traz despesa alguma.

— São grandes as exigências para as moças que desejam morar aqui? — perguntamos.

Um detalhe do restaurante do pensionato São José, à rua Pereira da Silva. Cinquenta moças residem ali, pagando pelo quarto, café e comida, aluguéis que variam de trezentos e cinquenta a quatrocentos e cinquenta cruzeros. Outras tantas cinquenta moças solicitam inutilmente todos os meses "vagas" no pensionato.

Pedimos somente uma carta de apresentação.

E esclarece depois. Nada de atestados ou de certidões de nascimento. Nem as moças são obrigadas a assistir aos ofícios religiosos celebrados na capela do asilo, anexo ao pensionato.

Detalhe do dormitório geral do pensionato São José. Embora dirigido por Irmãs vicentinas é a hospedaria de moças que lhes dá mais liberdade. A Irmã Vicência, à direita da foto, explicou ao repórter que mesmo cobrando pouco o pensionato dá lucro e não compreende porque as instituições não resolvem um problema tão simples.

— Queremos apenas que sejam moças moralmente direitas — continua a Irmã Vicência. — Podem namorar e ir ao cinema. São obrigadas, apenas, a voltar às nove e meia.

— E se alguma dormir fora?

— Permitimos que isso aconteça, des-

de que elas comuniquem onde pernoltração. A: hoje, depois de vinte anos de existência, nenhuma, das que por aqui passaram deu dores de cabeça ao pensionato. Pelo contrário, muitas saem daqui casadas. Quando são noivas, podem receber os noivos na sala de visitar. Só não gosto que namorem no portão. O senhor compreende: são muitas, cinquenta ao todo. Prefiro que elas passem com os namorados a ficarem agarradas aí no portão.

Em média, outras cinquenta moças







A bancária Maria Auxiliadora Quintão desde que veio de Belo Horizonte, há seis anos, reside no pensionato São José. Com as suas economias conseguiu comprar o seu apartamento. Em Janeiro estará morando em "sua casa". Este é o sonho de quarenta mil moças que trabalham no Rio.

procuram mensalmente a diretoria do pensionato desejando moradia.

— Os pedidos são tantos — continua Irmã Vicência — que resolvi alugar outra casa, por quatro mil cruzeiros, a fim de transformá-la também em pensionato. Lá, como não fornecemos refeições — cobramos duzentos e cinquenta por quarto. Mesmo assim ainda temos um lucro de mil cruzeiros por mês.

#### MORADIA TEMPORÁRIA NA S. O. S.

A Irmã Vicência tinha demonstrado em poucas palavras a possibilidade de ser resolvido o problema da habitação barata no Rio. A ganância dos sub-locadores é que aumenta as aflições ao povo, cobrando por um quarto quase tanto quanto pagam pelo aluguel de todo um apartamento. No "Jornal do Brasil" de seis do corrente vinha o anúncio de um

quarto no Edifício São Borja pelo aluguel de três mil cruzeiros mensais. Sabemos que o aluguel das três peças que formam esse apartamento é exatamente a metade. Antes de detalharmos a ineficácia das nossas instituições de previdência, vamos apontar mais um caso de esforço particular. É o abrigo da S. O. S. (Serviço de Obras Sociais), à rua Carlos Seidl, que acolhe nos seus vinte pequenos apartamentos, mais ou menos sessenta pessoas por ano. A finalidade desse lar-abrigo é a de proporcionar acolhida as famílias realmente necessitadas durante um período de desajustamento. É, por isso, um auxílio que deve durar em média três meses. Durante esse tempo a S. O. S. fornece alimentação e moradia para a família e, ao mesmo tempo, procura conseguir colocação para os filhos que possam trabalhar. Procura

o S. conseguir um razoável meio de sustento para a viúva e seus filhos (colocando-os em casas comerciais, ou conseguindo um emprego doméstico para a viúva), fique impossibilitado de casalojar a família. Mudar-se para onde? — É o processo de reajustamento social — mais complexo — sendo inutilizado pelo problema básico: teto para morar. Depois de posta em foco essa grande tragédia, chegaremos ao ponto em que somos obrigados a perguntar: e os Institutos? E a Casa da Comerciária?

#### O FRACASSO DO INSTITUTO DOS COMERCIÁRIOS

As instituições responsáveis pela solução dos nossos problemas sociais não se preocupam em resolvê-los, mesmo quando têm possibilidade. Foi o caso da Casa da Comerciária, que deveria ter sido construída em 1945 pelo Instituto dos Comerciários e que até hoje está no papel. O projeto está aprovado pela Prefeitura desde aquela data, o terreno adquirido está à espera, dinheiro não falta, mas a Casa não foi construída. Tudo porque na sua construção não haveria margem para especulações imobiliárias, não haveria comissões a terceiros para a obtenção do financiamento, não haveria "over-prices" nas vendas, porque os cento e setenta e seis pequenos apartamentos não seriam construídos para dar lucros aos zangões... Por tudo isso e ainda mais, por que os juros sobre o capital ali empatado, seriam apenas de quatro por cento, não se construiu o edifício até hoje. Este mesmo Instituto financiou de 1945 para cá milhões de cruzeiros para apartamentos grandinhos que não resolvem a parte mais importante do problema de habitação: o problema da moradia barata. A Casa da Comerciária, projeto executado pelos irmãos Milton, Marcelo e Maurício Roberto, começaria a resolver o problema da mulher que trabalha no comércio e vive sózinha. Compreendia um edifício de dez pavimentos onde, além dos peque-

reajustá-los. Entretanto, acontece frequentemente que mesmo depois do S.



Dona Adella Veras, que há dezessete anos vem se batendo pela construção da "Casa da Mulher Sózinha". O ex-ditador Getúlio Vargas e dona Darcy Vargas não responderam aos seus longos memoriais em que expunha o seu projeto. Dona Adella Veras guarda todas as suas economias de funcionária modesta para auxiliar a realização do plano, se é que esta vingue algum dia.



nos apartamentos, seriam instalados um restaurante, lavanderia, loja de miudezas, livreria, biblioteca e até um salão de beleza. Tencionavam os construtores levar à residência das comerciárias um pouco de conforto e de ambiente social, coisa desconhecida nos quartos e "vagas" onde a maioria reside atualmente. Amplos salões no andar terreo serviriam para a recepção de visitas. Nesse edifício morariam setecentas moças, que teriam a liberdade de entrar e sair a qualquer hora do prédio, obrigando-se a respeitar, apenas, um padrão de decência moral. O aluguel seria para cada uma de cento e dez cruzeiros mensais. Estava previsto que esse aluguel seria o suficiente para todas as despesas do prédio e inclusive a amortização do capital, mais os juros de quatro por cento ao ano.

#### EMPRÉSTIMOS AOS MILHÕES... E NÃO HÁ CASAS!

Esse projeto perfeitamente exequível, estudado pelos construtores nos mínimos detalhes, parece que não mais será realizado pelo Instituto dos Comerciários. O diretor do seu Departamento de Aplicação de Fundos não soube responder nada concreto a respeito, quando o interrogamos. Enquanto isso, continua premente o problema da moradia e os funcionários enviam centenas de propostas de empréstimos para a construção de casa própria aos seus Institutos.

Por outro lado escasseiam cada vez mais na Prefeitura os pedidos de alvarás de licenças para construções de obras novas. Isso quer dizer que não há esperanças de se atenuar em um futuro próximo o problema de habitação no Rio. E não sendo esse problema resolvido, ficam sendo as maiores prejudicadas as moças e senhoras que são obrigadas a morar sôzinhas. Uma comerciária que encontramos na Associação de Senhoras Brasileiras explicou com muito acerto:



Outro detalhe do refetório do pensionato São José, verdadeira exceção em confronto com os outros pensionatos administrados por freiras em nossa capital. A Irmã Vicência quebrou muitas das normas absurdas que tentam fazer dessas pensões verdadeiros internatos.

— Enquanto os rapazes conseguem morar em qualquer vaga, ou quarto não se importando com a moralidade da casa ou do apartamento, nós, mulheres, não podemos fazer a mesma coisa. Se morar, no Rio, já é difícil, imagine a dificuldade para nós, que temos que escolher o aluguel e a qualidade do senhorio.

#### A "CASA DA MULHER SÓZINHA"

Para resolver parte desse problema é que dona Adélia Veras, uma idosa e simpática funcionária do Ministério do Trabalho, vem batalhando há dezessete anos. Quando iniciou a sua campanha, morar quase não era problema na cidade. Não faltavam quartos para alugar. Mas dona Adélia não se conformava com a rigidez disciplinar dos pensionatos que recebiam moças.

E' o que ela nos declara:

— Se ainda hoje em dia a maioria de-

les obriga as pensionistas se recolherem às oito horas da noite, imagine o senhor o que não exigiam há quinze anos atrás, — diz-nos dona Adélia Veras. — Foi por esse motivo que comeci a pensar na nossa casa. Um edificio onde morassem somente mulheres que trouxeram ou que estudam. Com ampla liberdade de entrar e sair à hora que entendessem. E' claro que respeitando um elevado padrão de decência.

— Quais os motivos que impediram realizar o seu projeto?

Dona Adélia Veras abre uma pasta onde coleciona toda a documentação sobre o seu trabalho e responde:

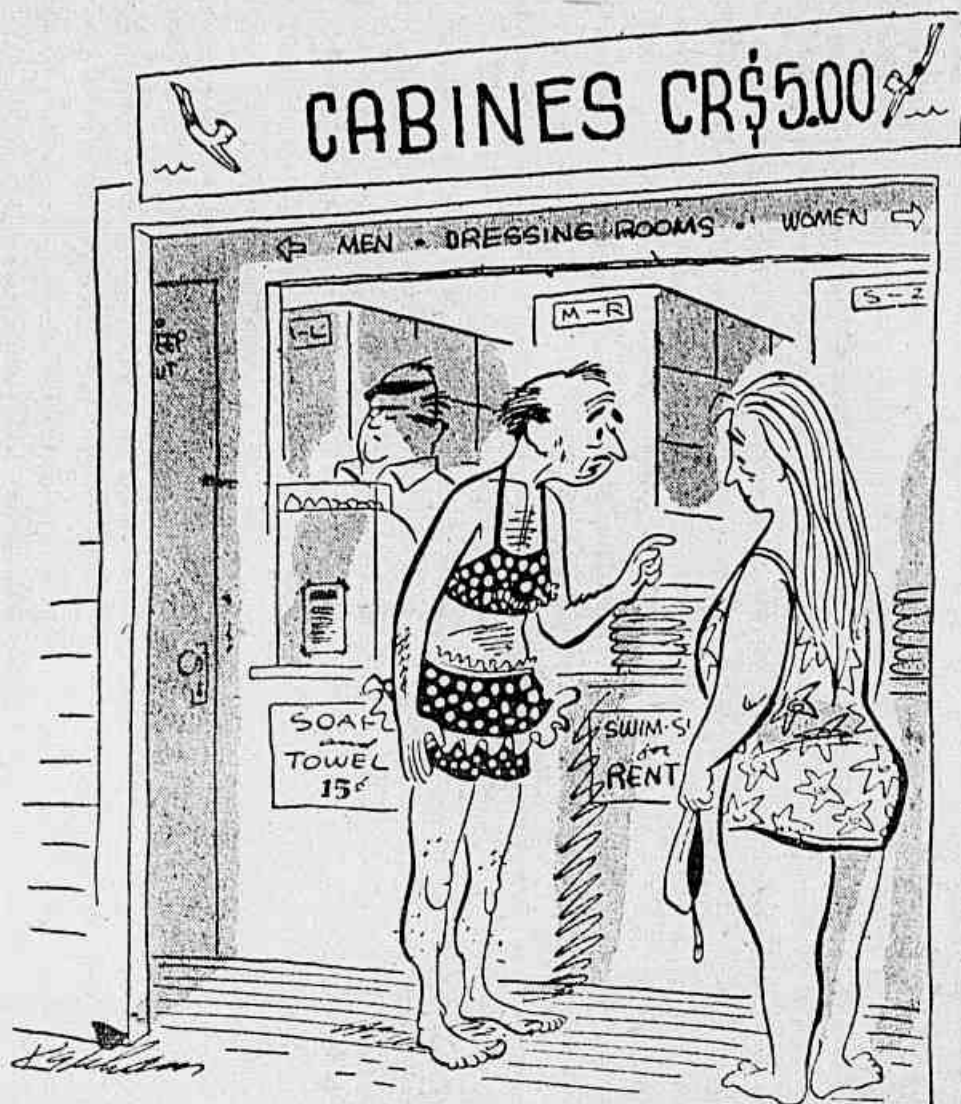
— Falta de interesse e amparo oficial. Mandei um memorial ao ex-ditador Getúlio Vargas e, mais tarde, outro, à dona Darcy Vargas. Não recebi resposta de nenhum dos dois. Amigos meus ajuda-

(Cont. na pág. 53)

O engenheiro Marcelo Roberto, autor do projeto da Casa da Comerciária. Este edificio deveria ter sido iniciado pelo Instituto dos Comerciários em 1945. Seria o primeiro passo para resolver o problema da moradia da comerciária. Até hoje as contribuintes desse Instituto estão esperando o batimento das estacas.





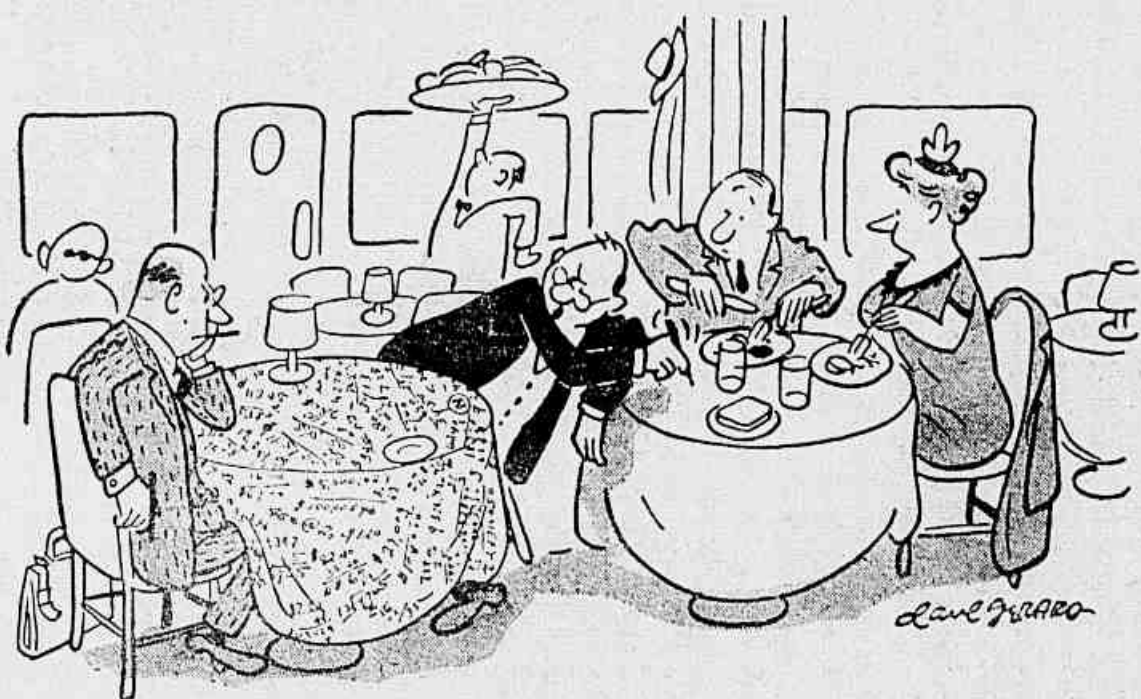


— Madame, por favor, quer avisar minha mulher que ela embrulhou nossos "maillots" trocados?



— Não é isso... É que, além de quebrar o meu braço, ela também morden o meu dedo...

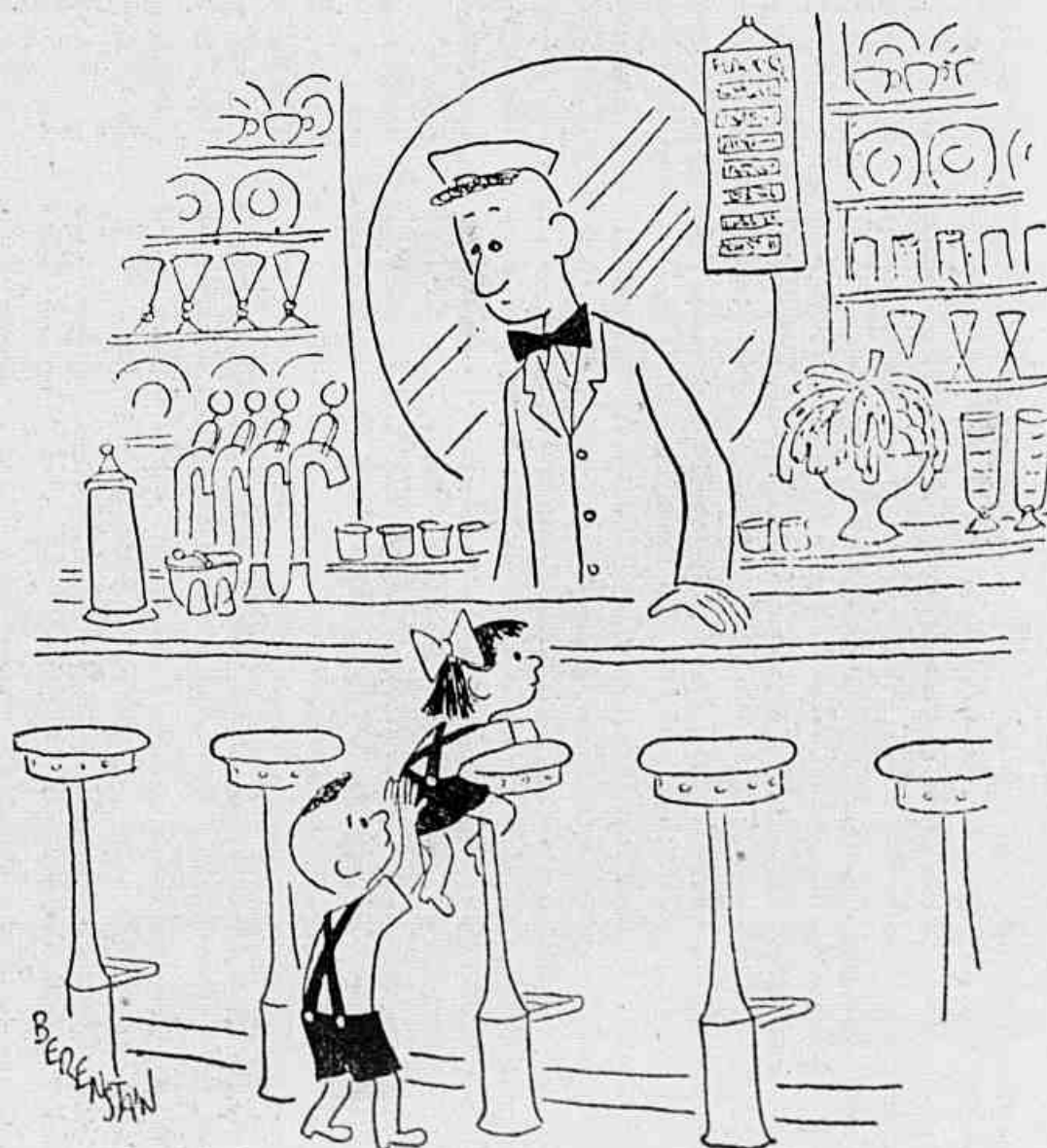
## BOM HUMOR



— Bem, isso é à base de 17 e meio por cento... Vamos ver agora quanto dá a 19 e meio...



— Por que você não fica careca, como os outros homens?





## MÚSICA

TRÊS RÉCITAS — MOZART, "COMME IL FAUT" — CARMEM E A SÓLIDA TRADIÇÃO ITALIANA — DON JOSÉ, MAS SEM NUANCES... — QUE FOI QUE HOVE, "MESTRE" SZENKAR? — CINQUENTA E SETE ANOS CONFES-  
SOS E UMA ÁRIA TRISADA...

de ROBERTO LYRA FILHO (Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

A versão de Nozze di Figaro que a Temporada Lírica Oficial ofereceu ao público, chegou bem mais perto do espírito esfuziante de Mozart do que aquele infeliz Don Giovanni apresentado, anos atrás, com muito boa vontade e um barítono decadente...

Foi, justamente, o elenco que, este ano, mostrou-se, de uma maneira geral, à altura da partitura. Com raras exceções, o quadro escolhido deu vida e expressão aos papéis que lhe foram confiados. Martial Singher, Alda Noni e Violeta Coelho Netto de Freitas destacaram-se, logo, pela justeza do "tom mozartiano" de suas interpretações, graciosos e leves os dois sopranos, seguro e desenvolvido o barítono francês.

O jogo de cena, tão importante nessa ópera, teve, da parte dos três, um desempenho adequado e brilhante. Movimentaram-se eles pelo palco como autênticas personagens do século XVIII. As árias principais de Figaro, Susana e Cherubino foram cantadas com propriedade, sem a ênfase do melodrama lírico, antes, realmente, como peças que se encaixam dentro da unidade e da homogeneidade da obra. Isso em nada prejudicou o relevo das "performances" individuais. Muito pelo contrário, essa preocupação contribuiu para dar uma idéia da harmoniosa estrutura musical, que veste o libreto com complexa sutileza.

Menos integrados nos respectivos papéis, sobretudo menos compreensíveis daquilo que denominamos o "tom mozartiano" mostraram-se Wanda Wermínska e Guilherme Damiano. Aquela, carregando no acento dramático do seu papel e demonstrando péssimas condições vocais; este, deslocado, com seus limitados recursos, num papel de responsabilidade.

Contudo, apesar das naturais falhas que se irão corrigindo quando tivermos Mozart como um dos compositores regularmente representados no repertório das temporadas líricas, Nozze di Figaro, como a ouvimos este ano, já constitui uma bela realização. E, de qualquer maneira, a sua inclusão entre as récitas revela um propósito saudável de dar, na variedade dos espetáculos, amostras de uma arte tão lamentavelmente afastada, em geral, dos nossos palcos.

### CARMEM

Depois da discutidíssima Carmem de Jennie Tourel — a Carmem francesa por excelência — voltamos à sólida tradição italiana, que deu, com este papel, a criação magnífica e inesquecível de Gabriela Bezanson. Dentro da concepção de Carmem que nos trouxeram, com as inevitáveis variações individuais, as cantoras italianas, enquadra-se a Carmem de Fedora Barbieri.

Elogiável, sobretudo, pela sua atuação dramática, Fedora Barbieri revelou-se uma artista de méritos invulgares.

O mezzo-soprano é, sempre, uma voz ingrata. Num ou noutro registro, com raras exceções, os mezzos mostram-se menos proficientes. Numa, faltam os graves —

que não precisam ser trovejantes, porém, que devem ser claros, redondos, emitidos sem esforço. Noutra, a dificuldade são os agudos, emitidos com dificuldade.

Elogiável, sobretudo, pela sua atuação dramática, Fedora Barbieri revelou-se uma artista de mérito invulgares.

O mezzo-soprano, é, sempre, uma voz ingrata. Num ou noutro registro, com raras exceções, os mezzos mostram-se menos proficientes. Numa, faltam os graves — que não precisam ser trovejantes, porém que devem ser claros, redondos, emitidos sem esforço. Noutra, a dificuldade são os agudos, emitidos com dificuldade.

Fedora Barbieri — caso raro entre suas compatriotas que apreciam, em geral, os graves do peito — atinge agudos de uma pureza e segurança admiráveis. Os graves, entretanto, tão necessários na Carmem, praticamente inexistem — são velados e apresentam, às vezes, uma certa aspereza devida à dificuldade com que são emitidos.

Verificou-se isso, sobretudo, na ária das cartas. Naquela passagem notava-se a visível angústia da cantora ao emitir as notas que, em vez de lhe saírem quentes e firmes, soavam trêmulas, indecisas.

E' preciso observar, ainda, que Fedora Barbieri nem sempre cantou com voz repousada e firme; às vezes, sentia-se uma certa trepidação — quase um staccato — no fraseado.

Entretanto, não se deve colher a impressão de que essas imperfeições lhe houvessem roubado os abundantes atrativos de sua Carmem, notável, sobretudo, repetimos, pelo seu aspecto dramático.

Marlo del Monaco pareceu-nos pouco à vontade no Don José. O papel requer menos a potência vocal, exuberantemente demonstrada pelo tenor, do que uma sensibilidade mais delicada. Os rompantes estavam bem, quase sempre, no amante da cigareira. Mas não assentavam no namorado de Micaela... Nem tão pouco era desejável a nota vociferante, sustentada com galharda robustez física, de princípio a fim, com prejuízo do belíssimo dueto do primeiro ato — "Mia madre, io la riveggo" — e da ária da flor, para citar, somente, dois trechos famosos. "Il fior que avevi a me tu dato" não é desafio, é súplica. Por que, então, Del Monaco tirou-lhe toda a suavidade, mantendo-a num estentóreo forte? Houve uma lamentável falta de nuance no seu Don José, concebido numa única cor — violenta e agressiva. Por isso mesmo, o final da ópera lhe saiu tão bem, tão natural...

De Falchi foi um Escamillo esplêndido. Exibiu, como o orgulhoso toreador, toda a beleza de timbre e facilidade de emissão de sua voz privilegiada. E mais: soube encontrar, numa surpreendente riqueza mímica, o acompanhamento para a ária do toreador.

Nada mais a assinalar de importante nessa récita a não ser o abominável acompanhamento da orquestra, que



Fedora Barbieri, mais atriz, menos cantora.

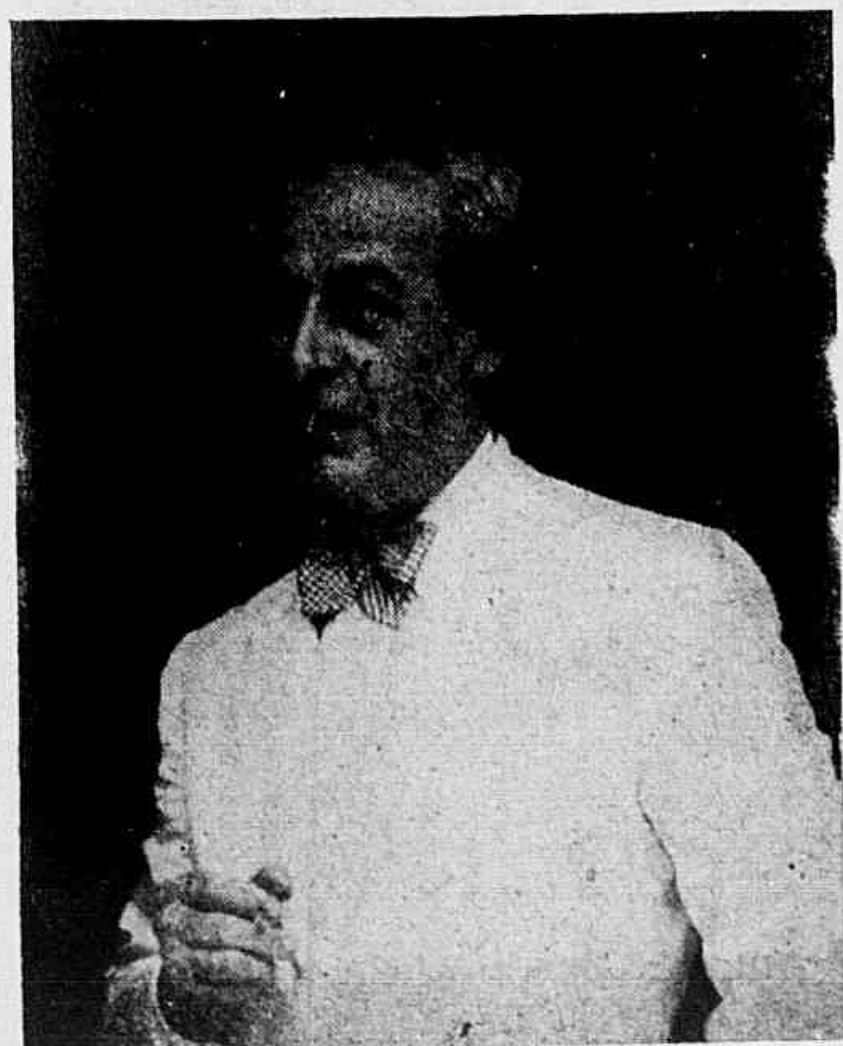
tirou do comentário sinfônico à ação toda a sua pungente expressão dramática. Que foi isso "seu" Szenkar?

### TOSCA

O esperado sucesso da Tosca, com Gigli e Barbato, deixou o público em expectativa até o terceiro ato, momento em que o famoso tenor reganhou o aprumo habitual, para "trisar" o "E Lucevan le Stelle!"... Mas a verdade é que, nos dois primeiros atos, Gigli não esteve muito feliz. A "Recondita Armonia" não teve a riqueza

(Cont. na pág. 58)

Da esquerda para a direita: Eugen Szenkar; Que foi que houve, "Mestre Szenkar?" — Martial Singher; Mozart, "Comme Il Faut" — Benjamino Gigli; uma ária trisada.





# UMA FIGURA DE INCONTESTÁVEL VALOR

Reportagem de SALDANHA MARINHO e ELIZEU MAGALHÃES

**E**NTRE os valores reais desta geração, justo é que se destaque a figura singular de um homem que, sem alardes e despretenciosamente, vem desenvolvendo, nos setores em que se faz sentir sua benéfica influência, uma ação altamente patriótica e digna dos mais calorosos aplausos.

Referimo-nos ao Cel. Orsini Coriolano, brilhante oficial das gloriosas Forças Aéreas Brasileiras, atualmente na direção técnica da poderosa empresa nacional "Navegação Aérea Brasileira".

Orsini Coriolano, porém, não se limita aos relevantes serviços que vem prestando à pátria como técnico de aviação de notável capacidade. Espírito esclarecido e bem formado, tem o seu nome ligado aos mais brilhantes feitos do esporte nacional de que é um dos graduados e influentes líderes. Neste setor, o Cel. Orsini tem demonstrado invulgar interesse pelos problemas eugênicos, apoiando e contribuindo com o seu esforço para o sucesso de todos os movimentos que visam o aperfeiçoamento da raça. Ligado oficialmente aos desportos em 1927 (há 20 anos por conseguinte), ano em que ingressou no quadro social do Clube de Regatas do Flamengo, o objetivo de Orsini Coriolano, participando das pugnas desportivas ou colaborando anonimamente com os administradores das diversas seções do grêmio "mais querido do Brasil", nada mais era do que trabalhar pela grandeza moral e material do Flamengo, certo de que estaria assim trabalhando também em prol da causa esportiva nacional, e em benefício do desenvolvimento físico da mocidade brasileira, numa demonstração de elevados propósitos para com a pátria.

E assim, modesta e anonimamente, Orsini Coriolano, dentro de suas possibilidades e sempre que lhe surgiam oportunidades favoráveis, se lançava a novas e louváveis iniciativas e realizações.

Em 1945, na gestão do presidente Marino Machado, ocupou no "Flamengo" o cargo de vice-presidente dos "Interesses da Educação Física e Desportos de Amadores do Clube", e o fez com tamanha sabedoria que até hoje o seu nome e a sua ação estão gravados na memória dos verdadeiros flamengos. Dirigindo esse departamento do clube da Gávea, Orsini Coriolano, enfrentando sérias dificuldades, conseguiu de forma brilhante soerguer, por exemplo, as seções de box, luta-livre, volei, basketball e principalmente a natação e o remo, que estavam totalmente paralisados, dando-lhes vida brilhante e proveitosa.

Em fins de 1945, Orsini Coriolano exerceu, interinamente, o cargo de presidente do C. R. Flamengo, de acordo com os Estatutos, uma vez que Marino Machado, então presidente, havia se ausentado mediante licença. Durante esse período, pôde Orsini Coriolano oferecer a todos os associados do clube uma demonstração segura do seu pulso e dos largos conhecimentos que o credenciavam para desempenhar, futuramente, com brilho e eficiência, o alto cargo de comandante supremo das forças rubro-negras.



Com a autoridade e o prestígio já adquiridos, em janeiro deste ano foi Orsini Coriolano, contrariando a vontade do "bloco dos conservadores", eleito presidente do Flamengo por uma esmagadora e expressiva vantagem sobre o candidato da oposição. A política contrária dentro do clube, entretanto, encontrou fórmulas capazes de anular a eleição. Todavia, os que acreditavam em Orsini Coriolano confirmaram, com a colaboração do "Dragão Negro" o resultado do pleito anterior, reconduzindo-o ao cargo que vem dignificando com o seu insuperável amor ao Flamengo, a cujo serviço está colocando as suas melhores energias.

No curto período da administração do Cel. Orsini Coriolano, grandes melhoramentos já são observados pelos que se interessam pelas coisas dos esportes. Podemos adiantar, entretanto, que ele muito ainda fará, pois o plano de administração do Cel. Orsini Coriolano é vasto, e será executado com habilidade e dedicação, para que se mantenha e amplie o tradicional prestígio do grêmio da Gávea.

Considerando como necessidade mais urgente, o Cel. Orsini Coriolano está ultimando as obras do ginásio para basket e volei, que permanecia inacabado, bem como da quadra de tenis, vestiários com todos os requistos modernos, um grande restaurante e alguns pequenos bares distribuídos pelas dependências do enorme terreno da Gávea, que vem sendo dilatado consideravelmente, numa feliz iniciativa de sua administração, que foi a de mandar aterrar partes inúteis da Lagoa que limitam com a área rubro-negra.

Nesse local, então, será erguida uma confortável garagem, com todos os acessórios necessários para a formidável frota recém-adquirida pela administração Orsini Coriolano, graças ao notável plano financeiro que elaborou e que vem sendo executado fielmente.

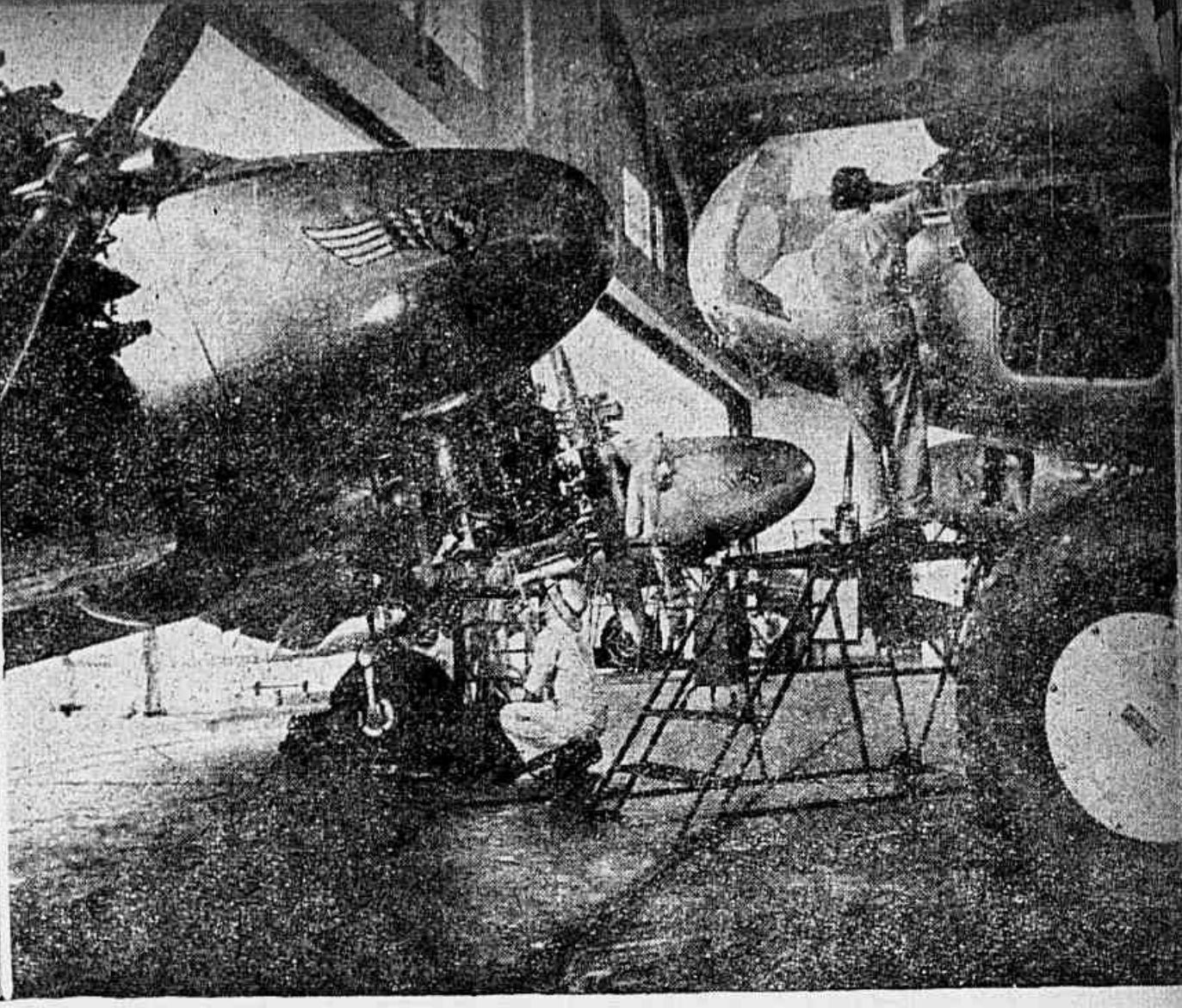
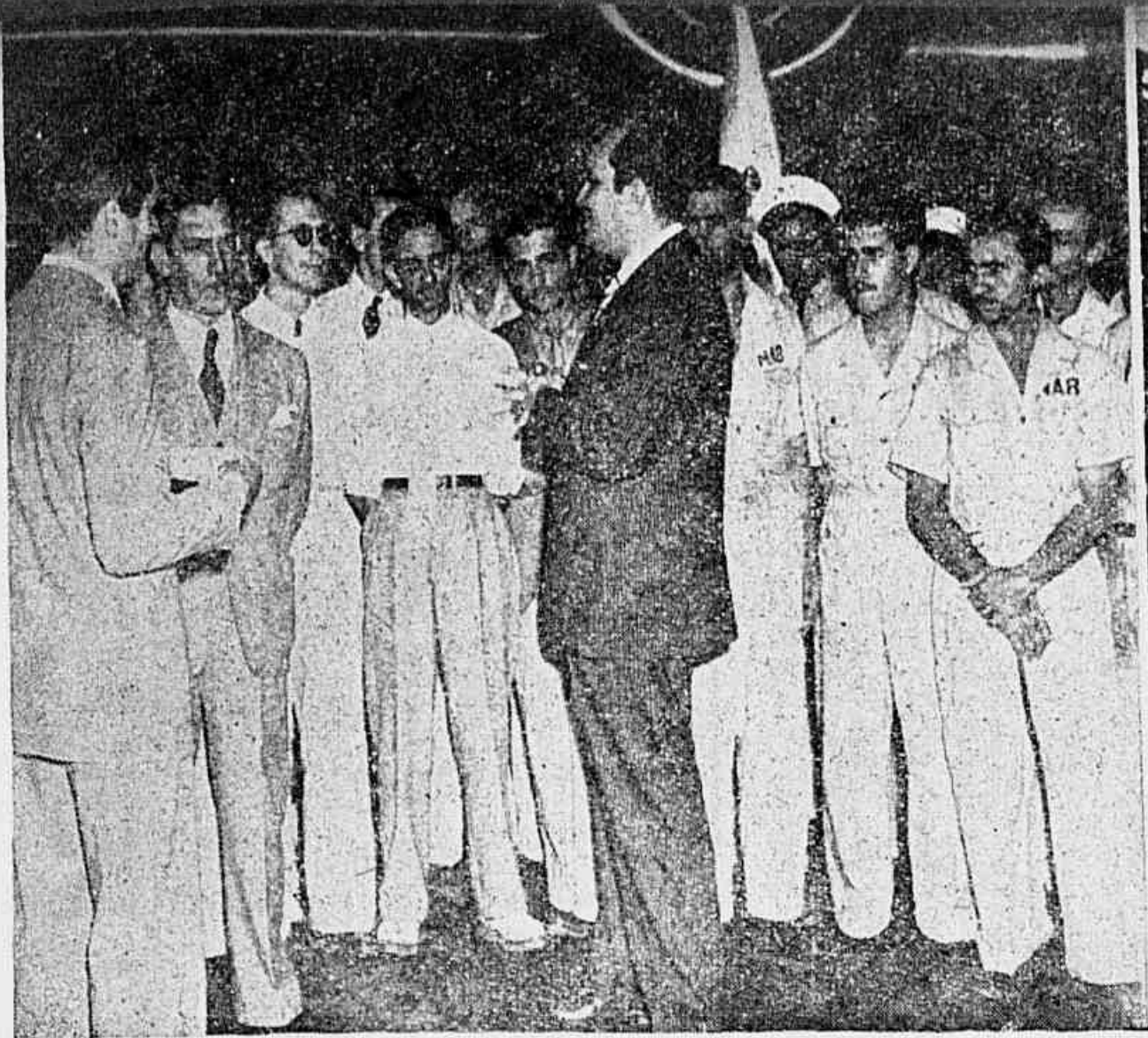
E' digno de registro, também, o papel de relevo que vêm desempenhando as representações do futebol profissional, do basketball amador e outras equipes das diversas modalidades desportivas do clube, as quais têm como eficientes colaboradores Moreira Bastos e Moreira Leite, e vêm tendo exibições convincentes na presente temporada, sob a influência e os cuidados que estão recebendo da atual administração.

Transcrevemos a seguir, o que nos disse sobre a individualidade impar do Cel. Orsini Coriolano, o jornalista, escritor e flamengo de verdade, José Lins do Rego: "O Coronel existe de verdade. O "Dragão Negro" é apenas uma abstração. Mas uma abstração que tem, como muitas outras abstrações, o poder de mandar em coisas concretas. O Coronel acredita na abstração e a abstração confia no Coronel. E assim, uma vez Flamengo, sempre Flamengo".

No centro desta página vê-se o Cel. Orsini Coriolano, numa pose especial para a "REVISTA DA SEMANA". Em baixo, o presidente do Flamengo aparece ladeado pelos srs. João Lyra Filho, Vargas Neto e Max Gomes de Paula, numa reunião de caráter esportivo.







Em cima, à esquerda: O Cel. Orsini Coriolano, assistido por outros diretores da N. A. B., dirige a palavra a numerosos funcionários da grande empresa. A direita: Um expressivo aspecto colhido no hangar-oficina da base aérea de Manguinhos. No centro: O Cel. Orsini Coriolano, cercado por engenheiros da S. A. B. Em baixo, à esquerda: Um detalhe do serviço de rádio-comunicações. — A direita: Mecânicos da N. A. B. revisando um motor moderníssimo.

**N** OS meios militares, o Cel. Orsini Coriolano é considerado como um dos oficiais da aeronáutica de curso técnico mais aperfeiçoado, sendo dignos de nota os assinalados serviços por ele prestados ao país no Correio Aéreo Militar e na Força Aérea Brasileira. Em sucessivos estágios realizados nos Estados Unidos da América do Norte, Orsini Coriolano adquiriu notáveis conhecimentos aeronáuticos, aplicados com inteligência e proveitosamente na organização dos serviços técnicos da Navegação Aérea Brasileira, de que é Diretor Técnico, empresa genuinamente brasileira, que possui uma frota de aviões das mais numerosas, em que predominam os Douglas DC-3, e pilotos e especialistas de reconhecida capacidade profissional, componentes das várias turmas que têm se formado sob sua competente e esclarecida direção.

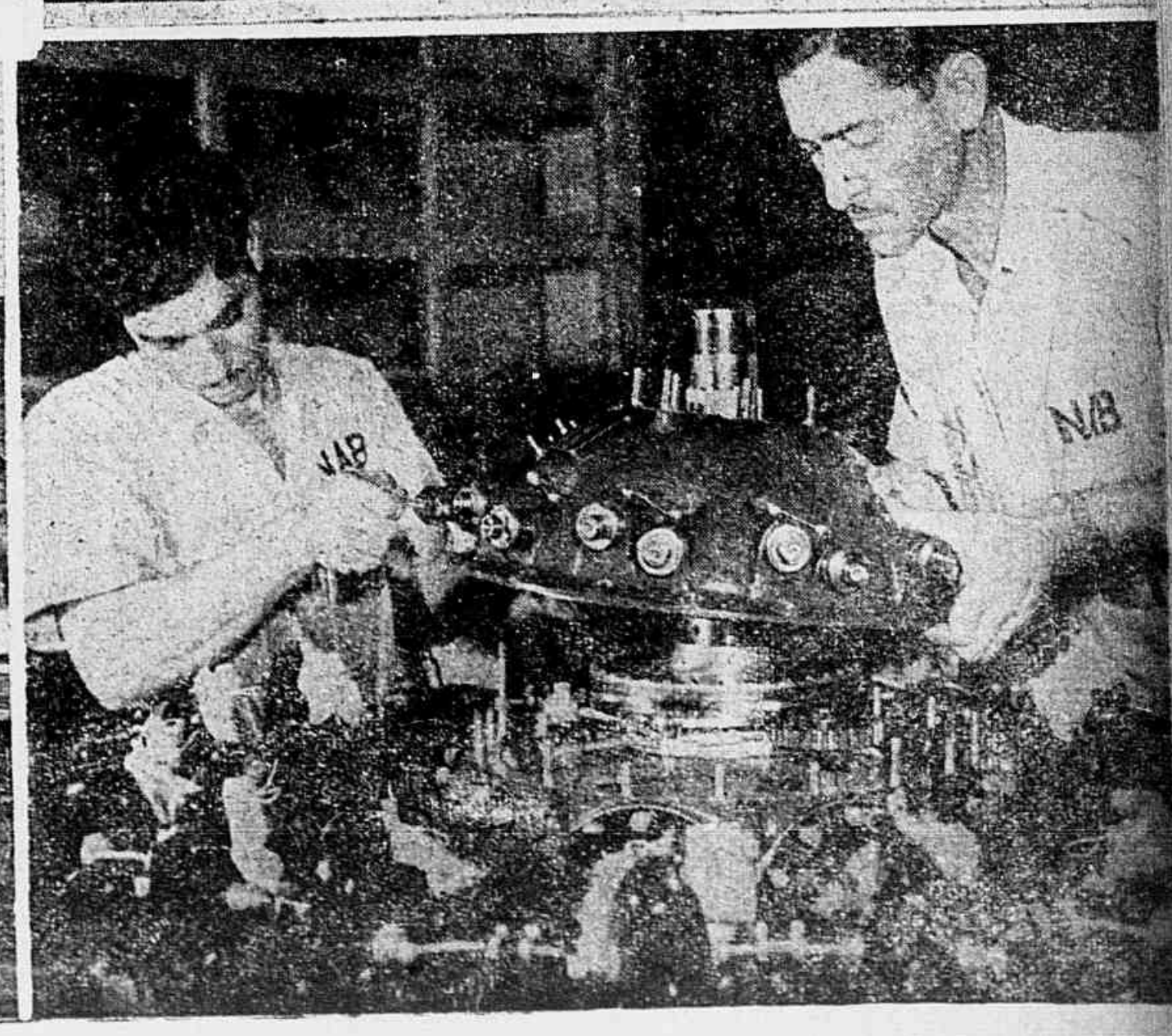
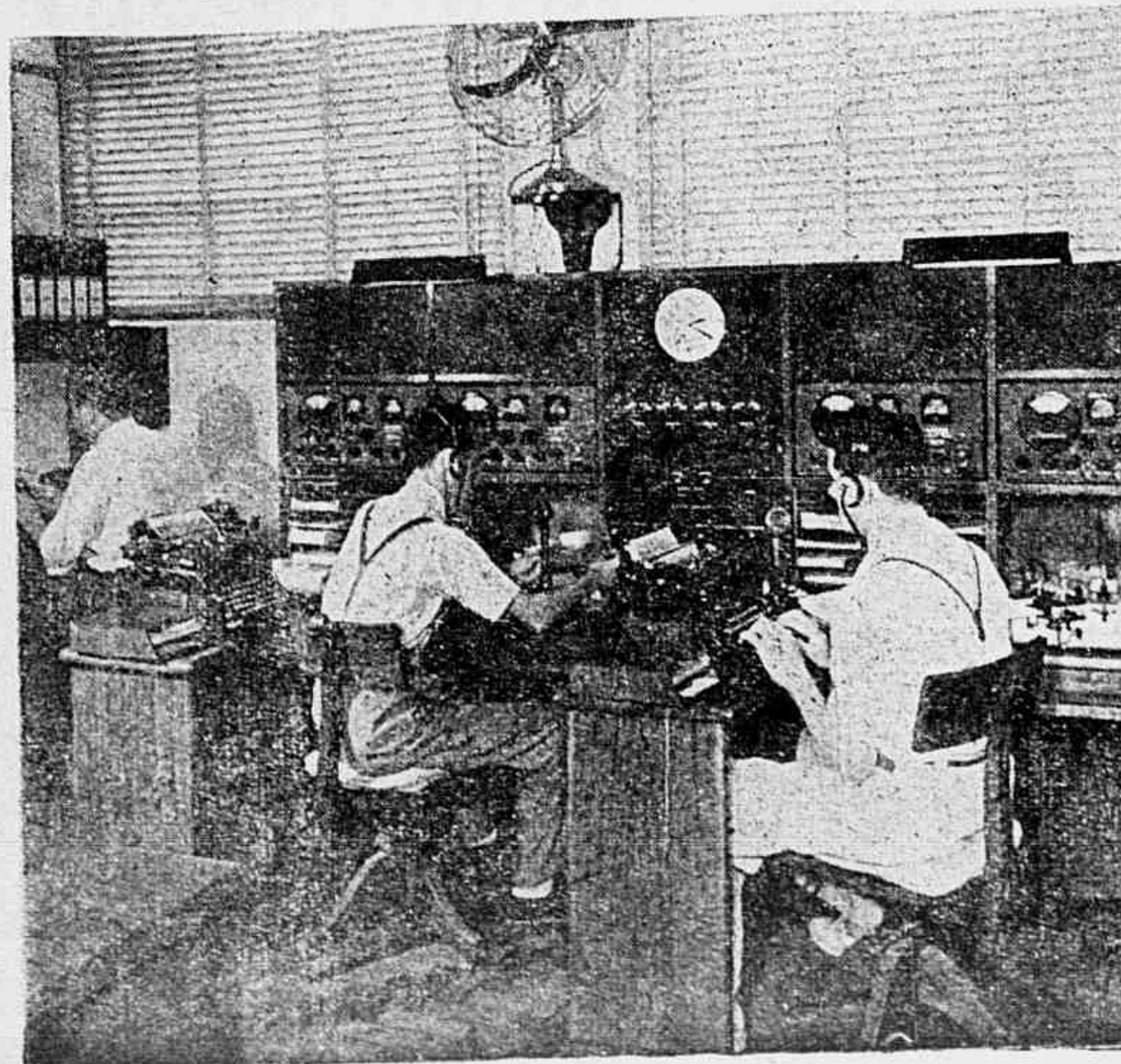
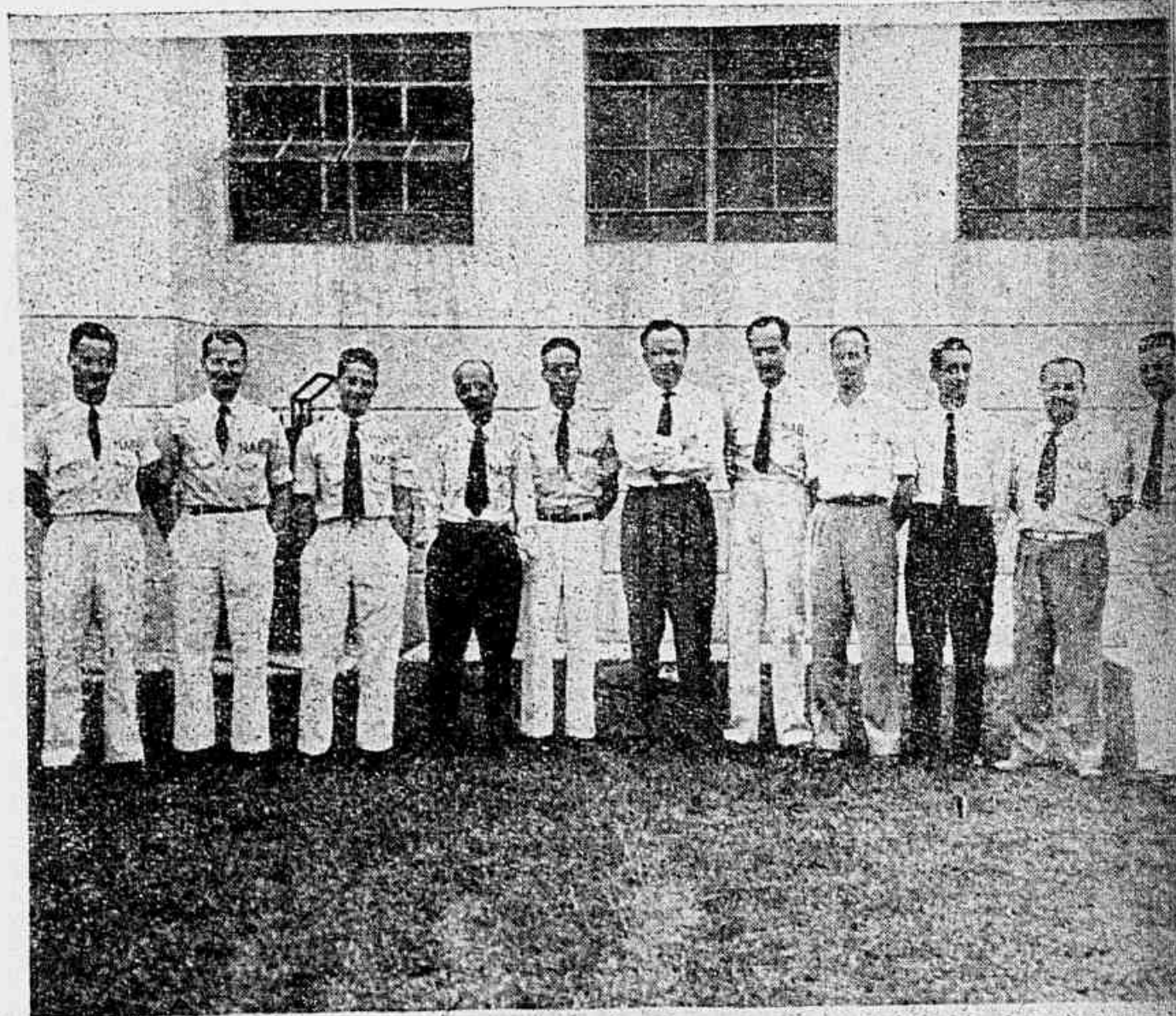
A estruturação do terreno da base aérea de Manguinhos, em que se acha instalado o hangar-oficina, é trabalho de grande mérito devido à capacidade do Cel. Orsini Coriolano, sendo de justiça destacar o moderno e perfeito aparelhamento técnico da referida base, em virtude do qual a N. A. B. oferece aos passageiros dos seus aviões e às suas tripulações, conforto e segurança inextinguíveis.

Apoiada na organização modelar que possui, tendo os seus serviços um desenvolvimento perfeito e, por isso mesmo, altamente produtivo, conseguiu a N. A. B. criar para si uma situação de real prestígio e merecido conceito, nos círculos aeronáuticos e nas diversas camadas sociais do Brasil, ao fim de 6 anos de laboriosos trabalhos e de esplêndidos êxitos.

A "Frota do São Francisco", como é conhecida, composta dos modernos e possantes aviões da N. A. B., sobrevôa diariamente parte do Rio S. Francisco, sendo atualmente a única que faz escala em Petrolina, no Estado de Pernambuco, e Lapa, no Estado da Bahia, realizando, assim, um trabalho de penetração pelo interior do Brasil, de grande valor sob todos os aspectos.

Muito ainda poderíamos dizer, se nos sobrasse espaço, em torno das brilhantes e

patrióticas atividades do Cel. Orsini Coriolano, que por todos os motivos, vem conquistando a admiração respeitosa dos círculos esportivos e aeronáuticos brasileiros, em que é justamente considerado como elemento de incontestável valor.





# A GALINHA DEGOLADA

O dia inteiro sentados num banco, no pátio, ficavam os quatro filhos idiotas do casal Mazzini-Ferraz. Tinham a língua entre os lábios, os olhos estúpidos, e quando voltavam a cabeça era com a boca toda aberta.

O pátio era de terra chã, fechado a oeste por um muro de tijolos. O banco ficava paralelo a ele, a cinco metros, e ali ficavam imóveis, os olhos fixos nos tijolos. Quando o sol se ocultava por trás do muro, ao poente, os idiotas faziam uma festa. A luz cegadora lhes chamava a princípio a atenção, e pouco a pouco os olhos se animavam; riam-se por fim, estrepitosamente, congestionados pela mesma hilaridade ansiosa, olhando o sol com uma alegria bestial, como se fosse comida.

Outra vez, alinhados no banco, zumbiam horas inteiras, imitando o bonde elétrico. Os ruídos fortes conseguiam sacudir-lhes a inércia e então se punham a correr ao redor do pátio, mordendo a língua e mugindo. Quase sempre, no entanto, estavam apagados, num sombrio letargo de idiotia, passando o dia todo sentados no banco, as pernas penduradas e quietas, empapando as calças de saliva glutinosa.

O maior tinha doze anos e o menor oito. Em todo o seu aspecto sujo e abandonado se notava a falta absoluta de cuidado maternal.

Esses quatro idiotas, todavia, tinham sido outrora o encanto dos pais. Aos três meses de casados, Mazzini e Berta orientaram seu restrito amor de marido e mulher e de mulher e marido, para um futuro mais vital: um filho. Que maior ventura para dois amorosos do que essa honrada consagração do seu carinho, livre já do vil egoísmo de um mutuo amor sem finalidade alguma e, o que é pior para o próprio amor, sem esperanças de possível renovação?

Assim o sentiram Mazzini e Berta, e quando o filho chegou, aos quatorze meses do casamento, julgaram completa sua felicidade. A criança cresceu, bela e radiante, até um ano e meio. Mas, no vigésimo mês, uma noite a sacudiram convulsões terríveis, e na manhã seguinte não conhecia mais os pais. O médico examinou-a com aquela atenção profissional que está visivelmente procurando a causa do mal nas doenças dos pais.

Depois de alguns dias, os membros paralizados do pequeno recuperaram o movimento; porém a inteligência, a alma, o próprio instinto haviam-se apagado de todo. Ficava profundamente idiota, baboso, flácido, morto para sempre sobre os joelhos da mãe.

— Meu filho, meu filho querido! — soluçava esta sobre aquela espantosa ruína de seu primogênito.

O pai, desolado, acompanhou o médico fora do quarto.

— Ao senhor pode-se dizer; creio que é um caso perdido. Poderá melhorar, educar-se na medida que lhe permita sua idiotia, porém nada mais do que isso.

— Sim... sim... — concordava Mazzini. — Porém me diga: O senhor acredita que seja herança, que...?

— Quanto à herança paterna, já lhe disse o que pensei quando vi seu filho. De respeito à

mãe, há um pulmão que não respira bem. Não vejo nada de mais, porém há um sopro um pouco rude. Mande-a examinar mais minuciosamente.

Com a alma destroçada pelo remorso, Mazzini redobrou o amor pelo filho, pelo pequeno idiota que pagava pelos excessos do avô. Teve além disso que consolar e sustentar sem treguas a mulher, ferida no mais íntimo por aquele fracasso de sua jovem maternidade.

Como é natural, o casal pôs todo o seu amor na esperança de outro filho. Esse nasceu, e sua saúde e a limpidez de seu riso reacenderam o porvir extinto. Mas, aos dezoito meses, as convulsões do primogênito se repetiam, e no dia seguinte o segundo filho amanhecia idiota.

Desta vez os pais caíram em profunda desesperação. Seu sangue, seu amor estavam portanto amaldiçoados! Seu amor, sobretudo! Vinte e oito anos, ele, vinte e dois, ela, e toda a sua apaixonada ternura não conseguia criar um átomo de vida normal. Já não pediam mais beleza e inteligência, como para o primogênito; mas um filho como todos os outros!

Do segundo desastre brotaram novas chamas de amor dolorido, um desejo louco de redimir de uma vez para sempre a santidade de sua ternura. Vieram dois gêmeos e ponto por ponto se repetiu o processo dos dois maiores.

Mas, por cima de sua imensa amargura, Mazzini e Berta conservavam uma grande compaixão pelos seus quatro filhos. Era preciso arrancar do limbo da mais funda animalidade, não já suas almas, porém o próprio instinto abolido. Não sabiam engulir, mudar de canto, nem sequer sentar-se. Aprenderam por fim a andar, porém batiam em tudo, por não se darem conta dos obstáculos. Quando lhes davam banho mugiam até que o rosto se lhes injetava de sangue. Só se animavam ao comer, ou quando viam cores brilhantes ou ouviam trovões. Então riam, pondo a língua de fora e expelindo rios de baba, radiantes de bestial frenesi. Tinham, no entanto, certa capacidade de imitação; porém nada mais se pôde obter.

Com os gêmeos, pareceu ter concluído a aterradora descendência. Mas, passados três anos, Mazzini e Berta desejaram de novo ardentemente outro filho, confiando em que o largo tempo transcorrido tivesse aplacado a fatalidade.

Não satisfaziam suas esperanças. E nesse ardente anelo que se exasperava devido à sua infertuosidade, os esposos se azedaram. Até esse momento, cada um havia tomado sobre si a parte que lhe correspondia na desgraça dos filhos; mas, a desesperança da redenção, ante os quatro animais que haviam nascido deles, despejou essa imperiosa necessidade de culpar aos outros, que é patrimônio específico dos corações subalternos.

Começaram com troca de pronomes: *teus* filhos. E como, além do insulto, havia a insidia, a atmosfera se carregava.

— Acho — disse-lhe uma noite Mazzini, que acabava de entrar e lavava as mãos — que poderias manter os meninos mais limpos.

Berta continuou lendo, como se não tivesse ouvido.

Conto de **HORACIO QUIROGA**



Tradução de **HERMAN LIMA**

Ilustração de **FERNANDO PEREIRA**





— E' a primeira vez — replicou um momento depois — que te vejo inquietar-se pelo estado de teus filhos.

— De nossos filhos, me parece.

— Vá lá; de nossos filhos. Queres assim? — e ela ergueu os olhos.

Desta vez Mazzini se expressou claramente:

— Creio que não vás dizer que eu tenho a culpa, não é?

— Ah, não! — sorriu Berta, muito pálida. — Nem eu tampouco, suponho!... Não faltava mais nada!... — murmurou.

— Como, não faltava mais nada?

— Porque se alguém tem a culpa, não sou eu, entenda bem! E' isso que eu quero dizer-te.

O marido olhou-a um momento, com um desejo brutal de insultá-la.

— Deixe estar! — articulou por fim, enxugando as mãos.

— Como quiseses; porém se queres dizer...

— Berta!

— Como quiseses!

Esse foi o primeiro choque e outros se sucederam. Porém nas inevitáveis reconciliações suas almas se uniam com duplo arrebatamento e ânsia de outro filho.

Nasceu assim uma menina. Mazzini e Berta viveram dois anos com o angústia à flor da alma, esperando sempre outro desastre. Nada aconteceu, todavia, e os pais puseram na filha toda sua complacência, que a pequena levava aos mais extremos limites do mimo e da mácriação.

Se nos últimos tempos Berta ainda cuidava dos filhos, ao nascer Bertinha esqueceu-se quase de todo dos outros. Só a lembrança deles a horrorizava, como de alguma atrocidade que a tivessem feito cometer. Com Mazzini, ainda que em menor grau, passava-se o mesmo.

Nem por isso a paz havia chegado a suas almas. A menor indisposição da filha dava saída, com o terror de perdê-la, aos rancores pela sua descendência apodrecida. Tinham acumulado fêl por muito tempo para que a viscera não ficasse distendida, e ao menor contacto o veneno e se derramava fora. Desde o primeiro desgosto envenenado, tinham perdido o respeito mútuo; e se há algo a que o homem se sintia arrastado com um prazer cruel, é a humilhar de todo uma pessoa, quando já tenha começado a fazê-lo. Antes, continham-se pela mútua falta de êxito; agora que êste havia chegado, cada um, atribuindo-o a si próprio, sentia maior a infâmia dos quatro abortos que o outro o havia forçado a criar.

Com estes sentimentos, já não houve para os quatro filhos maiores afetos possíveis. A criada os vestia, dava-lhes de comer, deitava-os com grosseira brutalidade. Não os lavavam quase nunca. Passavam quase todo o dia sentados em frente ao muro, abandonados de qualquer carícia remota.

Dêste modo, Bertinha cumpriu quatro anos, e nessa noite, como resultado das gulodices que os pais eram incapazes de negar-lhe, a pequena teve alguns calafrios e febre. E o temor de vê-la morrer ou ficar idiota tornou a reabrir a eterna chaga.

Fazia três horas que não se falavam, e, como quase sempre, os passos fortes de Mazzini foram o motivo ocasional.

— Meu Deus! não podes andar mais devagar? Quantas vezes...?

— Bom, é que me esqueço. Acabou-se! Não o faço de propósito.

Ela sorriu, desdenhosa:

— Não, não te creio capaz.

— Nem eu, jámais, te haveria julgado capaz... Tísica!

Como? Que foi que disste?

— Nada!

— Sim, ouvi dizeres alguma coisa! Olha: não sei que foi que disste; porém juro que prefiro tudo a ter um pai como o que tu tiveste!

Mazzini empalideceu.

— Afinal! murmurou com os dentes cerrados. — Afinal, víbora, disste o que querias!

— Sim, víbora, sim! Porém eu tive pais sãos, estás ouvindo? Sãos! Meu pai não morreu de delírio! Eu poderia ter tido filhos como os de todo o mundo! Esses filhos são teus, todos os quatro!

Mazzini explodiu por sua vez.

— Víbora tísica! Foi isso que eu disse, é o que eu quero dizer! Pergunta, pergunta ao médico, quem é que tem a maior culpa da meningite de teus filhos: meu pai ou teu pulmão afetado, víbora!

Continuaram cada vez com maior violência, até que um gemido de Bertinha lhes selou a boca instantaneamente. A' uma hora da manhã a ligeira indisposição havia desaparecido, e, como acontece fatalmente com todos os casais jovens, que se tenham amado intensamente nem que se'a uma vez, veio a reconciliação, tanto mais efusiva quanto mais infames tinham sido os insultos.

Amanheceu um dia esplêndido e quando Berta se levantava escarrou sangue. As emoções e a má noite passada tinham sem dúvida grande







Na corte de Ernesto IV, o príncipe de Parma, onde Stendhal localizou a maior parte da intriga de sua famosa obra literária.

# “LA CHARTREUSE DE PARME” NOVO FILME FRANCÊS

**P**ARIS, agosto (Pelo “Bandeirante”, da Panair do Brasil) — Os grandes dramas de época, as reconstituições do passado, que antes do flagelo de 39 constituíram o assunto predileto do cinema francês, continuam sendo outra vez as peças preferidas pelos produtores franceses, atualmente em grande atividade, depois da longa paralisação consequente à última guerra.

Dentro de poucas semanas, o público parisiense terá a oportunidade para apreciar dois grandes filmes históricos, ambos produzidos pela “Production Associée-André Paulvé-Scalera Film”: “Ruy Blas”, sobre o qual a “REVISTA DA SEMANA” publicou recentemente uma ampla reportagem, sendo o primeiro magazine ilustrado não só do Brasil mas do mundo inteiro a divulgar em primeira mão algumas cenas desse grande filme, e “La chartreuse de Parme”, outra película histórica que está sendo filmada, devendo ser exibida em Paris dentro de poucas semanas.

## “LA CHARTREUSE DE PARME”

Depois de um ano e alguns meses de preparação e viagens através da Itália,

**ADAPTADO PARA O ÉCRAN O ROMANCE IMORTAL DE STENDHAL — UM FILME QUE PROMETE SER UMA DAS MELHORES PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS DE 1947 — UM GRANDE ELÊNCO COM NOTÁVEIS INTÉRPRETES DO CINEMA FRANCÊS E ITALIANO — RECONSTITUIÇÃO DE SÍTIOS HISTÓRICOS DA ITALIA DO SÉCULO PASSADO — A VOLTA DE TULLIO CARMINATTI.**

Reportagem de NELSON VAINER

Fotos da “Production Associée-André Paulvé-Scalera Film”

lla. Christian-Jaque, Pierre Véry e Pierre Jarry, adaptaram para o écran o célebre romance do imortal Stendhal, “La Chartreuse de Parme”. Tanto o nome de Christian-Jaque, a quem se deve a realização dos seguintes filmes, que fizeram época: “L’Enfer des Anges”, “Premier Bal”, “Boule de Suif”, “Carmen” e “Sortilèges”, como os dos principais protagonistas, do filme, garantem o sucesso total de “La Chartreuse de Parme”.

Os principais artistas desse filme, são: Renée Faure, Maria Casarès, Gérard Philipe, Lucien Coedel, Louis Salou,

Louis Seigner, Tullio Carminati e Aldo Silvani.

## O ENREDO

O drama se passa na Itália, no Principado de Parma, nas primeiras décadas do século passado. É uma história cheia de intrigas incríveis, maquiavélicas, na qual as traições, paixões e crimes se confundem. Eis um resumo do imortal romance de Stendhal, maravilhosamente adaptado para o écran:

Fabrice Del Dongo, depois de completar um curso e uma temporada de vida

faustosa em Nápoles, regressa ao Principado de Parma. Esse território é dominado por um tirano, o Príncipe Ernesto IV, grande pusilânime que tenta em vão reprimir os frequentes “complots” dos “Carbonários”.

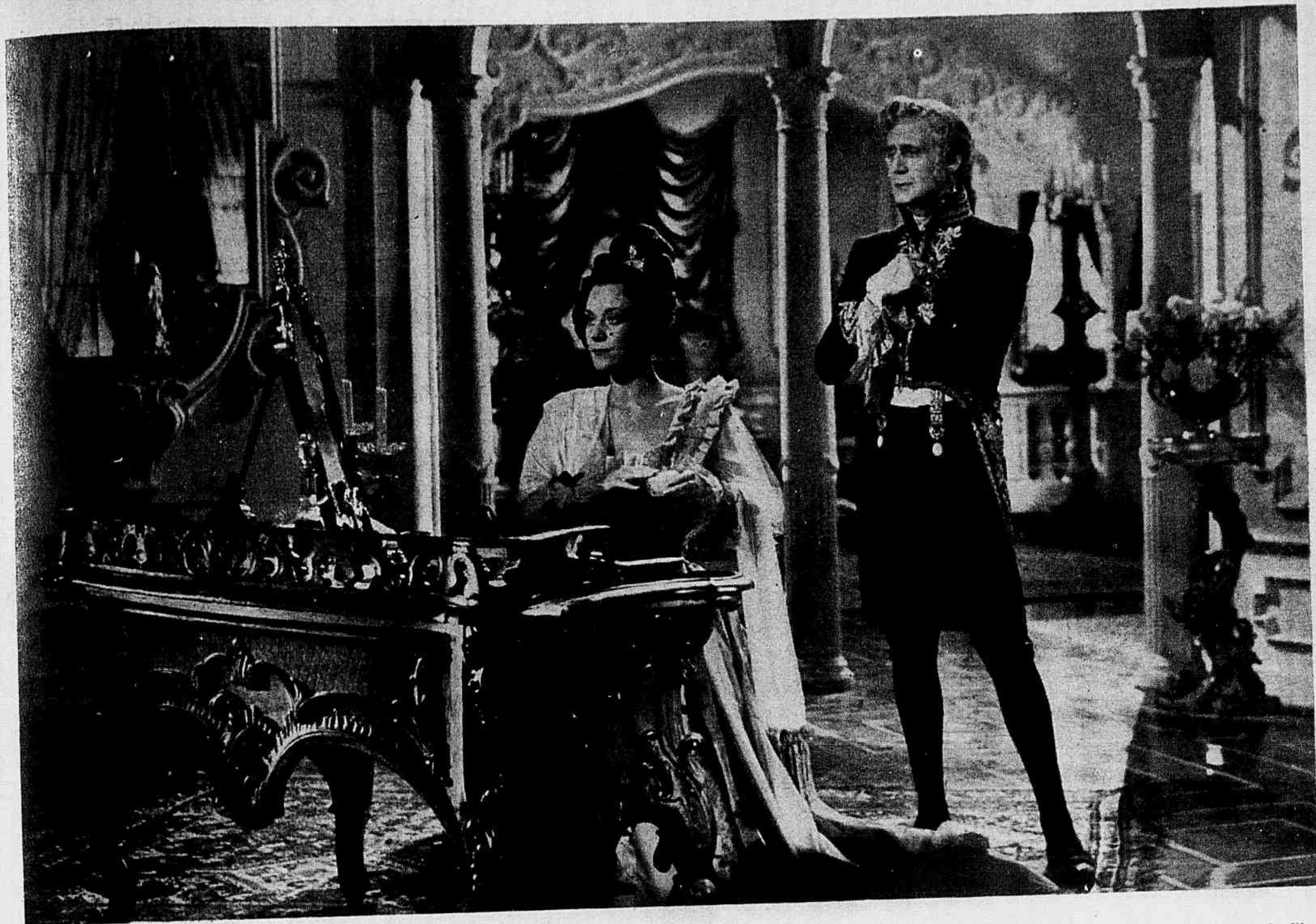
A chegada de Fabrice vem complicar mais ainda a situação de Parma. A duquesa Sanseverina, amante do conde Mosca, se apaixona ardentemente pelo jovem recém-chegado. Este, porém, sente por ela, que tem mais de quarenta anos de idade, um amor puramente filial.

Durante uma festa no palácio do Príncipe, a encantadora jovem Clelia Conti, filha do governador da prisão de Parma, se apaixona por Fabrice. As intrigas começam circular por toda parte, enquanto o chefe de polícia, Rassi, procura aproveitar a oportunidade para suplantar o conde Mosca na Corte.

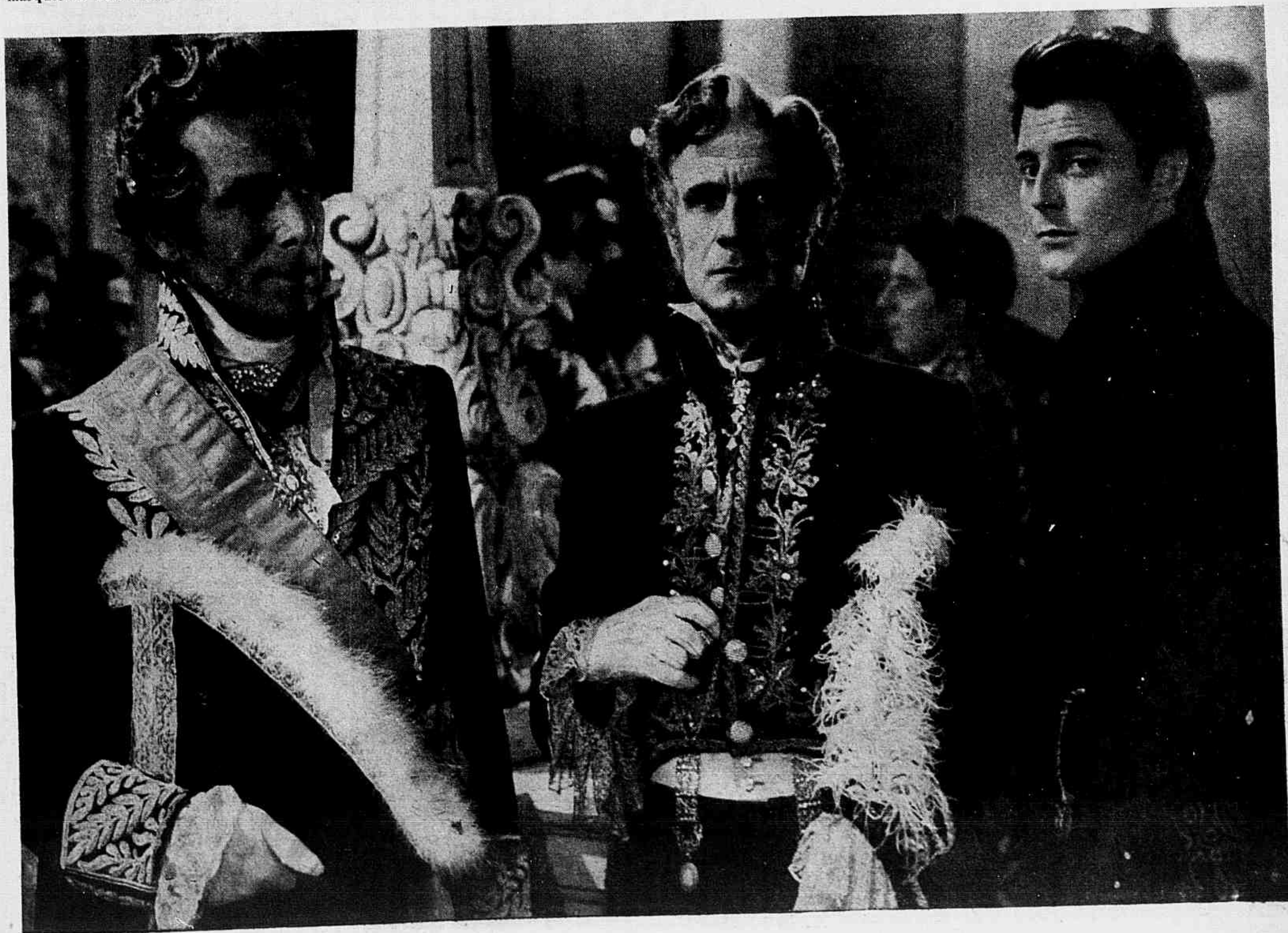
Fabrice, por sua vez, se apaixona por uma jovem comedianta, Marietta, que aceita a sua paixão. Tornam-se amantes, o que provoca a ira do bailarino Gilletti, amante de Marietta. Não querendo perder a sua amante, Gilletti se atira sobre Fabrice e Marietta, mas cai

**A**SSIM como J. Arthur Rank lançou as bases de uma “entente cinematográfica” entre a Inglaterra e os Estados Unidos, com o intercâmbio ativo de atores, diretores e argumentistas, — e em escala menor estão fazendo o cinema mexicano e o argentino, assim como os estúdios de Madrid e os de Lisboa, — a França e a Itália lançaram as bases de um sólido entendimento, do qual se esperam os melhores resultados. De um lado, está a Scalera Filme, da Itália, com grandes capitais, e do outro lado a experiência dos atores franceses, dos diretores e dos técnicos experimentados e que, além disso, associam o bom gosto à experiência, já de si bastante valiosa. Os filmes que surgirem dessa “entente” terão curso livre nas telas dos dois países, sendo considerados franceses, na França, e italianos, na Itália. Elencos bilingues estão sendo usados, com a vantagem de estarem disponíveis atores como Tullio Carminatti e outros, que falam tão bem o francês como seu idioma nativo. E que nos mostra já não existir animosidade entre a França, um dos aliados vitoriosos, e a Itália, agressora derrotada, mas a caminho da reabilitação democrática total, — é que está sendo produzido o filme verdadeiramente ousado e portentoso, que será “La Chartreuse de Parme”, sobre o qual nosso enviado especial à Europa, jornalista Nelson Vainer, nos envia as notas que publicamos nesta página e que são as primeiras informações confiadas à imprensa estrangeira pelo grande consórcio cinematográfico franco-italiano.





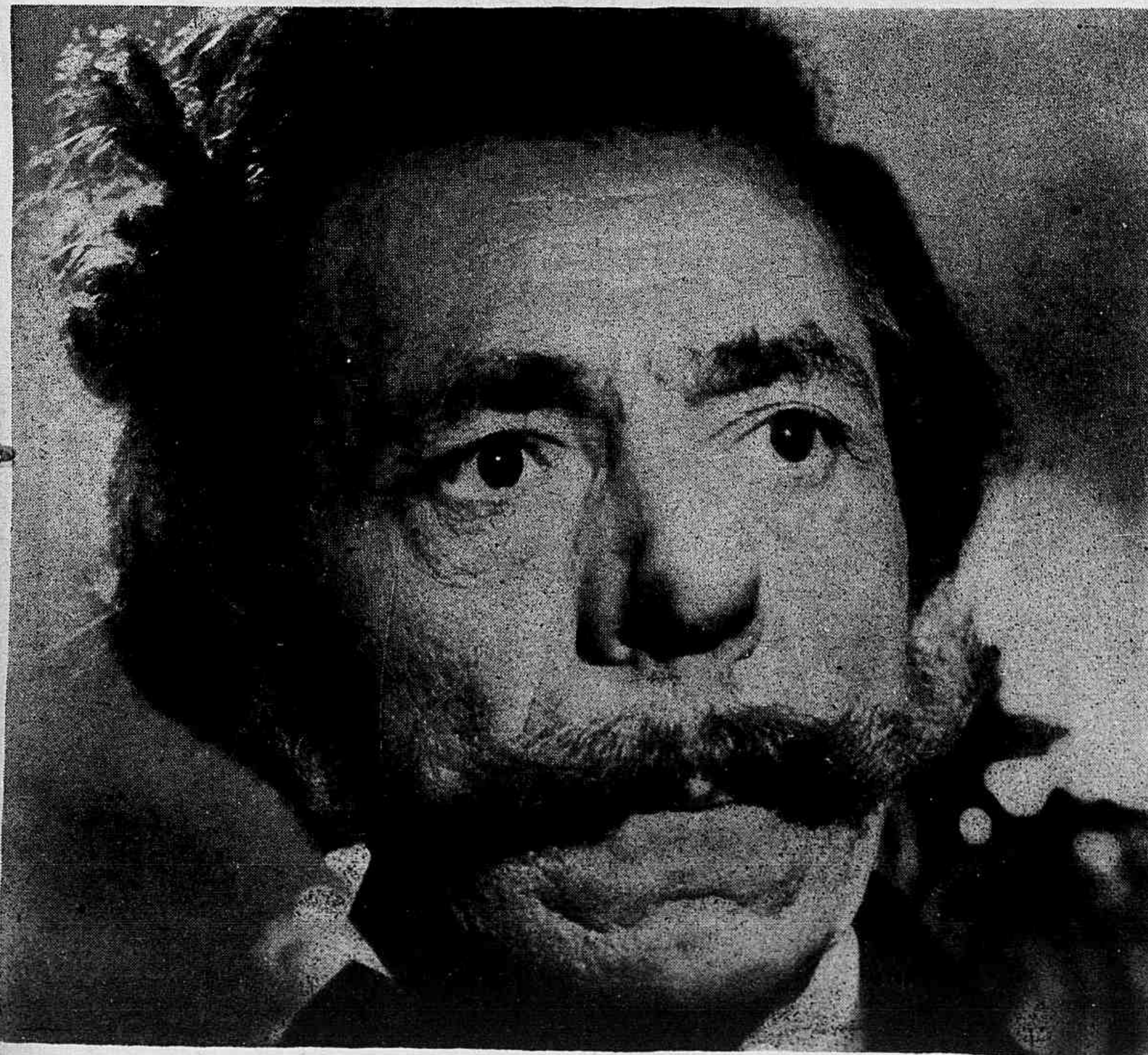
Ao alto: O veterano Tullio Carminatti, no papel do conde Mosca, e a atriz francesa Maria Casarès, no papel da duquesa de San Severina. Em baixo: o trio de apaixonados do filme: o marquês de Crescenzi, o conde Mosca e o jovem Fabrizio Del Dongo. O do centro é Tullio Carminatti, que fez sucesso ao lado de Grace Moore em "Ama-me esta noite".







Na página ao lado: A atriz francesa Maria Casarès, no papel de Clélia. Nesta página, ao alto: o ator Louis Salom, no papel do pusilânime príncipe de Parma, que não soube reprimir os "carbonários". Em baixo: O ator italiano Aldo Silvani, governador da prisão de Parma e pai da jovem Clélia.



mortalmente ferido pela faca que a co-mediante passa ao novo amante.

Fabrice e Marietta, cientes do que irá suceder-lhes, realizam uma fuga precipitada. Mal passam a fronteira, são presos e reconduzidos a Parma. Fabrice é internado na torre da fortaleza do Príncipe do Principado, onde o tirano prende os denados políticos.

Revoltado com o tratamento dispensado pelo intrigante Rassi, Fabrice o agride, insultando a justiça do Príncipe. Entretanto, não deixa de perceber, através da janela da prisão, os doces olhares de Clélia. Pouco a pouco os olhares dos dois jovens vão se encontrando, diariamente, de longe. Fabrice sente pela primeira vez em sua vida uma verdadeira paixão. Está amando como nunca.

O julgamento, Rassi, intransigente, faz tudo para que a pena a ser aplicada a Fabrice seja a mais dura. O jovem acaba condenado a vinte anos de cárcere.

Surge, então, a duquesa Sanseverina e exige ao Príncipe a sua direta intervenção no caso Fabrice. Ernesto IV nega a sua intervenção, alegando que adna pode fazer. A duquesa se retira e jura não descansar enquanto Fabrice não for livre. Ela procura Ferrente Palla, chefe dos Carbonários, o qual, com a ajuda de Clélia, consegue libertar Fabrice da prisão.

Descoberta a fuga, o pai de Clélia e chamado à polícia. Compreendendo que o seu pai é agora o responsável pela ação que ela praticara, Clélia, que havia prometido à Virgem não mais se casar depois da evasão de Fabrice, aceita o convite de casamento do velho marquez de Crescenzi, amigo do seu pai, homem muito rico e de grande influência na Corte.

O jovem, agora em liberdade, lamenta sua evasão da prisão, onde via, diariamente, através da janela, o lindo rosto da jovem Clélia. A duquesa Sanseverina, vendo que jamais seria correspondida por Fabrice, anuncia-lhe o noivado de Clélia com o conde de Crescenzi.

A história, como se vê, tremendamente complicada, termina com uma revolução dos Carbonários. A duquesa se retira com o conde Mosca para longe de Parma, onde em vão tentou ser feliz. Quanto a Fabrice, que compreendeu a situação, pois não poderia de maneira alguma desposar a encantadora Clélia, se refugia na paz de vida claustral, procurará viver com a lembrança daquela que foi o seu único e verdadeiro amor.

#### A REALIZAÇÃO DO FILME

Como todos os bons filmes históricos franceses, nos quais todos os fatos das obras históricas são sempre respeitados, não sofrendo o enredo a mínima alteração, "La Chartreuse de Parme" levará os espectadores à Corte do pequeno Principado da Itália do século passado. Os lugares históricos, magistralmente descritos por Stendhal, foram fielmente reconstituídos para a filmagem. E' nisso que reside grande parte do valor da película. Ora, nem em Parma, nem nas suas proximidades, existe vestígio algum da célebre torre descrita pelo grande romancista. Mas ela aparecerá no filme, com todos os pormenores da sua construção. Para isso, D'Anbone, decorador do filme, edificou, nas proximidades dos estúdios, num terreno vazio, uma torre de 40 metros de altura, com todas as células onde o seu governador Conti — encarnado pelo excelente ator italiano Aldo Silvani — poderá dizer: — "Aqui ninguém tem a menor chance de evasão. Nada de ilusões, nada de desilusões".

Empatando dezenas de milhões de francos na realização de "La Chartreuse de Parme", a "Production Associée-André Paulvé-Scalera Film" apresentará ao mundo uma grande película de época.







**E**RA no fim da janta de inauguração das caçadas, na propriedade do marquês de Betrants. Onze caçadores, oito serenos jovens e o médico da região se achavam reunidos em torno da grande mesa iluminada, coberta de frutas e de flores.

Veio-se a falar de amor, e uma grande discussão se entabou, a eterna discussão, para saber si se podia amar verdadeiramente uma única ou várias vezes. Citaram exemplos de gente que nunca teve mais do que um amor sério, e também de gente que amou muitas vezes, e com violência. Os homens, em geral, acharam que a paixão, como as doenças, pode atacar várias vezes a mesma criatura, e atacá-la a ponto de a matar, se algum obstáculo se opuser. Embora este modo de ver não fôsse contestável, as mulheres, cuja opinião se apoiava mais na poesia que na observação, afirmavam que o amor, o amor verdadeiro, o grande amor, só podia acometer uma única vez a um mortal; que era semelhante ao raio, êsse amor, e que um coração tocado por êle ficava, depois, de tal forma esvaziado, assolado, incendiado, que nenhum outro sentimento forte, nem mesmo nenhum sonho, poderia ali germinar de novo.

O marquês, que muito havia amado, combatia vivamente tal crença:

— Pois eu lhes digo que se pode amar várias vezes, com tôdas as forças e com toda a alma. Citam-me pessoas que se mataram por amor, como prova da impossibilidade de uma segunda paixão. Eu lhes responderei que, se não tivessem cometido essa asneira de suicidar-se, o que lhes retirava toda oportunidade de recaída, êles se teriam curado; e teriam recomeçado, e sempre, até a sua morte natural. Amorosos ou bêbedos, dá no mesmo. Quem bebeu beberá — quem amou amaré. E' uma questão de temperamento, isso.

Tomaram por árbitro o doutor, velho médico parisiense, retirado para o interior, e pediram-lhe sua opinião.

Justamente êle não a tinha:

— Como disse o marquês, é uma questão de temperamento; quanto a mim, tive conhecimento de uma paixão que durou cinquenta e cinco anos, sem um dia de tréguas, e que só terminou com a morte.

E a marquesa, batendo palmas:

— Que lindo isto! E que sonho ser amado assim! Que felicidade viver cinquenta e cinco anos envolvido nessa afeição tenaz e penetrante! Como deve ter sido feliz, e como deve ter abençoado a vida, aquele a quem adoraram dessa maneira!

O médico sorriu:

— Com efeito, madame, a senhora não se engana nesse ponto, de que o ser amado tenha sido um homem. Conhece-o, é M. Chouquet, o farmacêutico do burgo. Quanto a ela, a mulher, também todos a conhecem aqui. É a velha empalhadora de cadeiras que vinha todos os anos ao castelo. Mas eu vou explicar melhor.

O entusiasmo das mulheres esfriara, e as suas fisionomias aborrecidas pareciam dizer: "Bah", como se o amor só devesse atingir a seres refinados e distintos, os únicos dignos do interesse de gente educada.

O médico continuou:

— Eu fui chamado, há uns três meses, para ver aquela velha, no seu leito de morte. Chegara na véspera, no carro que lhe servia de casa, puxado pela mula ruça que viram, e acompanhada pelos dois grandes cães negros, seus amigos e guardas. O cura já ali se achava. Ela nos constituiu seus executores testamentários, e, para nos esclarecer o sentido das suas últimas vontades, contou-nos toda a sua vida. Não sei de nada mais singular nem mais pungente.

O seu pai era empalhador e a sua mãe empalhadora. Ela jamais conhecera casa plantada em terra.

Conto de

**GUY DE MAUPASSANT**

Ilustração de

**ORLANDO MATTOS**

Em pequenina, ela errava assim, maltrapilha, piolhenta, sórdida. Paravam na entrada das aldeias, ao longo dos fossos; desatrelavam o carro, o cavalo pastava; o cachorro dormia, com o focinho entre as patas; e a pequena se rolava pelo capim, enquanto o pai e a mãe consertavam, à sombra dos olmos da estrada, todas as velhas cadeiras da comuna. Não falavam absolutamente, naquela casa ambulante. Após as poucas palavras necessárias para decidir quem sairia pelas ruas a apregoar: "Empalhador de cadeiras!" punham-se a preparar a palha, frente a frente, ou lado a lado. Quando a menina ia muito longe ou tentava entrar em relações com algum garoto da aldeia, a voz colérica do pai a chamava: "Volta para trás, crápula!" Eram as únicas palavras ternas que ela ouvia.

Quando se tornou maiorzinha, mandavam-na arrecadar os assentos de cadeiras avariados. Então ela esboçou, aqui ou acolá, algumas relações com os petizes; mas eram então os pais de seus novos amigos que chamavam brutalmente seus filhos: "Já para dentro! Que eu não te veja mais de conversa com êsses pés-rachados!..."

Muita vez os pequenos lhe atiravam pedras.

Algumas damas lhe davam às vezes alguns sous, que ela guardava cuidadosamente.

Um dia — tinha ela onze anos — quando de passagem por aqui, encontrou atrás do cemitério o pequeno Chouquet, que chorava porque um camarada lhe havia roubado duas moedas. Aquelas lágrimas de um burguezinho, de um dêsses pequenos que ela, na sua frágil cachola de desherdada, imaginava sempre felizes e contentes, causaram-lhe um grande abalo. Ela aproximou-se e, quando soube do motivo do pranto derramou-lhe nas mãos tôdas as suas economias, sete sous, que êle recebeu com toda a naturalidade, enxugando as lágrimas. Então, louca de alegria, ela teve a audácia de beijá-lo. Como estivesse a considerar atentamente o seu dinheiro, êle deixou-a fazer. Não se vendo nem escorçada, nem batida, ela recomeçou; beijou-o então num grande abraço, de todo o coração. Depois fugiu.

Que se passou naquela miserável cabecinha? Ligara-se ao menino porque lhe sacrificara a sua fortuna de vagabunda, ou porque lhe havia dado o seu primeiro beijo de ternura? O mistério é o mesmo, para pequenos e grandes.

Durante meses, ela sonhou com aquele recanto de cemitério e com aquele menino. Na esperança de revê-lo, ela pôs-se a roubar seus pais, surripiando um sou aqui, um sou acolá, do preço de uma empalhagem, ou das provisões que ia comprar.

Quando ela voltou, tinha dois francos no bolso, mas só conseguiu avistar o pequeno farmacêutico, muito asseado, atrás das vidraças da botica paterna, entre um bocal vermelho e uma ténia.

Ela o amou ainda mais, seduzida, emocionada, extasiada com aquela glória de água colorida, aquela apoteose de cristais brilhantes.

Ela guardou consigo a sua inextinguível recordação, e quando o encontrou de novo, no ano seguinte, junto à escola, jogando bolinha com seus camaradas, tomou-o nos braços e beijou-o com tamanha violência, que êle se pôs a berrar de medo. Então, para apaziguá-

lo, ela lhe deu o seu dinheiro: 3 francos e 20, um verdadeiro tesouro, que êle contemplava de olhos arregalados.

Ele tomou-o e deixou-se acariciar o quanto ela quis.

Durante mais quatro anos, ela despejou-lhe nas mãos tôdas as suas reservas, que êle embolsava com consciência em troca de beijos consentidos. Foi uma vez trinta sous, uma vez dois francos, uma vez doze sous apenas (ela chorou de pesar e humilhação, mas o ano fora ruim) e, na última vez, cinco francos, uma grande moeda redonda, que o fez rir de puro contentamento.

Ela não pensava senão nele; e êle esperava a sua volta com certa impaciência, corria a seu encontro ao avistá-la, o que fazia saltar o coração da menina.

Depois êle desapareceu. Tinham-no mandado para o colégio. Ela o soube interrogando habilmente. Então usou de uma diplomacia infinita para mudar o itinerário de seus pais e fazê-los passar por aqui durante as férias. Ela o conseguiu, mas após um ano de artifícios. Ela ficara, pois, dois anos sem o rever; e mal o reconheceu, tanto êle se achava mudado, crescido, aformoseado, imponente na sua túnica de botões de ouro. Êle fingiu não vê-la e passou orgulhosamente junto dela.

Isto a fez chorar durante dois dias; e desde então ela sofreu sem cessar.

Todos os anos ela voltava; passava por êle sem ousar cumprimentá-lo e sem que êle se dignasse ao menos a voltar os olhos para ela. Ela o amava perdidamente. Assim me disse: "E' o único homem que eu vi neste mundo, doutor; eu mesmo nem sabia se os outros existiam."

Seus pais morreram. Ela continuou no ofício, mas tomou dois cachorros em lugar de um, dois terríveis canzárrões que ninguém ousaria afrontar.

Um dia, ao entrar na aldeia, onde lhe ficara o coração, avistou uma jovem senhora que saía da Farmácia Chouquet pelo braço de seu bem-amado. Era a sua mulher. Êle estava casado.

Na mesma noite ela se lançou no charco que existe na praça da Prefeitura. Um bêbado retardatário pescou-a e levou-a para a farmácia. O jovem Chouquet desceu de robe de chambre, e, sem parecer reconhece-la, despiu-a, friccionou-a, depois lhe disse num tom severo: "Você é uma louca! E' asneira fazer uma coisa destes!"

Isso bastou para a curar. Êle lhe havia falado! Ela sentia-se feliz para muito tempo.

Êle nada quis receber em remuneração de seus cuidados, embora ela insistisse vivamente em lhe pagar.

E toda a sua vida se passou assim. Ela empalhava pensando em Chouquet. Todos os anos o vislumbrava por detrás de suas vidraças. Tomou o hábito de comprar na sua casa provisões de pequenos medicamentos. Dêsse modo, ela o via de perto, e lhe falava, e ainda lhe dava dinheiro.

Como já disse, ela morreu nesta primavera, depois de me haver contado toda esta triste história, pediu-me para entregar àquele a quem tão pacientemente amara, tôdas as economias da sua existência, pois não havia trabalhado senão para êle, unicamente para êle, dizia ela, chegando até a jejuar para fazer economias, e ter certeza de que êle pensaria nela, ao menos uma vez, quando ela estivesse morta.

Entregou-me, pois, dois mil trezentos e vinte e sete francos. Deixei ao senhor cura os vinte e sete francos para o entérro, e levei o resto quando ela exalou o último suspiro.

No dia seguinte fui procurar os Chouquet. Eles acabavam de almoçar em face um do outro, gordos e corados, cheirando a drogas farmacêuticas, importantes e satisfeitos.

(Cont. na pág. 55)



# ALMOPALHA DOURA



ORLANDO  
MATTOZ





Ao alto: Ella Raines, ao lado de Peter Lind Hayes, em seu último filme para a Universal, "The Senator was indiscreet", — no qual William Powell é o "astro". Em baixo, à esquerda, Ella Raines, no dia em que casou, pela segunda vez, com um militar: o major Robin Olds. A direita: Ella Raines escolhendo trajes para um de seus recentes filmes, produzido pela Universal.





# ELLA RAINES

## E' LOUCA PELA FARDA

DUAS VEZES CASADA, FISGOU DE CADA VEZ UM MAJOR — PALESTRANDO COM A FORMOSA ARTISTA, NO ESTÚDIO DA UNIVERSAL — UMA MENSAGEM AOS "FANS" DO BRASIL.

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" e de "A CENA", em Hollywood).

**H**OLLYWOOD — Setembro — Embora uma ou duas moças anualmente sejam lançadas de sopetão para a fama e a fortuna, em Hollywood, poucas são as que se conseguem manter nas alturas após o recesso, o que requer mais do que a média de sorte e talento possuídos pelos novatos da tela.

Ella Raines é uma das que ficaram lá em cima. Esta beleza de olhos verdes teve uma das mais meteóricas ascensões entre as pequenas que conseguiram entrar para o cinema sem o apóio de longa experiência anterior. Isto foi há cinco anos atrás. Desde então ela trabalhou em doze películas, em dez das quais fez o papel principal feminino. Mas, Ella não ficou perturbada com isso. Ela conhece as próprias capacidades e limitações.

E' a síntese perfeita do tipo das garotas americanas: bem vivida, cheia de saúde, boa aparência, capaz de se manter e fazer carreira por si só. E é este o tipo de papel que ela deseja interpretar. Tendo sua própria maneira de ser, ela não quer saber de condessas sofisticadas nem de pequenas glamorosas.

(Cont. na pag. 56)



Ao alto: Ella Raines, a formosa e brilhante intérprete da Universal. Em baixo: Ella Raines, falando a Luis Serrano, correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" e de "A CENA", em Hollywood.





**N**OS últimos tempos do Império, com aura popular, Antonio da Silva Jardim tornou-se propagandista da República, pregando-a em vários pontos do Brasil por meio de sucessivas conferências.

Silva Jardim nasceu na província do Rio de Janeiro, em Capivari, em 1890. Gabriel da Silva Jardim, descendente de militares e agricultores, mestre escola primário, educara e instruiu o filho Antonio por bom caminho moral. Podia fazê-lo com autoridade incontestada, a do exemplo.

O filho assim definiu o progenitor:

"Guiado por sentimentos católicos e monarquistas, amigo da sua profissão de mestre, zeloso até o excesso no cumprir seus deveres, procurando sempre honrar o nome de seus antepassados com um cuidado de nobre de boa raça, como se o fôra.

Tal Gabriel da Silva Passos, o professor primário de duas escolas, em Capivari e S. João da Barra.

Homem de bem, Gabriel Jardim merecera esposa da mesma qualidade. Teve-a, a figura materna assim segundo o filho, "uma senhora alta, magra, morena, de cabelo negro dividido ao meio, de aspecto bom e grá, cuidando de tudo, um sorriso descuidado da coragem, um olhar de observação e de emenda.

A princípio Gabriel Jardim, levado por espírito católico, pensou no estudo eclesiástico para carreira do filho, encaminhando-o seminarista, declarando-lhe o filho preferir outra carreira, o pai não insistindo.

Em Niterói veio Antonio da Silva Jardim iniciar preparatórios sob a direção de pai e filho, Honorato e Felisberto de Carvalho, aquele todo cuidados com o discípulo atacado de varíola e às portas da morte.

Restabelecido, em Niterói ouviu Silva Jardim lições de Silva Pontes e Carpalo Corrêa, dois vários notáveis mestres entre os muitos que têm honrado o magistério na capital fluminense.

Transferindo-se para o Rio de Janeiro, Silva Jardim ultimou estudos secundários em dois centros de ensino, um religioso, outro leigo, o mosteiro de S. Bento e o Externato Jasper, na rua do Rosário.

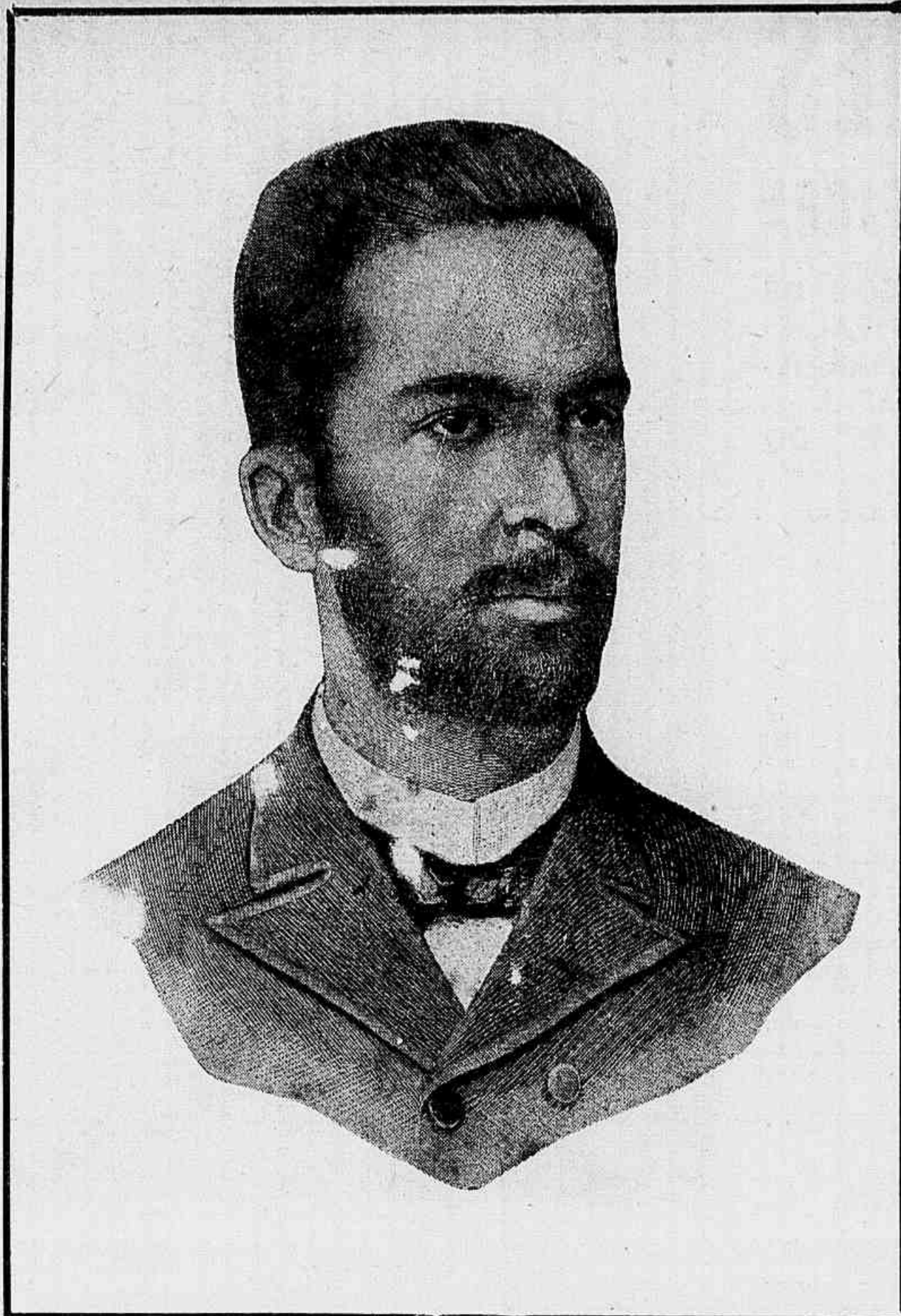
No mosteiro beneditino e na sua compreensível aula de religião, Silva Jardim acompanhou as calmas lições de frei Bento da Trindade Cortez, e de frei Santa Catarina Furtado, a ensinar com pachorra oposta à passageira facilidade do bom frei Lourenço de Santa Cecilia, arrepiado ao som de uma silabada. E ao longo do claustro beneditino, o futuro adepto de Augusto Comte ia aturando levitas e conversando com Clovis Bevilacqua.

Passou Silva Jardim a estudar, valendo-se de livros da Biblioteca Municipal, no Externato Jasper, dirigido pelo norte-americano Jasper Harben, a morar com o discípulo, seu secretário e professor de Retórica no seu colégio de ensino particular.

Finda, não sem apertos pecuniários, a vida preparatória no Rio de Janeiro, seguiu Silva Jardim para S. Paulo, a matricular na sua Faculdade de Direito, que desde fundação como Curso Jurídico se enriquecia de tradições à medida das glórias conquistadas pelos que dela haviam saído para fama nacional.

Acadêmico em 1878 formava-se Silva Jardim em 1882 em ininterrupto curso pois. Das escolas de qualquer grau retiram-se alunos levando para o correr da vida amizade ou pelo menos simpatia por alguns colegas e condiscípulos que jovens irão constituir o grupo dos amigos velhos, desses que compreendem e partilham saudades do tempo de mocidade comum.

Da Faculdade saiu Silva Jardim para amigo de Valentim Magalhães, escolhido para estima grande e colaborador literário entre "A Gazeta do Mosteiro", ti-



Antonio da Silva Jardim — Capivari, Estado do Rio, 1860 — Nápoles 1891

tulo de opúsculo de Silva Jardim, a Faculdade de Direito de sede em antigo mosteiro franciscano.

Casou-se Silva Jardim com uma filha do Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, figura do regime monarquico, ao bando o genro propagandista republicano dos mais ardorosos e itinerantes.

Abolido o Império, não ficou sendo Silva Jardim, o único "desprezado" da República, igual sorte tendo outros correligionários dele, disse José Leão, biógrafo de Silva Jardim, que, para estudo de sua personalidade, se auto-retrata na seguinte carta a destinatário identificado.

"São Paulo, Domingo, 9 de Frederico de 93 (13 de qbro de 1881) — Meu charo collega. Sei que está zangado comigo, pois até hoje não respondeu à minha carta. Em parte tem razão, em outra não lhe perdoo."

"Em parte tem razão, porque o collega escrevia-me me pedindo coadjuvação para o seu jornal, e eu respondi-lhe com uma franqueza tão desagradável quão brutal, talvez numa longa tirada contra o jornalismo".

"O collega fallava-me de uma empreza em que tinha interesse, pedia-me livros do Valentim e eu nada disse-lhe a respeito".

"A explicação do facto é simples; não tinha a carta presente quando lhe respondi. Peço-lhe. Peço-lhe por tudo mil desculpas hoje que directamente respondendo à sua carta, e rogo-lhe não se masse comigo e responda-me. Seria triste que eu causasse desgosto a quem com tanta delicadeza sempre me tractou".

"Quanto à Semana embora eu nela não escrevesse, porque, systematicamente, resolvi não apparecer na imprensa tão cedo, pedi ao Valentim para ella alguma produção. Elle disse-me que não lhe era possível dar-me cousa alguma. Estava, quando lhe fallei, em vespasas do acto do 5.º ano. Quanto aos livros disse-me achar-se exgotada a edição de Cantos Luctas, restando-lhe apenas alguns exemplares, as outras obras não lhe pertencem".

"Os meus trabalhos não lh'os mando porque estou mais que arrependido de os ter publicado. E' triste, mas é verdade. Eis no que dá a nossa educação revolucionária, meu amigo. Trabalhei durante seis annos, mais ou menos na imprensa, escrevi desde estudante de preparatórios, li e estudei muito, explorei vários ramos literários, a critica, o folhetim, o artigo diario de jornal, ensalei-me em varios generos, no humour, no sério, pertenci a várias escolas, fui romantico, fui realista, abracei varias philosophias, a theologia, a metaphysica.

pendi para o materialismo, para a philosophia do desespero de Schopenhauer e Hartmann e quanta cousa existe! Hoje reconheço nullo todo o meu passado literario, porque como diz o maior dos Philosophos, Augusto Comte, porque consistindo nossa evolução em desenvolver nossa unidade, é necessário considerar abortados, ou meramente preparatorios, todos os progressos que não influam sobre o sentimento, fonte exclusiva de tal harmonia".

"Eis porque não lhe envio os meus trabalhos. Julgar-me-la indigno concorrendo para a divulgação de idéas que penso hoje serem prejudiciaes e que podem despertar sentimentos ruins..."

"De facto, em que me tenho exercido eu? E o que é a critica? E' o espirito de destruição dos trabalhos de nosso semelhante; uma forma do instincto de aperfeiçoamento, sim, mas de aperfeiçoamento destruidor, correspondente ao ensino militar. Hoje o aperfeiçoamento deve ser constructor. O folhetim o que é? O riso, a pilheria sobre os homens e as coisas".

"Na critica ajunta-se ainda a ambição espiritual, a validade, a necessidade de ser aplaudido, e o orgulho, ambição, o mando, a necessidade de dominar sobre os trabalhos e intelligencia dos outros. Em tudo quanto tenho feito vejo pois, apenas boas intenções".

"Pode medir a grandeza regeneradora do Positivismo pela franqueza da minha confissão, que hei ainda um dia levar a público".

"Será curioso, bem sei, que um quasi bacharel, jovem academico, moço de esperanças, etc. e tal (pilherias do jornalismo, diga ao publico que mais ou menos considera: Snr. Publico, Vmce, engana-se, não sou o que pensa!"

Convido o meu charo collega a ler e meditar o Positivismo. Acredito que quando uma doutrina dá a um homem força para abjurar um passado de vaidades, a confessar seus erros, essa doutrina tem alguma cousa de grandioso e imperecível".

"Assim o tem experimentado homens eminentes fillados ao Positivismo. Pierre Lafitte, o discípulo dedicado de Augusto Comte, o dr. Robinete, médico ideb, o Dr. Negstion, médico, presidente do grupo positivista sueco, Fabre, Magnin, Emile Antoine, Lagarrigue, Harrison, Miguel Lemos, Teixeira de Souza, Godofredo Furtado, José Bento, Annibal Falcão, Generino dos Santos e tantos outros no Brazil. Elles farão revolucionários, mas também comprehenderão que o processo salvador da sociedade da anarchia em que jaz sem fé, sem crenças, sem amor, sem uma norma moral e somente guiado pelo mais esterilizador egoismo. Elles comprehenderão em boa hora que é preciso salvar os homens pelo culto e veneração à Família, à Pátria e à Humanidade."

"Peço-lhe relevar a extensão desta assim como as minhas faltas. Não deixo de responder-me a menos que queira que eu o suponho mal comigo".

"Recomende-me à sua Exma. Senhoria e ainda uma vez agradeço-lhe em meu nome os obsequios durante a minha estada ahi, assim como de novo lh'os agradeço!"

"Em breve, logo depois do exame oral, vou ao Rio vizitar minha Família. Teria prazer em vê-lo antes".

Saude e Fraternidade.

Collega e amigo dedicado

Antonio da Silva Jardim.

(Rua da Boa Morte n. 35)."

Decenio após a missiva, curtindo delusões em silencio, Silva Jardim partia para a Europa. Nem uma das provincias que percorrera como propagandista, Rio de Janeiro, torrão natal, S. Paulo, Minas, Bahia, Pernambuco se lembrou de Silva Jardim para a Constituinte de 1891, ano no qual perecia Silva Jardim ao caminhar para o Vesúvio em erupção, em correr de lavas.

ESCRAGNOLLE DORIA

SILVA JARDIM





**N**ENA Martinez, estrela do elenco de rádio-teatro da PRC-8, nasceu no Distrito Federal a quatro de fevereiro. No decorrer de 1942, diplomou-se em advocacia, sem que isso perturbasse sua carreira radiofônica, iniciada em 1940 ao microfone da Ipanema, na qualidade de locutora. Nesse prefixo, levada pelo ator Armando Duval, fez sua estréia em rádio-teatro, passando a tomar parte em todos os espetáculos irradiados pela PRH-8. Transferindo-se para a Nacional, formou com Zezé Fonseca e Iara Sales a turma das "Três pequenas do barulho", além de animar outros programas dessa estação. Na Tupi, teve oportunidade de fazer a dona Filoca, do programa "Joca Estrilo" que Caspari escrevia: ao passo que na Guanabara interpretou uma preta velha. Ingressando na Educadora, foi escolhida pelo saudoso Anibal Costa para viver a Dorita, personagem central do "Teatro policial". Mais tarde, levada por mais vantajosa proposta, assinou contrato com a Rádio Club Fluminense, lançando um programa feminino que recebeu o seu nome. Participou ainda de outras atrações, encontra-se no "cast" da Rádio Guanabara, ao lado de Cora Costa, Alvaro Aguiar, Zani Filho, Sergio Erico e outros mais. Fora do rádio dedica-se ao lar, lendo as obras de Zweig, Anatole France, Freud e Emil Ludwig. Conhece vários países europeus, como Portugal e Espanha, onde permaneceu por algum tempo. Seu nome verdadeiro é Consuelo Martinez Roma. Aprecia a boa música; não perde um bom filme e estuda com afinco seus papéis no rádio.

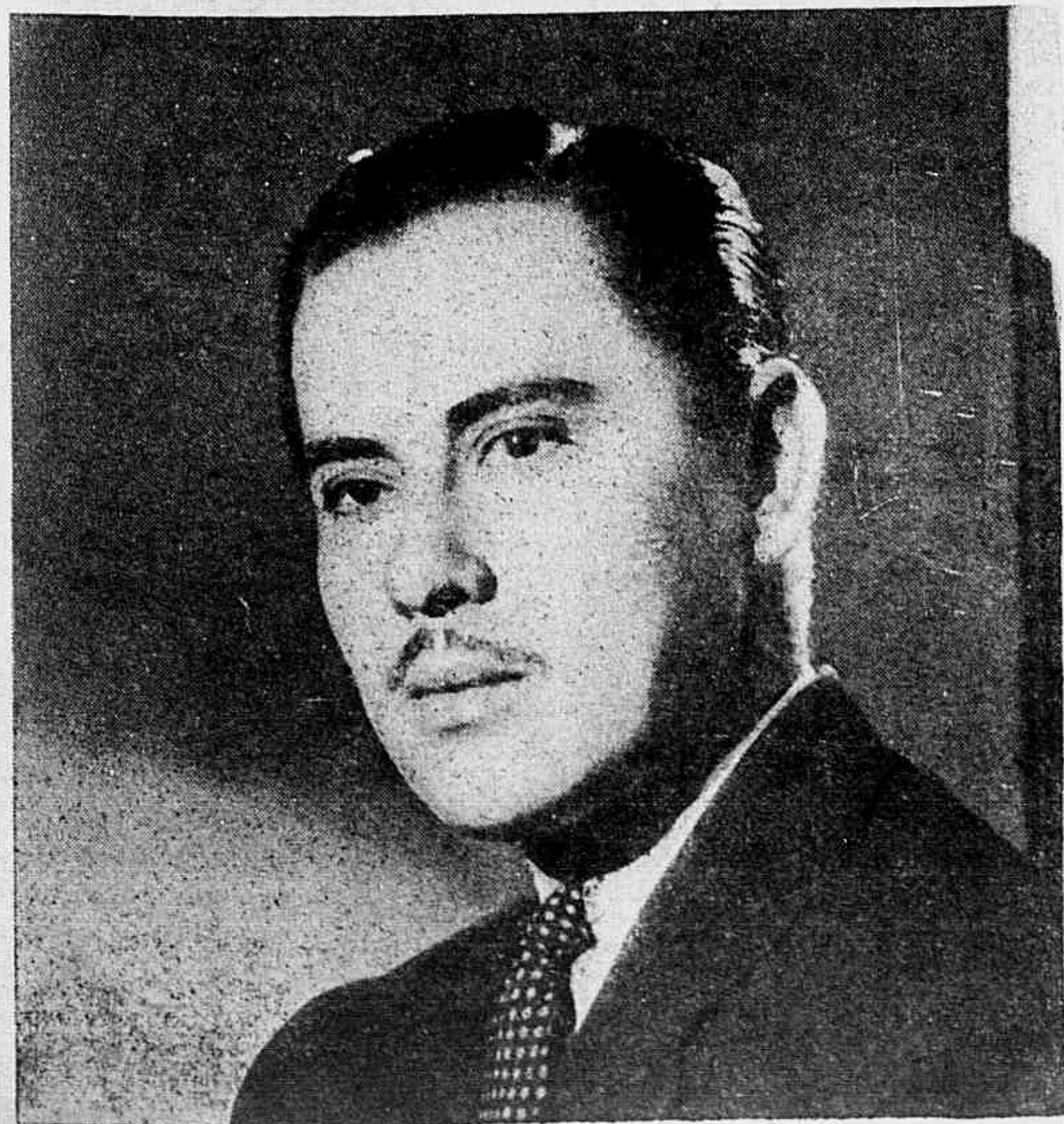
**M**ANUEL Brandão, artista exclusivo da Mayrink Veiga, onde dirige "Bazar de emoções" e participa dos espetáculos de rádio-teatro, começou na Transmissora. Simultaneamente, trabalhou na Guanabara. Depois foi contratado pela Rádio Globo, atuando ao lado de Jesy Barbosa, nos programas femininos da PRE-3. Coube-lhe ainda, apresentar os famosos programas de Amalia Rodrigues, irradiados do Teatro Rival. Ao deixar essa estação, entrou para a PRA-9, seu atual prefixo. É autor de várias peças do "Teatro fantástico" e prepara uma nova série de originais para o "Teatro Romance", que tem a direção de Manuel Braga. A primeira peça intitulada-se "O vale da esperança". Escreveu "No turbilhão da vida", "Visão da guerra" e "Este inferno que é a guerra", três volumes com edição esgotada. Durante sua permanência na Europa, filmou "Dois corações e um destino", ao lado da estrela do cinema europeu, Madeleine Sotta, de quem está divorciado desde 1939. Foi também protagonista de "Tarde demais para viver..." e já realizou seis viagens à Europa. Nasceu em Friburgo, Estado do Rio de Janeiro, e cursou a Universidade de Coimbra, aí escrevendo seu primeiro livro "E assim o amor". No "broadcasting" carioca lançou diversos programas, como "Caravana musical", "Sinfonia azul", "Horas portuguesas" e no momento, escreve e apresenta "Bazar de emoções", que a Mayrink Veiga transmite diariamente das 17 às 18 horas. Manuel Brandão já colaborou na imprensa diária e pronunciou diversas conferências na A. B. I. Fora do rádio, dedica-se aos estudos, lendo, de preferência, os clássicos.

## GENTE DE RADIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA  
EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

**F**ERNANDO Lobo, o criador de "Caricaturas" e "Dicionário Toddy", dois programas que a Rádio Nacional transmite, é pernambucano de nascimento. Sua atividade no "broadcasting" data de quando estudante animava as apresentações da Rádio Club de Pernambuco, interpretando melodias populares. Ainda como cantor, fez parte da "Jazz Acadêmica", com a qual excursionou pelos Estados e visitou Buenos Aires e Montevideo. Concluindo o curso de advocacia, transferiu-se para o Rio, indo trabalhar num escritório que, por sinal, não lhe agradou muito. Começou então, a escrever para a imprensa, sendo sua primeira reportagem publicada em "Caricoca". Nesse período, entrou para o quadro de redatores da Tupi, a título de experiência. Não fosse o campeonato sul-americano de "football", ele teria sido dispensado, mesmo devendo à casa. Na PRG-3, além de outros, lançou "Jóias nativas" e "Fantasia", cartazes que tiveram aceitação compensadora. A seguir, passou ao posto de diretor artístico da Tupi e Tamboi, imprimindo nova feição aos programas ali irradiados. Deixando as "emissoras associadas", viajou para os Estados Unidos, a fim de ingressar na N. B. C., o que fez. Também trabalhou na Metro Goldwyn Mayer, traduzindo filmes, fazendo "dublagens" e orientando. Trabalhou no "Signal Corps", na preparação de filmes para o Exército Brasileiro. Ocupou ainda funções redatoriais na C. B. S. como escritor de programas para o Brasil. Fora do rádio, escreveu uma das principais revistas cariocas e gosta de jogar "pooker".

**A**dez de agosto do corrente ano, aqueles que sintonizam a Rádio Nacional, tiveram oportunidade de ouvir uma nova cantora: — Heleninha Costa. Interprete da música popular brasileira, com destacada atuação nas principais "boites" cariocas, durante algum tempo esteve integrando o "cast" da Mayrink Veiga, onde teve a acompanhar-lhe o ritmo a orquestra dirigida pelo maestro Passos. Tomou parte em diversos "shows" do cassino da Urca; cantou para o povo paulista através de várias emissoras bandeirantes; apareceu em festivais do pessoal de rádio; abrilhantou os programas de estúdio da PRA-9 e chegou a ser convidada a visitar os Estados Unidos, o que não lhe foi possível por estar sujeita a sério contrato. Na Rádio Nacional, com sua "bossa" interpreta o samba. Heleninha Costa canta em "Um milhão de melodias", no "Dicionário Toddy", afora os quartos de hora em que se apresenta isoladamente. Nasceu no Distrito Federal e aqui se tornou cantora, vocação revelada aos oito anos de idade, quando frequentava o Jardim de Infância e constituía número obrigatório em todas as festinhas escolares. Jovem e desembaraçada, não lhe foi difícil triunfar no rádio, porque a par de bonita voz, pertence a brejeirice que a música popular requer. Atualmente, Heleninha Costa desfruta invejável posição na PRE-8, inclusive no "Programa Luiz Vassalo", em que toma parte todos os domingos. Gravou diversos números de sucesso de seu repertório e mantém cordial correspondência com seus "fans". Não é supersticiosa nem tampouco acredita no azar.





# A Roseira

Conto de **EDUARDO CAMPOS**

Ilustração de **A. PAECHECO**

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")



O amor que nasceu sem palavras, sem declarações tímidas, ditas à meia voz, floresceu naquela casinha humilde do fim da rua. Fim de rua onde terminava a linha do bonde, onde começavam tôdas as tragédias da vida. E o bonde, indo e vindo, era o mensageiro daquele povo que não podia morar dentro da cidade.

Até os últimos palacetes da avenida, a viagem era monótona e triste. Os homens bocejavam... As mulheres também. E quando o bonde se despejava na reta final adquiria outra vida. O operário acendia seu cigarro barato e jogava fumaça para o ar. A lavadeira alisava a cabeça do filho, molequinho esperto, levado do diabo, que só queria viajar no estribo. E o condutor vinha estirar dois dedos de prosa com os conhecidos. Depois que eles desciam, o condutor virava a lanca, dirigia uma última frase aos amigos e ia molhar a boca no boteco da Tereza, da Maria, sabe-se lá de quem...

A casa de Valdemir ficava ali naquele fim de linha, fim de rua também, onde um palmo de terra custava 15 cruzeiros com duzentão de entrada. Sabe Deus os sacrifícios com que lutou para erguer sua casinha. Mas o amor que nascera sem palavras, construiu também a casa de Valdemir. Agora, ela é o ponto de referência do zépovinho do fim da linha.

— Onde mora por aqui o chapeado 34, seu moço?

O lábio inferior, estirado, meio apontando.

— Ali... ali, meu filho, depois da casa do seu Demi...

O jardim da frente, prisioneiro de uma cerca de meio metro, é a menina dos olhos do dono da casa. Quem cuida dele, quem morre de amores por ele, é Valdemir. Então, tem uma roseira... Mas, pra dizer a verdade, Maria do Carmo é também a dona do jardimzinho. Ela tem umas tranças tão bonitas, umas covinhas tão delicadas em forma de coração. Maria do Carmo nasceu para amar o seu homem e para tratar daquele jardim.



Valdemir e Maria do Carmo não se conheciam.

Ela — depois foi que veio a saber — vendia miudezas numa loja de "nada além"... Lia Delly nas viagens de bondezinho, de ida e volta. A noite — isso também ele sabia — ficava em casa fazendo aplicações para vender às ani-

gas. Trabalhava, trabalhava e suava como todos os pobres e vestia chita barata, mas uma chita lavada e cheirando a sabão.

Um dia...

— Você me desculpe, mocinha... Mas eu... eu...

Custou a dizer. Ora que tolice! Um homem e com receio de falar a verdade, de dizer que queria que ela pregasse um botão que caíra de seu paletó. Tolicie, sim, era tolice. Entre vizinhos isso é até muito comum.

Ela sorriu abrindo covinhas no rosto. Fazia sim, e quando precisava de qualquer coisa, não tivesse receio, nem acanhamento.

— A gente veio ao mundo foi para servir uns aos outros, seu Valdemir.

Fizeram-se amigos. E Valdemir foi precisando, primeiro, de pregar um botão, depois, um bolso que se rasgara. Por fim precisou mais do que tudo isso. Desejou uma mulher. Mas não falou. Não tinha coragem. Esperou apenas. E o amor floresceu sem palavras e sem declarações medrosas.

O casamento não foi tão difícil. Pobre se arranja de qualquer modo. Uma roupinha mais limpa, um perfume comprado ao gringo e o casamento foi feito nos pés do padre. Depois, veio o retrato, a recordação dos dois.



Maria do Carmo contempla a fotografia esmaecida pelo tempo. Valdemir está por trás dela, segurando-a pela cintura. "Que coisa engraçada... Como ele é sem jeito"... Põe o postal na moldura, outra vez. E se lembra do passado. Primeiro, foi aquela notícia do rádio. O país entrara na guerra. Logo depois o chamado. O uniforme de militar, a formatura. O cabo de curso na frente do pelotão, com os olhos rasos d'água. E naquele dia das despedidas, ela sentiu que ainda não gostara de Valdemir como pensava. Descobriu um outro amor muito maior, muito mais largo.

Percorre a casa. Casa pequena que não tem quase interior. Lembra-se da roseira florida do jardimzinho. Era cos-

tume dele regá-lo todos os dias quando chegava da oficina. Aquele beijo simples, recatado, em qualquer parte do rosto. — "Tudo em paz, Maria?" — e as gotas d'água sobre a roseira de estimação faziam parte do amor que nascera sem palavras, sem declarações medrosas.

E a roseira crescia dando rosas tão bonitas que, certa vez, a moça do último palacete viera pedir-lhe uma para o cabelo.

— Foi o senhor que plantou esta roseira?

Fora ele, mas mentiu.

— Não, foi Maria, minha mulher. Ela gosta muito de plantar e tem uma mão que é uma beleza...

Mas tolice, bondade dele. Todos sabiam que a roseira tinha sido plantada por ele, por aquelas mãos cheias de calos.

Olha o telegrama mais uma vez. Valdemir vem vindo de volta.

Estende a vista para o quarto deles dois, um olhar tão cheio de desejo que ela mesmo se envergonha.

O perfume que exala da roseira florida entra pela janela com um zumbido de abelhas.

— D. Maria, então é mesmo verdade que ele vem?

Estende o pescoço pela janela. As abelhas fogem. Na rua, D. Chiquita com o ventre crescido, com os olhos pretos bem abertos, a tábua de lavar roupa embaixo do braço.

— Ora, se vem? Vem, comadre. Vem.

— Eu bem que dizia. O cabo não seria sopa. Bicho valente!

— Apareça à noite, viu? Fiz um aluá de milho. Coisa pra gente amiga.

Ela disse que vinha. Foi embora. O bonde estava no ponto. O condutor no boteco da Tereza, da Maria, sabe-se lá...

— Me disseram que seu Valdemir vem. D. Maria?

Ela não ouviu bem o que perguntava o homenzinho, mas respondeu que sim. Fechou a janela. Agora se lembrou, não sabe porque, do regador. Ela quer que

Valdemir vá regar a sua roseira, assim que chegar. Então, porque ela tivera tanto trabalho, regando-a todos os dias? Fora pra isso, sim, fora pro marido sentir esse prazer.

Vai pelo corredor assobiando uma marchinha patriótica que parece falar em amor febril. A vizinha do lado botou a cabeça por cima do muro.

— Alegre, hein? Meus parabéns.

— Oh, como vai, bem?

— Não tão bem como você... Porque, sei que, hoje a lua de mel vai ser muito boa...

— D. Eneida, deixe disso.

— Olha a sonsinha... E' bem capaz de não haver outra lua de mel. Eu entendo disso, minha filha.

Nem as duas. Maria do Carmo não sabe o que dizer. Sabe apenas que sua vida vai seguir ritmo manso de poesia humilde.



Maria do Carmo não sabe o que fazer. Aviva o fogo na cozinha. Olha-se no espelho. Apanha as últimas cartas do marido. "Será que ele vem mesmo?" Vem, deve vir. Debruça-se na janela com um olhar aflito. Nada. Não vem ninguém. Fica impaciente. Passa a mão na cabeça. "Que coisa custosa, meu bom Deus!"

Quando Valdemir entra em casa Maria do Carmo perde a palavra. Fica bamba, meio do outro mundo. E se joga pra frente, de encontro àquele peito forte e bem largo.

— Meu bem.

— Minha mulherzinha.

Não dizem mais nada. Não se falam. Não podem falar. São olhos, lábios, corpos que se comunicam. De repente, ela se lembra. Desprende-se de seu corpo farto e pega o regador.

Pelo corredor, ela enxerga a roseira, a roseira deles dois.

— Valdemir, meu bem, a roseira.

— Não disse mais nada. Estendeu para ele o regador. Estendeu, estendeu, estendeu. Mas a mão parou no espaço silencioso da sala. Os dedos se relaxaram, afrouxaram de vez. E o regador caiu no chão com estrondo.

Agora, ela ri histericamente. Quer chorar e ri, ri como uma mulher bêbada que levasse uma bofetada violenta.

— Valdemir, Valdemir, eu não sabia...

Ele não sabe o que dizer. Sorri simplesmente. E quando a mulher se acal-



mou de encontro ao seu peito, balbuciou a grande verdade. Uma granada lhe levava um braço.

Maria do Carmo ficou ainda mais calma. Estava sendo penetrada por um orgulho que suplantava sua compaixão. Seu marido era realmente um homem

superior àquela que vivia no seu coração. Sorriu pra ele. Apanhou o regador e foram os dois, juntos de amor, juntos de felicidade, para o jardim.

O perfume das rosas e o zumbido das abelhas cresciam, cresciam, dentro da tarde calma.







Em cima, da esquerda para a direita: De óculos e capacete de explorador, este menino parece encarar a viagem aérea que pouco depois realizou como um detalhe sem importância de sua jovem vida. Ele é Gordon Helsner, já na respeitável idade de dois anos. O automóvel que tem na mão parece aborrecê-lo. Indubitavelmente ele o cre já obsoleto, como meio de transporte. Um vasto bocejo mostra o que a pequena Leigh Powell



# AS CRIANÇAS DORMI

ESTES BEBÊS DE 1947, ANTES DO PRIMEIRO DENTE OU DE PRIMEIRO CAMPEÕES DE VIAG

Por VIVIAN HODG KINSON (Do International News Service)

**J**A se foram os dias em que as crianças se contentavam com um par de patins ou com um velocípede. Hoje, elas sobem às nuvens, nos grandes aviões, e olham para baixo, com desdém, aos seus favoritos de ontem. E que as crianças estão gostando das asas de um modo terrível, isso estão, de acordo com algarismos fornecidos pela Pan-American World Airways. Em 1946, nada menos de 1.198 crianças — uma para cada 25 adultos — cruzaram o Atlântico por "clipper", e outro milhar ou tanto voou dos Estados Unidos para as Bermudas, ou vice-versa. No ano corrente,

1947, mais crianças ainda deverão visitar o país das nuvens, pois a Pan-American mantém atualmente um "clipper" diário para Frankfurt, Alemanha, que vai sempre cheio de esposas e filhos de soldados americanos lá estacionados. Como raramente ficam enjoadas, as crianças são muito melhores viajantes aéreos que os adultos, dizem as comissárias de bordo. Elas geralmente brincam ao lado de suas poltronas, ou dormem durante a maior parte da travessia atlântica. Os "clippers" transatlânticos são equipados para cuidar também de seus passageiros mais jovens. Em

A esquerda: Estes bebês viajaram nos bonitos berços fornecidos pela Real Holandesa de Aviação. Crios indispensáveis, e pode ser conduzido por uma pessoa como uma mala de mão. O bebê da direita: Sorrindo da escadinha de um "clipper" da Pan-American, vemos Joan Syke, uma pequena tem idade bastante para voar é porque já a tem também para usar umas pintadas, P





pensa de toda a agitação que lhe vai em torno, no Aeroporto La Guardia, onde aguarda no colo materno o "clipper" que a levará à Irlanda. Uma das mais jovens passageiras para a Alemanha foi Bellinda A. Bradford, de oito meses de idade, que voou pela Pan-American ao encontro de seu pai, membro das forças americanas de ocupação. Bellinda ficou orgulhosa pelo quepi de oficial com que posou para esta fotografia no Aeroporto La Guardia.

# MEM NAS NUVENS

DE PRENDEREM A DIZER "PAPÁ" OU "MAMÃ", JÁ ERAM DE VIAGENS AÉREAS.

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

sempre à mão um bom estoque de alimentos para bebês. Há também, para qualquer emergência, uma boa quantidade de fraldas e de outros artigos importantes para eles. As comissárias todas têm cursos de tratamento de bebês, dispõem ainda de brinquedos e livros infantis, estes para os mais crescidos.

Uma ocasião, as "emergências" foram tantas que ultrapassaram o suprimento de emergência de um aparelho, resultando em que um dos minúsculos viajantes chegou ao destino usando uma fralda listrada, vermelha e branca. Era

o pano de pratos do "clipper". E já tem havido algumas corridas duras entre a cegonha e o "clipper". Felizmente a cegonha tem chegado sempre atrás, se bem que às vezes, por muito pouco. O mais próximo que ela esteve de bater o "clipper" foi quando uma passageira que viajava de Lisboa para Nova York teve de desembarcar nas Bermudas. Teve a criança no mesmo dia, voando seis dias depois para Nova York.

As fotografias incluídas apresentam alguns dos jovens passageiros que saíram dos seus berços diretamente para os DC-4 e Constellations.

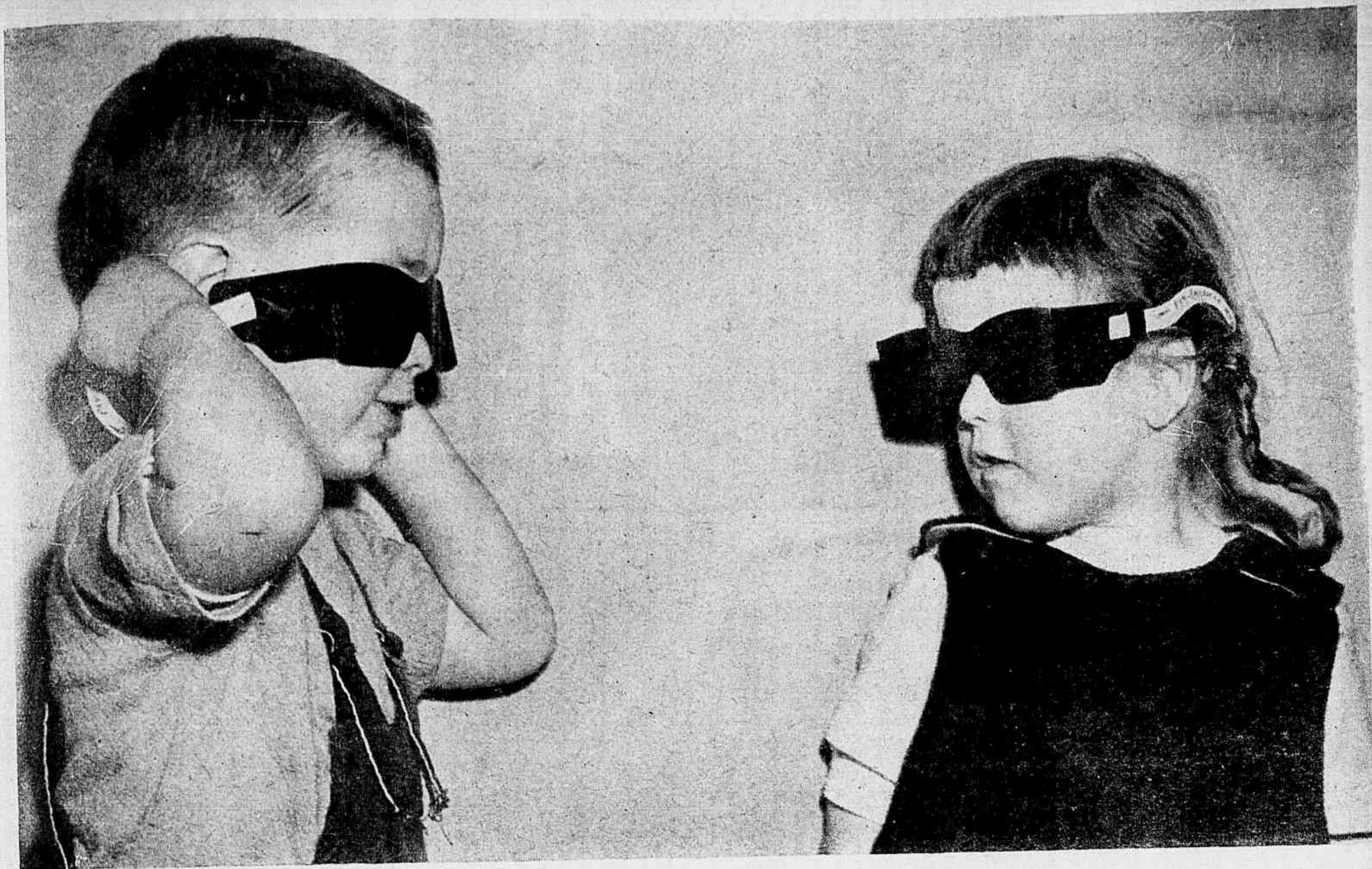
Aviação. Cada berço é acompanhado por uma sacola, contendo fraldas e outros acessórios. O bebê da direita está chupando o dedo, sem dúvida pensando em como é rápida a marcha. Joan Sykes, que voou pela primeira vez para a Alemanha, Joan acredita que quando pintadas. Por isso, faz questão que o trabalho da manicura apareça na fotografia.











Ao alto: Vendo o mundo através de óculos coloridos estão Peter Evans, de dois anos, e Jerry Frickey, de três e meio. Eles viajaram de "clipper" para a Alemanha, onde seus pais são membros das forças americanas de ocupação. Esses óculos são fornecidos pela empresa aeroviária para proteção dos olhos tenros contra a claridade das regiões mais elevadas. Em baixo, à esquerda: Estas crianças, na hora de embarcar no avião, estavam mais preocupadas com a máquina fotográfica do que com o próprio aparelho. As crianças raramente têm medo de voar e em geral são melhores viajantes que os adultos, pois enjoam muito pouco. À direita: Muito bem abrigada numa caminha de lona, a bordo de um gigante Constellation, a pequena Marie Helen Salkin, brinca com um ursinho e ouve histórias, contadas pela comissária da Pan-American, Romaine Cahoon. Isto foi no primeiro vôo comercial para Viena, desde o término da guerra na Europa.



Na página ao lado: James, Lee, Jr., diverte-se com um globo terrestre na estação terminal de La Guardia, enquanto aguarda o "clipper" que o levará através do Atlântico para a Irlanda. James tem seis meses de idade e viajou com a mamãe ao encontro do papai, que é mecânico da Pan American a serviço do aeroporto irlandês de Shannon. Michael e Peter Beebe são gêmeos, de nove meses de idade, mas não têm disposições lá muito gêmeas. Peter estava interessado de mais no que ia pela estação de passageiros para ligar ao irmão Mike, que mostra todo o seu aborrecimento à moda favorita dos bebês. Eles voaram para o Rio de Janeiro com seus pais, sr. e sra. Robert Beebe.



# AS DUAS MÃES



ARMANDO MOURA

Conto de MARTINS CAPISTRANO

Ilustração de ARMANDO MOURA

**M**ANHÃ de julho, no Ceará. Plácida manhã transparente, com um sol exuberante esmalhando a natureza e um céu muito azul destruindo a melancolia da vida... Redenção, cidadezinha simples, harmoniosa e aprazível, que se ergue, pitorescamente, entre montanhas à margem do rio Pacoti cintilava nos seus canaviais fecundos olhando as paisagens do vale, na hora tranquila daquele dia rutilante. Santa Rita abençoava, da sua capelinha engastada na serra, os desejos impossíveis, as esperanças contrariadas e as fugitivas ilusões perdidas dos que, em baixo, na planície histórica, cheia de velhas casas centenárias, confiavam em seu poder celestial.

As duas mães destacavam-se no grupo, que se reunia, alegremente, em torno da mesa familiar, na sala grande, onde todos conversavam sobre o destino dos homens e das mulheres que se casam... Ouvindo, silenciosamente, os comentários, que se cruzavam, elas se absorviam na carícia dos filhos que, a seu lado estimulavam aquela felicidade mater. Um delas tinha voltado da guerra, onde escapara a fúria dos inimigos sedentos de vingança e de ódio. Era calmo e generoso como aquela que lhe dera o ser. E tinha o mesmo coração iluminado de ternura e de bondade. O outro filho, rapaz amoroso também, inteligente e simpático, viera da Bahia passar as férias com a família. Curseava o último ano da Escola de Medicina e já pensava em ins-

talhar-se longe dos seus para exercer a nobre profissão, que escolhera.

Ambos, jovens, solteiros, bonitos, inspiravam simpatia e amor às moças do lugar, que disputam desesperadamente, o coração indefinido dos contrêrneos felizes...

Mas ocorria que eles não se decidiam... Sobretudo o ex-expedicionário, perseguido por uma legião de admiradoras apaixonadas.

★

Ali, no sereno ambiente do lar ditoso e singelo, eles eram, apenas, os filhos. As duas mães, identificadas no mesmo sentimento unidas no amparo aos entes queridos, que lhes davam a glória de uma esplêndida ventura, não cederam no seu egoísmo, quando alguém falou na possibilidade da separação pelo casamento longe da cidadezinha onde eles tinham sido garotos descambiclosos e tímidos.

Tibúrcio Bezerra, o herói de Monte Castelo, tinha, em sua vida, uma história de amor, que o preocupava e entristecia. Conheceu Cibele Moura quando ambos estudavam na capital, onde residia a moça. E gostaram-se desde os primeiros instantes. Temperamentos serenos, almas irmãs na interpretação do mundo, compreenderam-se pelas afinidades, que os aproximavam. Tinham pensamentos iguais, gestos iguais e idênticas emoções. Sorria-lhes, por isso, uma felicidade límpida, fulgurante, a indicar-lhes um futuro sem desenganos e sem dissabores.

Quando a guerra chamou o rapaz, Cibele chorou, dolorosamente e sofreu com infinita angústia. Durou um ano a separação. Voto a vitória e Tibúrcio regressou como fôra: incólume.

Foi uma festa emocionante a sua chegada. Cibele, que o esperava com tanta impaciência e tanta fidelidade

sentimental recebeu-o e a acompanhou até em casa, feliz de vê-lo devolvido aos pais e irmãos, à sua terra e ao seu amor. Em Redenção, para onde seguiu depois, Tibúrcio teve recepção triunfal, ouvindo discursos bonitos, que o comoveram sensivelmente. Na mesma sala, onde agora sentia os aiaços da ternura materna fôra saudado, à mesa do banquete festivo, por uma das vozes femininas mais brilhantes da sociedade local, a da senhorita Margarida Elisa Barbosa Oliva, que falara de improviso, emocionadíssima e empolgante. Cibele estava presente e quase ficou enciumada das homenagens femininas ao seu glorioso soldado...

Correu o tempo. Vieram outros episódios encher as horas dos namorados adolescentes. Tibúrcio foi trabalhar no comércio da capital, interrompendo de vez os estudos, que a guerra cortara, num fim de ano tenebroso. Cibele, que se tornara uma pianista de grandes qualidades, viajou para o Rio, onde passou uma temporada, em casa do irmão. Sem esquecer Tibúrcio, escrevia-lhe cartas radiosas de saudades e de amor. Entre tanto, o rapaz, absorvido pelo trabalho, pouco lhe escrevia. A moça, magoada, meio desiludida, suspendeu a correspondência. Não faltara quem lhe dissesse que Tibúrcio a tinha substituído por outra, em Fortaleza, onde as pretendentes eram numerosas.

De regresso, afinal, ao Ceará, Cibele procurou distrair-se um pouco, para não aniquilar-se na paixão que a consumia. E frequentou os clubes, e dançou e exibiu a sua beleza mansa e triste aos olhos da **jeunesse dorée** fortalezense.

Tibúrcio havia ido, enfermo para o interior. Na sua pitoresca Redenção emoldurada de serras verdes, ele, curando-se e repousando, soube que sua querida também desmentia as juras dos primeiros instantes daquele amor tão lindo. E já gostava de outro rapaz...

Tudo mentira das pessoas interessadas em destruir a amizade daquelas almas parecidas. Imaginação das mulheres que pretendiam o coração de Tibúrcio. A realidade é que os dois nunca tinham deixado de ser fiéis um ao outro.

(Cont. na pág. 56)



## NOS BASTIDORES FEMININOS

**N**ESTA Primavera a moda parece querer despertar a mulher do seu sonho de elegância, transformando-o em realidade; uma realidade que só encontrará precedentes nos anos anteriores à guerra — o tempo das grandes recepções, dos passeios e excursões, dos grandes espetáculos de arte, enfim o tempo em que tudo era belo e que havia a alegria de viver.

Finalmente, essas deliciosas reminiscências voltam à cena. Sente-se nesta temporada uma necessidade imperativa de luz, de alegria e de cousas bonitas. Agora que o sol se torna mais brilhante e o sol mais azul, a mulher, também, se tornará mais bela. A moda, nesta temporada, revelará um sentimento de independência e toda a satisfação de viver. Os desenhistas de modas, sabedores dessa necessidade, conseguiram imprimir em suas criações esse desejo de vida e de beleza; seus modelos parecem pedir luz e sol!

Até o discreto «tailleur» sofreu essa influência, pois a sua sobriedade será quebrada por blusas vistosas de drapeados modernos, algumas sem costas, outras com grandes laços e originais «jabots». As saias também são diferentes, algumas dando ideias de calças — porque neste verão a calça triunfará definitivamente!

Algumas serão compridas e de corte masculino. Outras serão presas no meio da perna; outras ainda serão drapeadas, ajustando-se sobre os joelhos; há as que soltas, logo abaixo do joelho, darão a impressão do «coolie» chinês quando usadas com blusas folgadas e grandes chapéus de palha.

Quanto aos «shorts», são dia a dia mais curtos! Uns simples, outros mais femininos, com drapeados na frente.

Os «maillots» e trajes para a praia, oferecerão à vista um espetáculo deslumbrante, o colorido é vivo, obtendo-se com ele deliciosas combinações. Há também nesses trajes um «toque» de feminilidade pois são muitos os que se apresentam também com originais drapeados.

Quanto aos trajes para a rua, nunca a imaginação dos costureiros foi tão pródiga. Ali também, o colorido é vibrante, a variedade é imensa. Nota-se, porém, a grande vitória do drapeado. São blusas, corpetes, cinturas e saias drapeadas, tudo dando à silhueta um ar mais feminino, para o que contribuem também os grandes chapéus, que parecem vir despertar, de uma longa letargia, a nossa feminilidade.

KITTY

Constance Bennett, estrêla de «The unsuspected» da Warner, num lindo modelo criado por Milo Anderson.







## PARA A NOITE

★

**N**ESTAS páginas vocês encontrarão quatro modelos para a noite, todos muito sugestivos e encantadores. Escolha o seu de acordo com o seu tipo e enfrente, confiante, os olhares das "amigas". Ao alto, à esquerda: Modelo em romão preto com drapeados sobre o busto e quadris. Sáia reta na frente formando "godet" atrás. Decote original sobre o qual é aplicado uma camélia. Sugestão de Lili Palmer da Warner Bros. À direita: Jane Wyman, num maravilhoso modelo com sáia de tule branca e blusa de renda. Em baixo: Novamente Lili Palmer, agora, num modelo próprio para as noites de verão. É executado em seda de fundo branco com grandes ramagens em cores vivas. O corpete é preso sobre os braços com pequenos laços. Sáia franzida na frente. Na página, à direita: Para a mais ingênua Peggy Knudsen, da Warner Bros., oferece este modelo maravilhoso, com corpete justo, sem alças, de lamé dourado. A sáia é de cetim rosa seco com incrustações de lamé e bordado de missangas douradas.









**J**UVENIS e graciosas, elas dão uma nota alegre à silhueta feminina. Além disso seus usos são vários, dando margem a que se obtenha efeitos diversos, parecendo sempre estarmos com uma "toilette" diferente. Ao alto temos: A simpática Janet Blair, da Columbia, que aparece com uma "sweater" de "tricot" amarela, de feitiço original. E' sem mangas, cava bastante pronunciada, e a "sanfona" é bastante alta, afinando a silhueta. A sáia é marron e a blusa branca. Pode ser usada também sobre um vestido de lã de feitiço simples, de mangas "três-quartos". Um casaquinho prático é este que Kris-

## BLUSAS E JAQUETAS

tine Miller usa. E' confeccionado em panamá branco, com botões em tom vivo e grandes bolsos. Poderá ser usado com sáia preta, marinho ou marron ou ainda com calças compridas. Em baixo: Joan Bennett, "A mulher desejada", veste uma blusa de panamá branco, com decote em "V", com ligeiro transpasse. Própria para ser usada com calças ou sáias. Sobre uma blusinha branca

de listras pretas, Viveca Lindfors, da Warner Bros, usa um casaco preto com lapela e punhos do mesmo tecido da blusa. Essa mesma jaqueta ficará bem sobre uma blusa branca ou sobre um vestido preto.. Na página ao lado: Finalmente, aí está uma belíssima blusa de seda branca com original incrustação em cores, representando uma floresta com panteras. Também a blusa de Ann Dvorak, da RKO, tem diversas utilidades, pois tanto poderá ser usada com uma sáia preta, comprida, para o jantar, como também com uma sáia curta, com calças compridas ou com um "short".











### UM MODELO PRÁTICO

**U** TIL ao guarda-roupa feminino é este "duas-peças" que Jacqueline White, da RKO, nos oferece. É feito em jersey amarelo canário, com aplicações de taxas douradas no casaco. "Echarpe", chapéu e demais complementos, marrons.





A esquerda: É indiscutível a beleza e a "linha" desta "toilette" para a noite. É composta de uma saia de seda branca, muito simples, sobre a qual se usa um blusão todo bordado a "pailletés" preto com enfite branco. Completando a elegância dessa "toilette", casaco de arminho branco, de linhas muito sóbrias. À direita: Muito "chic" e muito original este blusão de lã rodier criado por Madeleine Vramant. Pregas drapeadas em sentidos opostos e "basque" também toda prequeada, dão a este modelo um aspecto inteiramente inédito.

**ORIGINAIS**

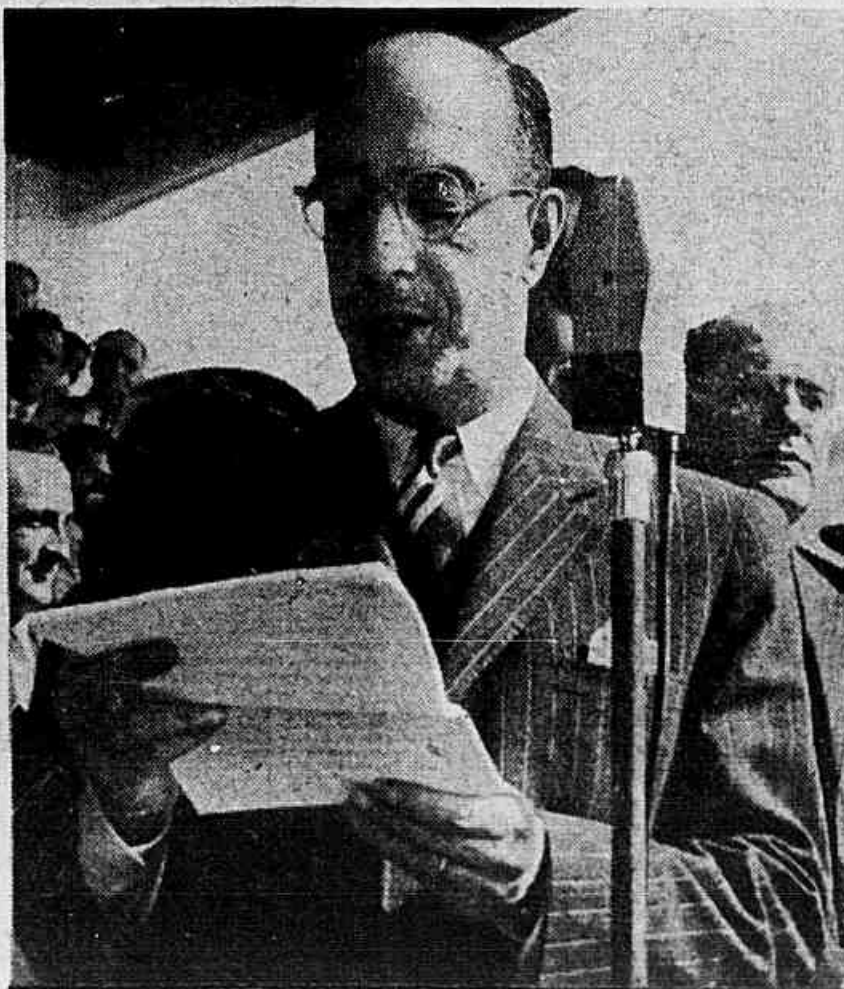




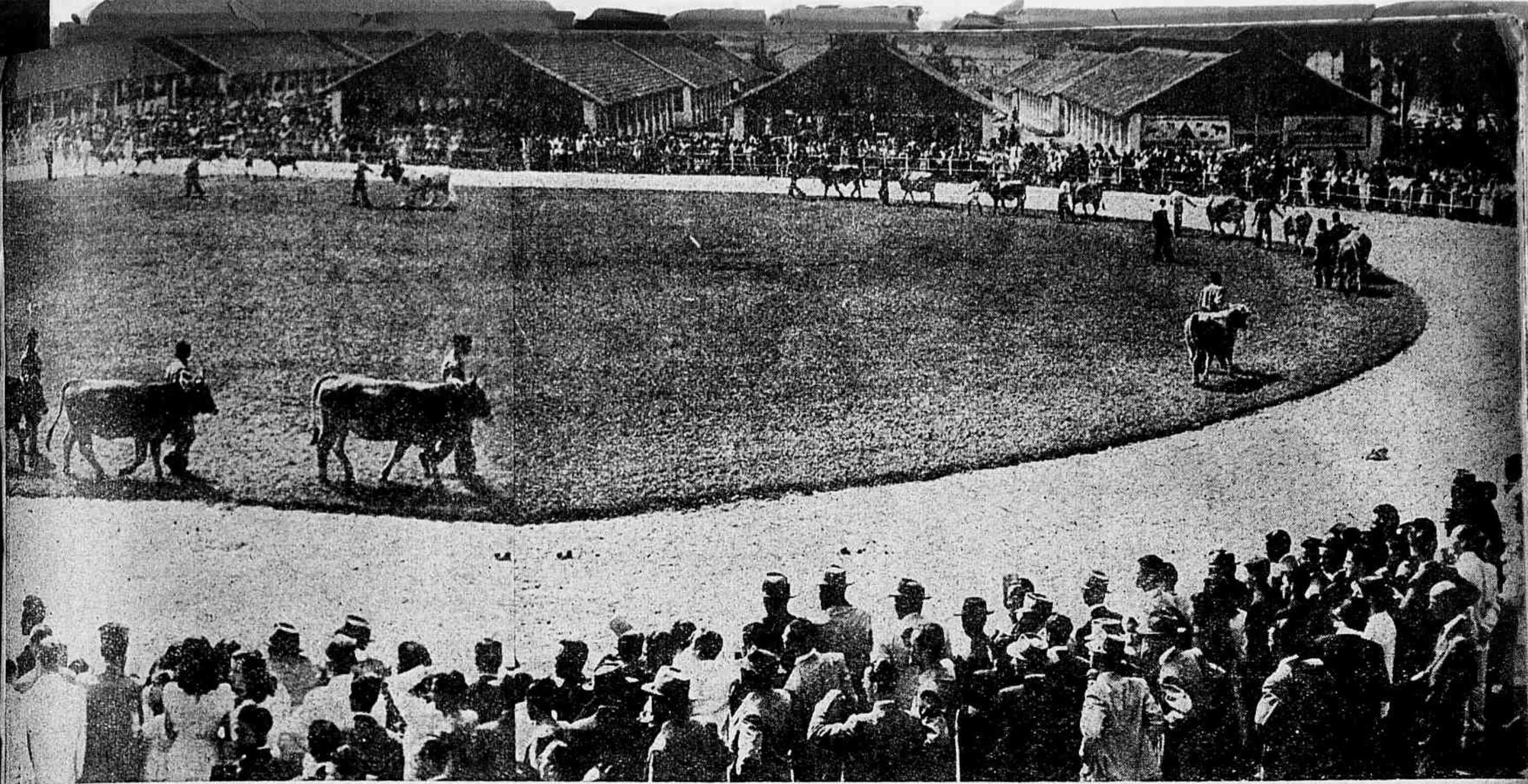
# DECIMA TERCEIRA EXPOSIÇÃO NACIONAL



A esquerda — O Pavilhão da Inspetoria Regional de Sericicultura de Barbacena despertou grande interesse popular, a ponto de se formarem extensas filas de visitantes, ansiosos por presenciarem os trabalhos de industrialização da seda animal, ali tão bem demonstrados. A fotografia fixa um aspecto do pavilhão, no instante da visita presidencial, vendo-se no primeiro plano, a contar da esquerda, o diretor da Inspetoria, dr. José Soares Vieira Sobrinho, o ministro Daniel de Carvalho, o presidente da República e o dr. Américo René Gianetti, secretário da Agricultura de Minas. A direita: O stand da Fábrica-Escola "Cândido Tostes", de Juiz de Fora, também foi grandemente apreciado, pela sua artística apresentação como pela variedade e qualidade dos produtos expostos e inteligente demonstração dos seus serviços internos. No flagrante, o Presidente Eurico Dutra e o ministro Daniel de Carvalho, entre os quais está o dr. Sebastião F. Ferreira de Andrade, diretor da Escola, apreciam o interessante stand. Em baixo — da esquerda para a direita, flagrantes do presidente Eurico Gaspar Dutra, do governador Milton Soares Campos e do ministro Daniel de Carvalho, pronunciando os discursos inaugurais da XIII Exposição Nacional.







# DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS

A presença do presidente Eurico Dutra às solenidades de abertura da XIII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados deu ao acontecimento nota de singular relevância. Já o certame por si, reunindo os campeões da criação nacional, seria motivo de interesse para os belorizontinos, que assistiam ao primeiro ato do programa oficial de comemorações do cinquentenário da Capital. O comparecimento do chefe da Nação, entretanto, fez a solenidade crescer de importância e expressão, atraindo ao Parque da Gameleira grande multidão que desde cedo começou a afluir ao local do certame.

Logo após chegar à Gameleira, a caravana presidencial foi acrescida pelos srs. Moisés Lupion e Jerônimo Bueno governadores do Paraná e Goiás, respectivamente. A entrada do recinto acaçavam-se os deputados Domingos Velasco, e Costa Porto, membros da Comissão de Pecuária da Câmara Federal. O chefe da Nação, sob aplausos do povo cortou a fita do portão do parque, encaminhando-se para o palanque oficial, quando se fez ouvir o Hino Nacional Brasileiro, efetuando-se a solenidade de hasteamento da Bandeira Nacional.

Depois deste ato, o presidente foi saudado por D. Antonio dos Santos Cabral, Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte que, com outras autoridades aguardava o chefe da Nação à entrada do pavilhão oficial.

Ouviu-se, então, a palavra do governador Milton Soares Campos, que, em nome do novo mineiro saudou o presidente da República.

Depois de historiar em rápidas palavras o desenvolvimento da pecuária mineira, o chefe do Governo do Estado montanhês referiu-se às medidas de amparo que serão ali postas em prática para a defesa dos rebanhos e incremento da produção bovina, terminando por dirigir ao presidente Eurico Dutra as seguintes palavras de saudação:

"Eis porque os mineiros, vendo em

v. excla. uma expressão da legalidade, desejam testemunhar-lhe o seu acatamento e o seu apoio, como manifestação de seu supremo dever para com a Pátria. Conhecendo os sacrifícios que impõe o exercício do Governo, numa quadra em que os embaraços e as apreensões dele baniram as horas felizes, compreendemos como é necessária a união de esforços dos brasileiros para que o

nosso país não se perca fora das linhas de seu grande destino. A impaciência e as inquietações da hora que passa oponhamos a serena confiança nas instituições democráticas e nos órgãos incumbidos de defendê-las.

São esses os augúrios e as afirmações que os mineiros exprimem a V. Excla., na certeza de que não lhe faltará o apoio de toda a Nação, afim de que seu go-

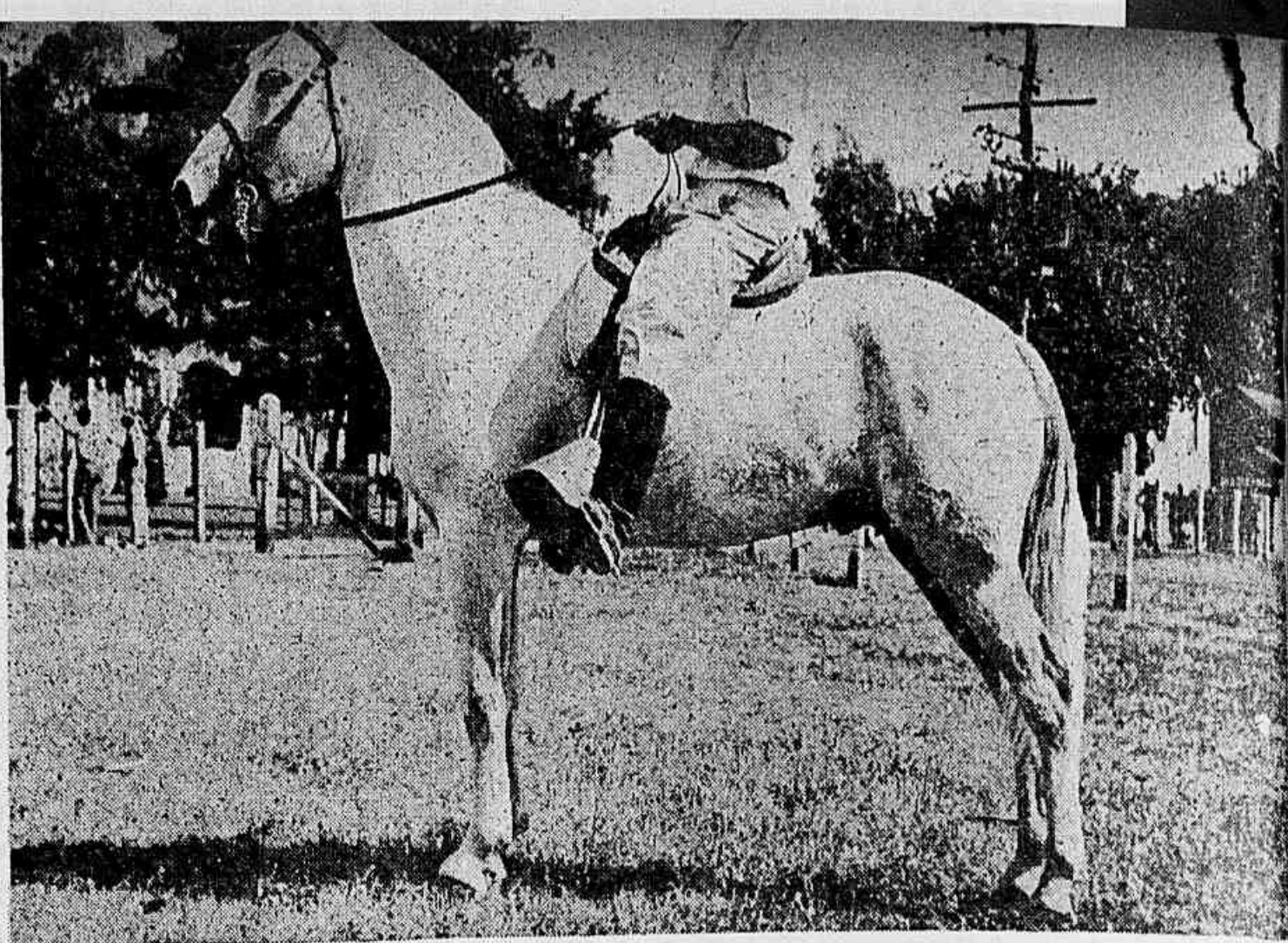
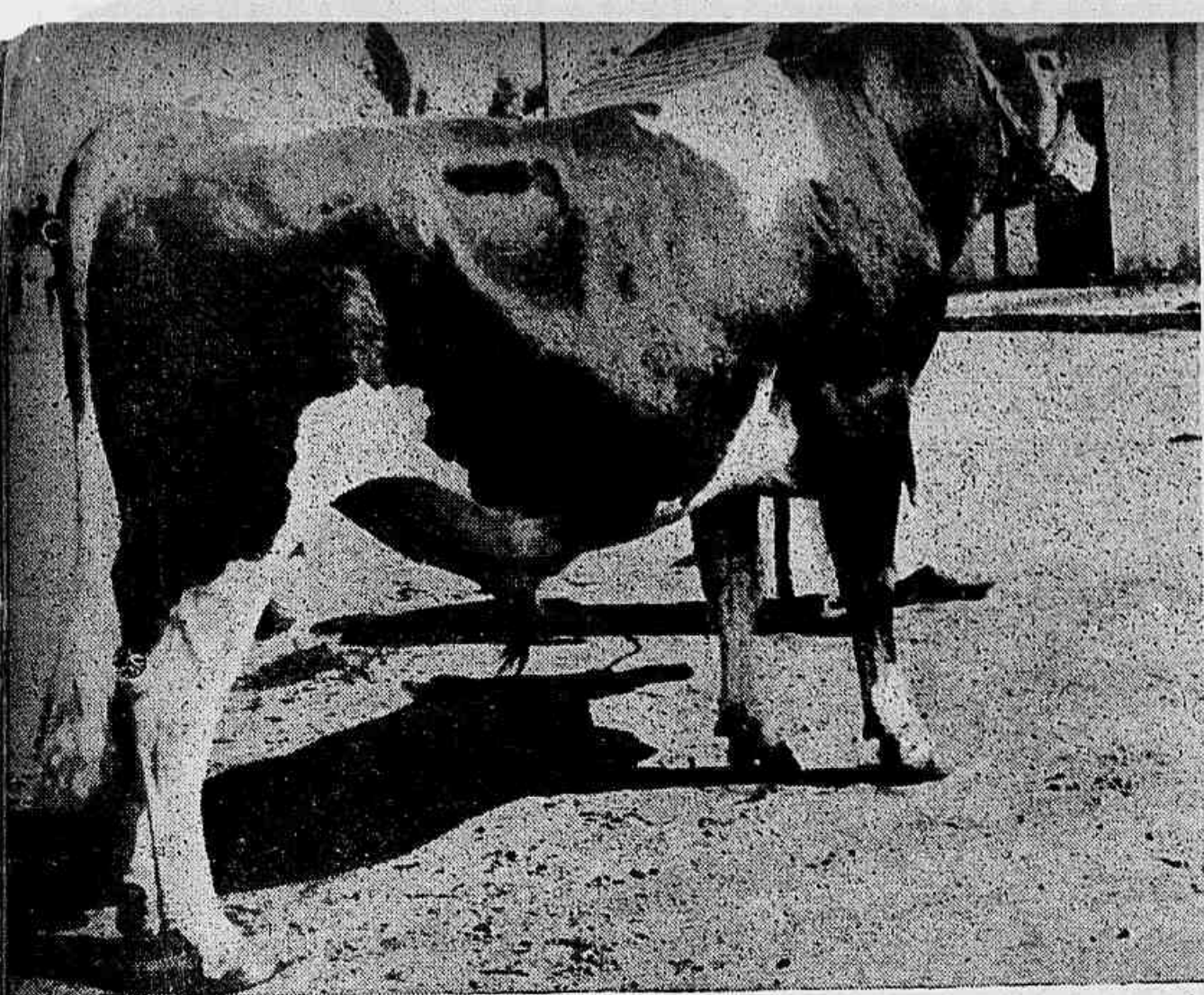
Ao alto das duas páginas apresentamos uma sugestiva fotografia do belo e imponente parque da Gameleira, em Belo Horizonte, fixada durante o desfile inaugural da XIII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados.

vêrno decorra benéfico para o nosso povo".

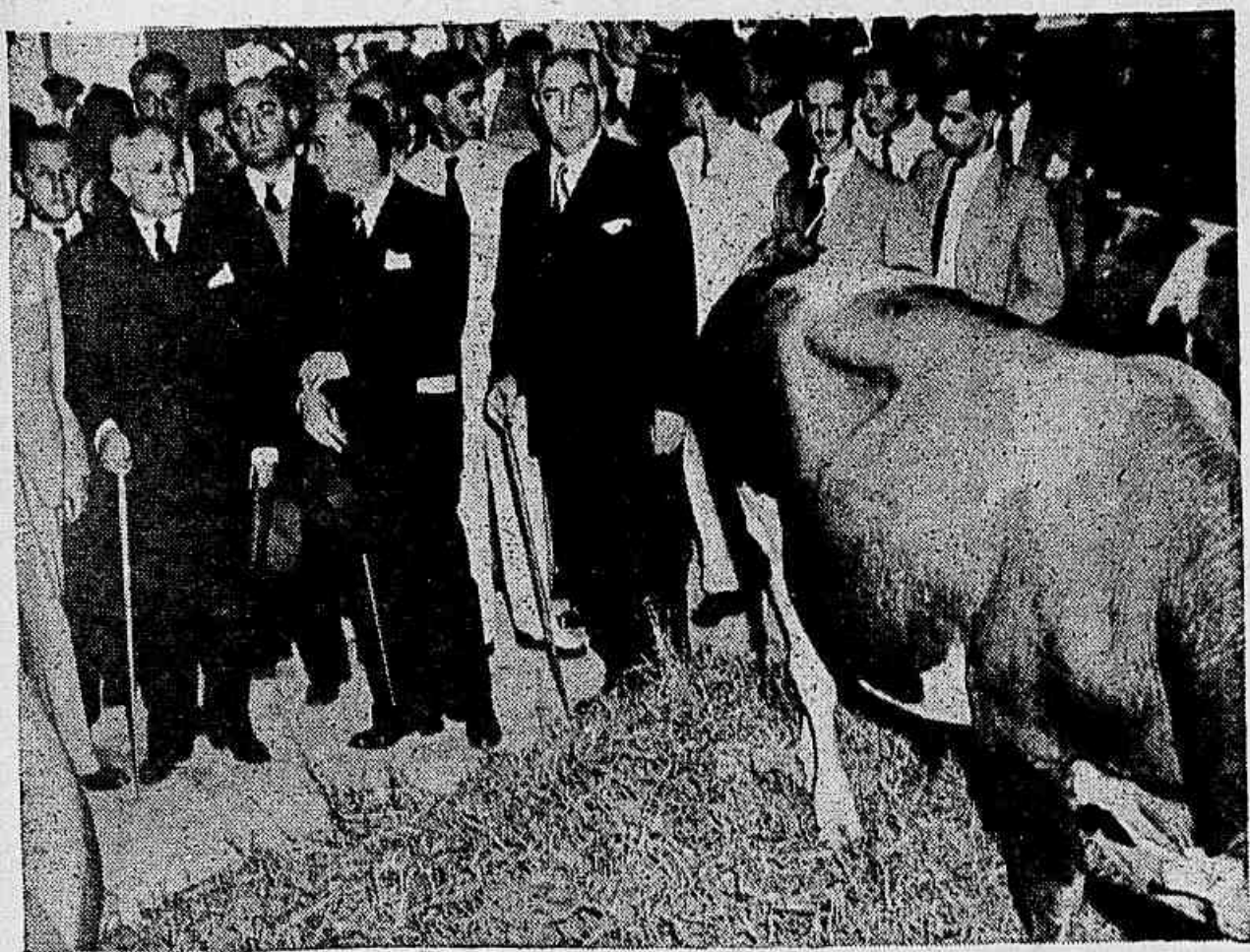


A direita — Flagrante feito no stand de produtos veterinários do Instituto Vital Brazil, no momento em que o presidente Eurico Dutra registrava suas impressões no Livro de Visitas, o que também foi feito pelo ministro Daniel de Carvalho e demais autoridades. Em segundo plano está o dr. Alvaro Protasio, diretor comercial do Instituto, que em nome deste recebem os ilustres visitantes.





Ao alto — A esquerda o Campeão Nacional da raça Guernsey, touro "Abalba-Jehol" esplêndido puro-sangue pertencente ao fino plantel da Fazenda Abalba, de Vila Abalba, município de Leopoldina, também laureada na XIII Exposição com o Reservado Campeão, touro "Abalba-Gury" e mais dois primeiros prêmios, "Abalba-Labrador" e "Abalba-Liège", todos daquela afamada espécie leiteira. Os animais dessa grande estância leopoldinense são registrados na Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey. A direita, o magnífico cavalo "Eldorado", Campeão da raça Mangalarga entre os animais não registrados, também de criação e propriedade da Fazenda Abalba. A esquerda — O presidente Eurico Dutra, o ministro Daniel de Carvalho, o governador Milton Campos e o secretário da Agricultura Américo Renê Glanetti, apreciam o Campeão nacional "Abalba-Jehol".



Falou a seguir o presidente da República. Depois de acentuar que uma nova compreensão dos problemas nacionais levou ao município o decidido apóio assegurado pela Constituição, teve a. excia. as seguintes palavras:

"Da terra, sentimos que até hoje lhe fomos maus padraos. Tudo arrancamos do solo, pouco ou nada lhe devolvendo pelo nosso trabalho, mal aparelhado e mal conduzido. A produtividade insuficiente, que daí decorre, reflete-se em cheio sobre o bem-estar das populações, e representa embaraço cada vez mais sensível ao desenvolvimento geral.

Nem é outro o motivo da primazia, conferida nos programas dos governos da União e dos Estados, às questões de educação e saneamento rurais; de conservação do solo e melhoria dos processos do seu amanho; de equipamento dos transportes, para a movimentação, sem gravames excessivos, da produção agrícola."

Depois de outras considerações, terminou o presidente por saudar o povo mineiro na pessoa do seu governador.

Seguiu-se, então, com a palavra, o ministro Daniel de Carvalho, que pronunciou o discurso inaugural da Expo-

OS PRODUTOS FABRICADOS PELAS  
**INDÚSTRIAS J.B. DUARTE S.A.**  
Têm a garantia de mais de 30 anos de existência  
aperfeiçoamentos tendo obtido inúmeros prêmios em todas  
as Exposições em que tomaram parte.

**INDÚSTRIAS J.B. DUARTE S.A.**  
SÓ FABRICAM PRODUTOS POR EXATIDÃO

**SELETIVO**

**BENZOCREOL**

**BENZOCREOL**  
INIMIGO Nº 1 DA AFTOSA

A esquerda vemos um bonito aspecto do stand do afamado "Benzocreol" reputado produto das Indústrias J. B. Duarte S. A., de São Paulo, que enriqueceu o setor industrial da XIII Exposição pelo bom gosto com que foi apresentado. Conhecido como é o "Benzocreol", poderoso agente terapêutico na debelação das mais insidiosas moléstias internas e externas dos animais, foi justificado o interesse dos numerosos criadores que procuraram o referido stand durante a semana da grande Exposição, onde foram sollicitamente atendidos pelo sr. Mario d'Aguiar, Inspetor daquela importante organização industrial.

Tanto em sentido preventivo como defensivo, BENZOCREOL opera verdadeiros prodígios. Para tanto, basta usar-se 20 gramas, ou seja 2%, desse preparado em um quilo de sal ou de outro alimento comum ao animal, isso uma só vez por semana.

Os próprios poderes administrativos federais, estaduais e municipais têm esse produto na mais elevada das considerações, tendo sido o mesmo elogiado pelo governo da República, consoante a certidão expedida, em 1935, sob número 284.

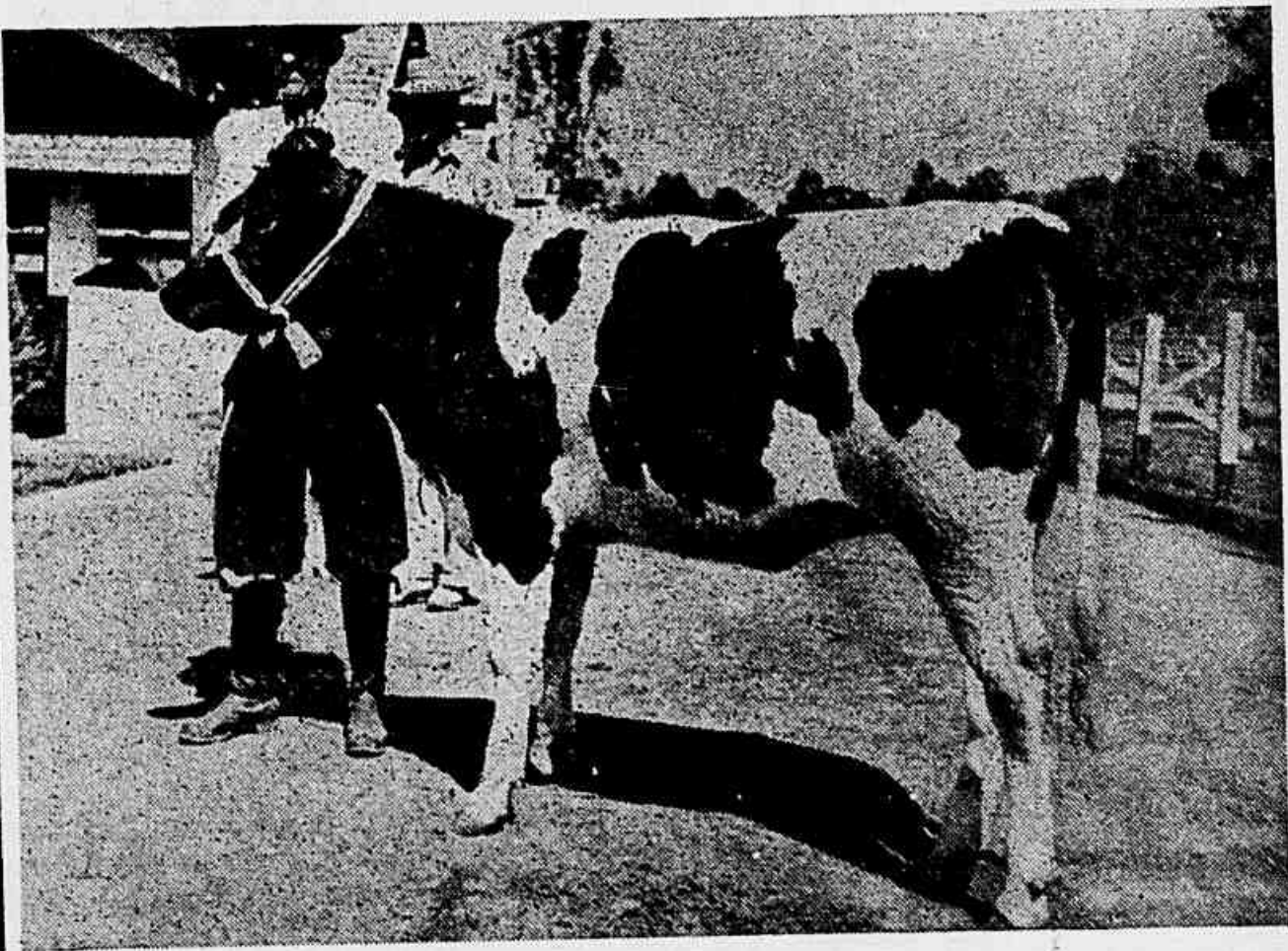
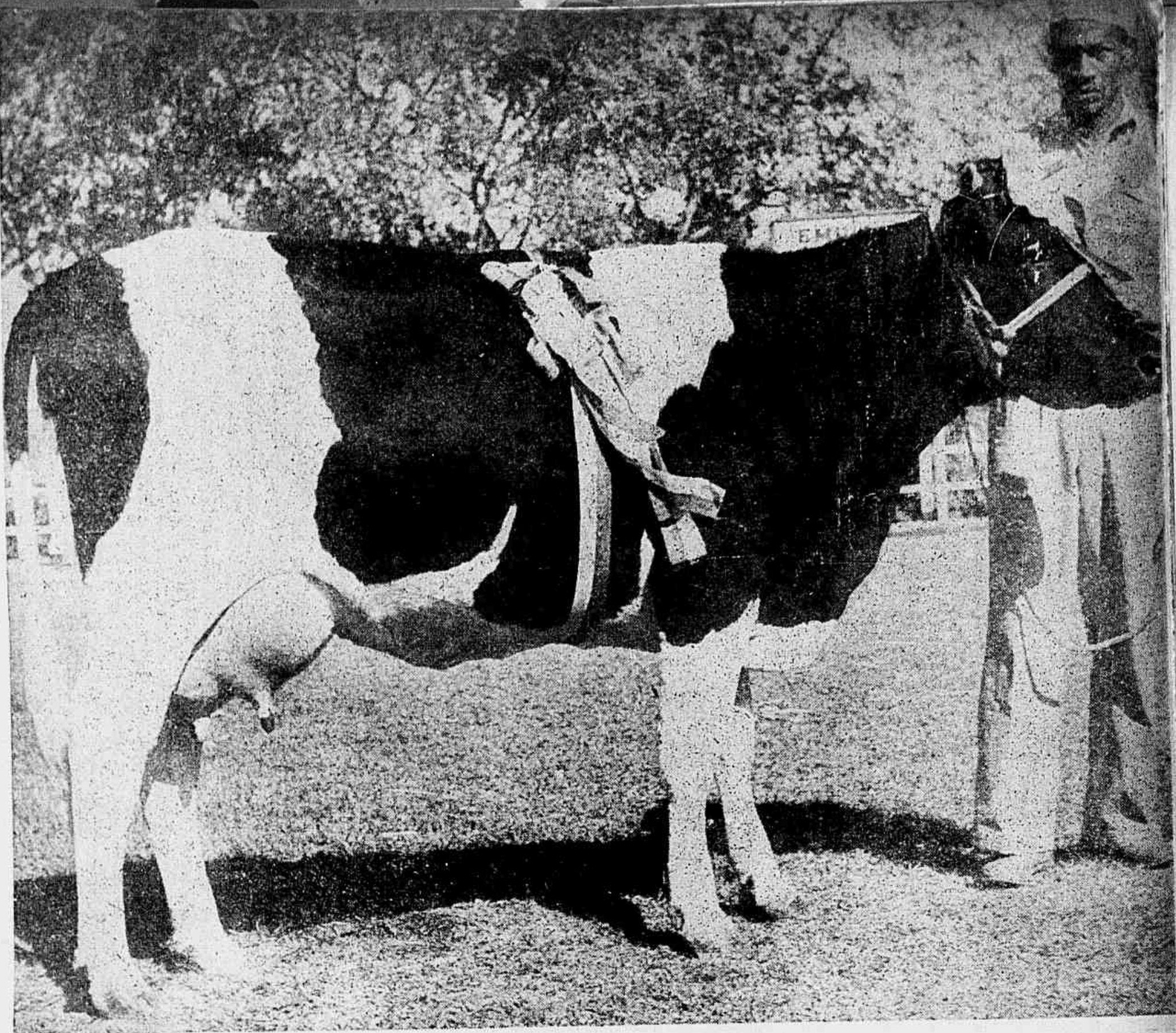
O critério adotado pelas Indústrias J. B. Duarte (Avenida Presidente Wilson, 3404 — São Paulo) na fabricação dos seus numerosos produtos, entre os quais se destacam "Benzocreol", "Saltaberne".

"Carrapaticida Imperial", Formicidas "Garrafão V8" e "3 Cruzes", "Pif-Paf", Oleos Alimentícios "Maria" e "Vida", é digno do maior louvor, porquanto toda a matéria prima que entre na sua composição é genuinamente pura.

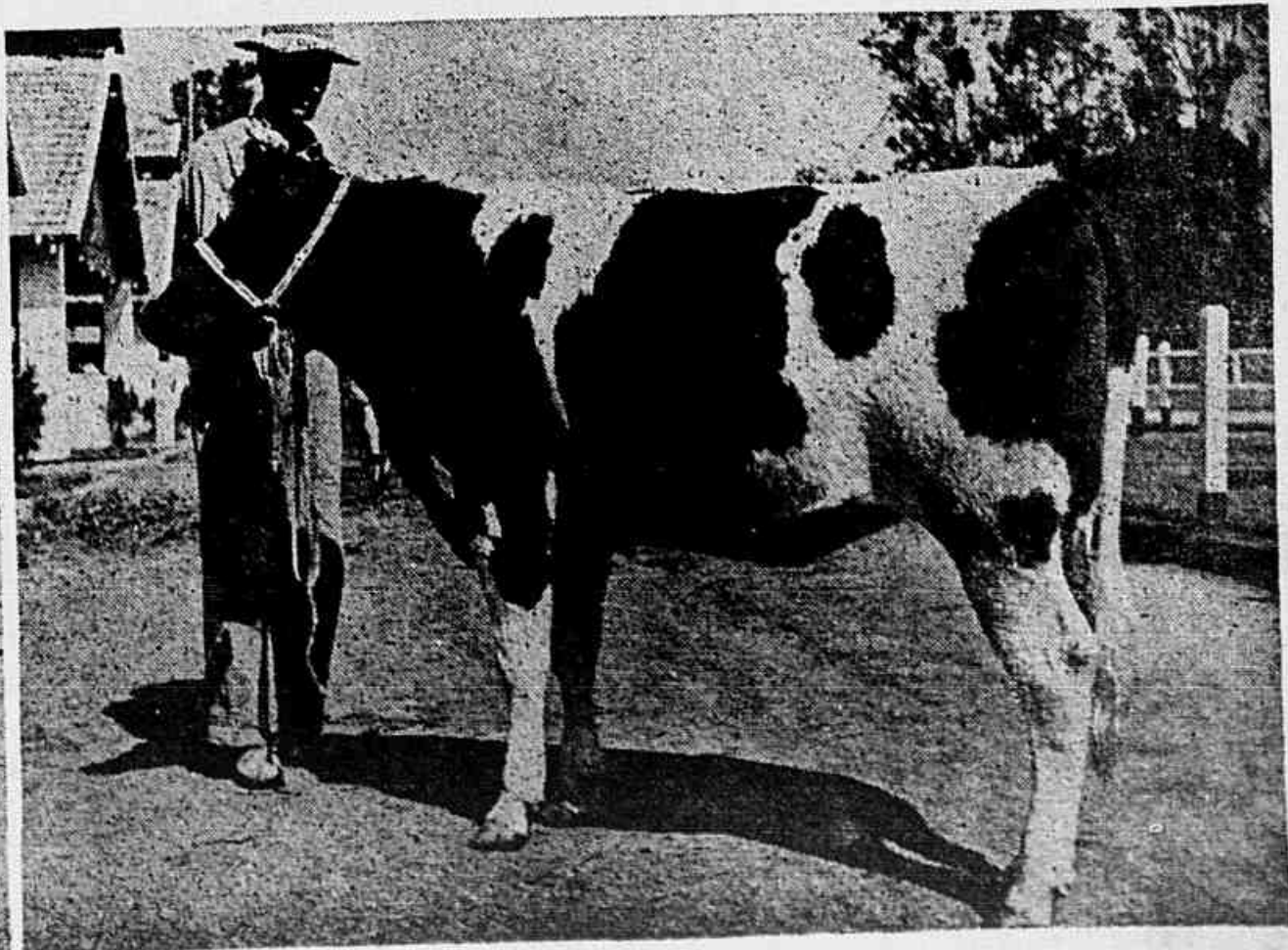
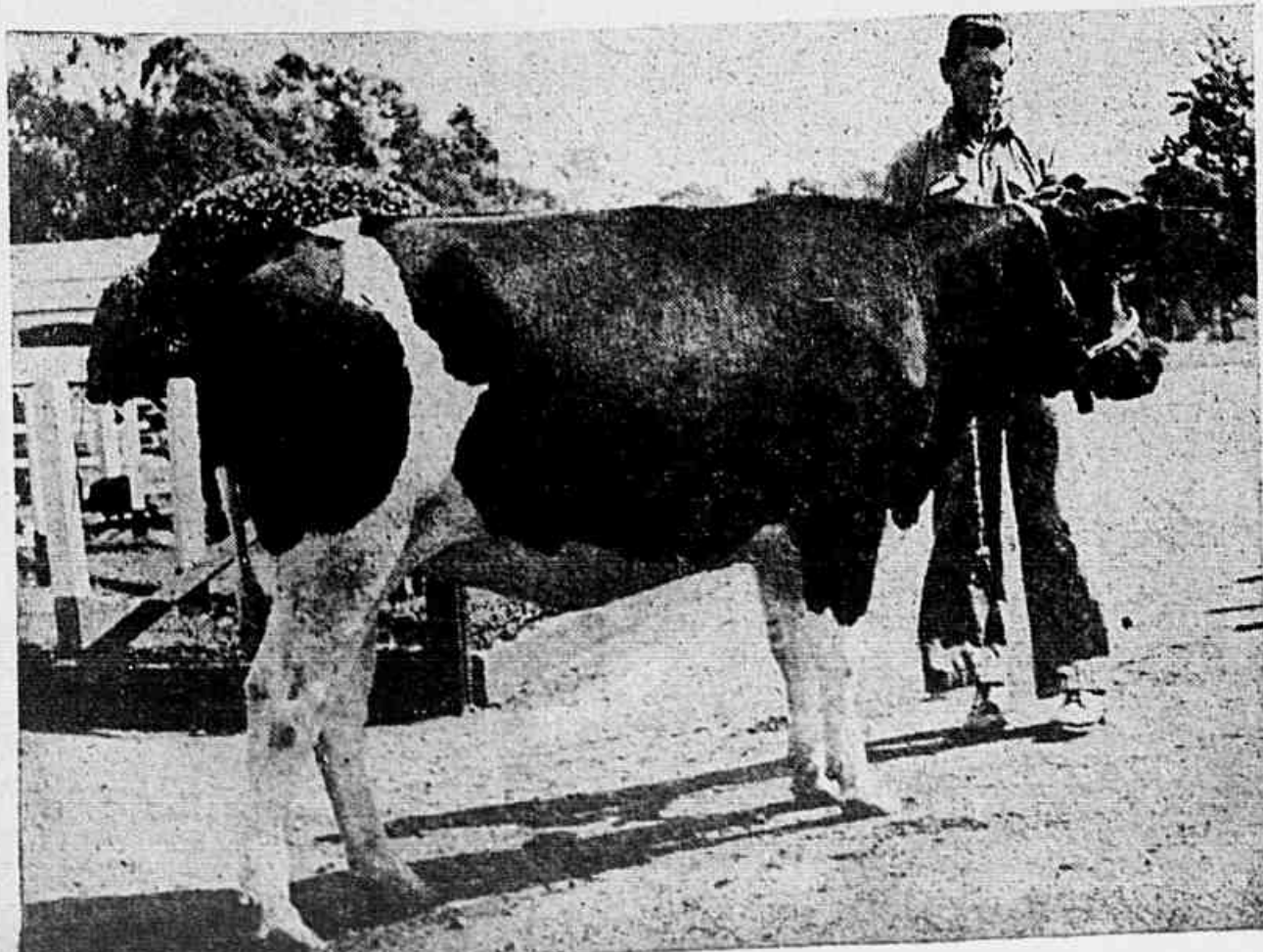


A direita — "Miltonia-Conga", vencedora do Concurso Leiteiro na categoria de novilhas de grande porte, como também no resultado geral do Concurso, suplantando as concorrentes de todas as categorias com a produção de 96,315 quilogramas em 3 dias, com 3 ordenhas diárias. "Miltonia-Conga" foi a Campeã absoluta da XIII Exposição Nacional, superando a segunda colocada em 10,785 kilogramas, e classificando-se no 1.º lugar de Matéria Gorda Total. "Miltonia-Conga" é novilha de 1.ª cria. Pura de Pedigree, com 39 meses de idade. Pai: "Librio-Itú". Mãe: "Miltonia-Bruma". Registrada na Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa. Criação e propriedade da Fazenda Mato Dentro, do sr. José Ribeiro dos Reis, de Leopoldina, Minas.

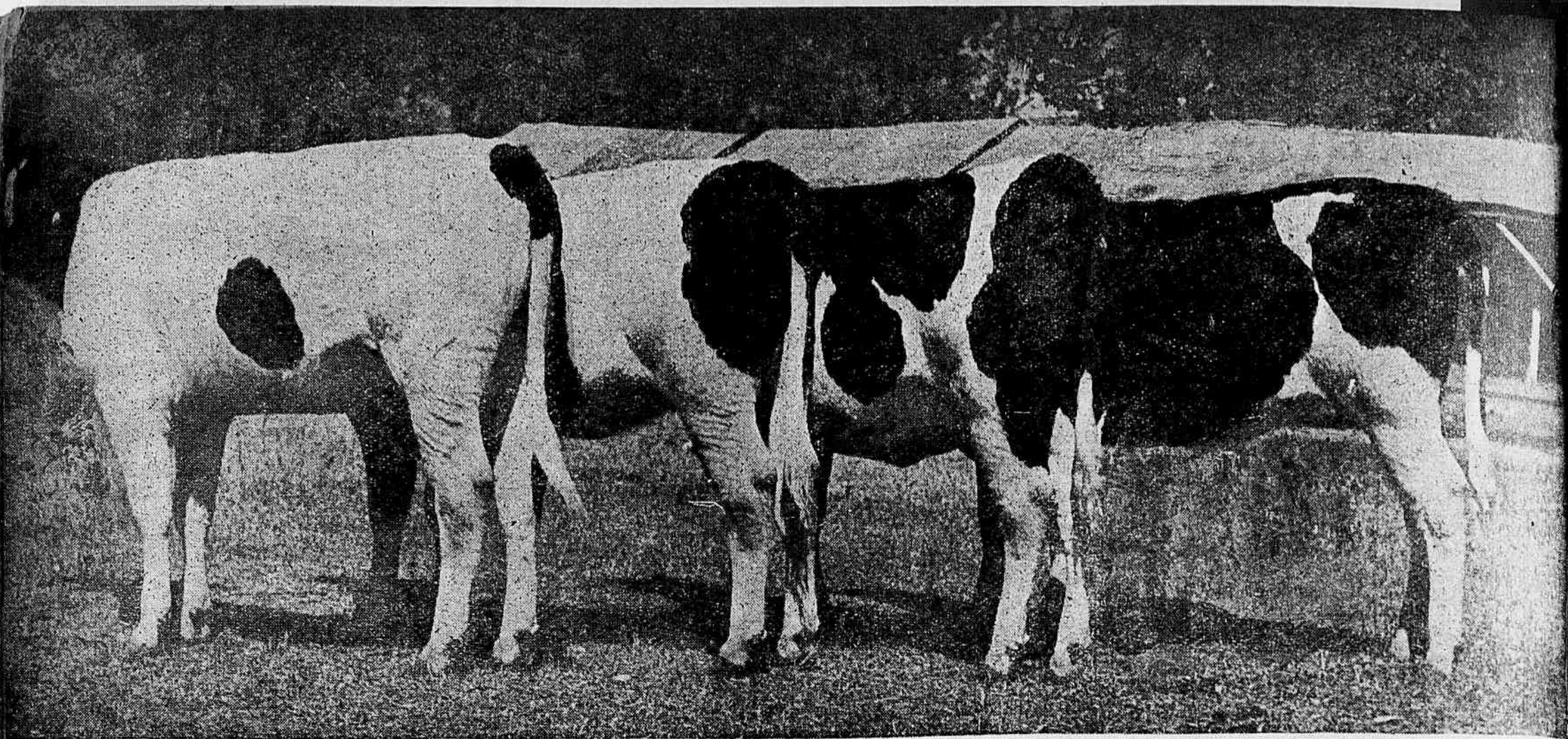
slção, substancial peça oratória que foi uma clara explanação das atividades governamentais em prol do desenvolvimento da pecuária nacional. Referiu-se de início ao trabalho paciente e metódico dos mineiros na adaptação ao nosso meio das raças de corte e de leite que asseguraram ao Brasil um inestimável patrimônio econômico, para ressaltar-lhes os méritos de haverem fundado as sólidas bases da pecuária mineira, hoje o maior rebanho bovino do País. Recordou em seguida o titular da Agricultura as duras contingências que enfrentamos no presente, para afirmar: "A situação atual, assim do País, como do mundo, exige um intenso labor de aperfeiçoamento e de defesa de ambas as formas especializadas da pecuária, a fim de que consigam suprir não só o consumo interno, que tende a aumentar cada vez mais, em virtude do aumento da população e da melhoria do padrão de vida do povo, como também os mercados externos que apelam para o nosso auxílio." Sobre a ação do Governo, disse, entre outras coisas, o ministro:



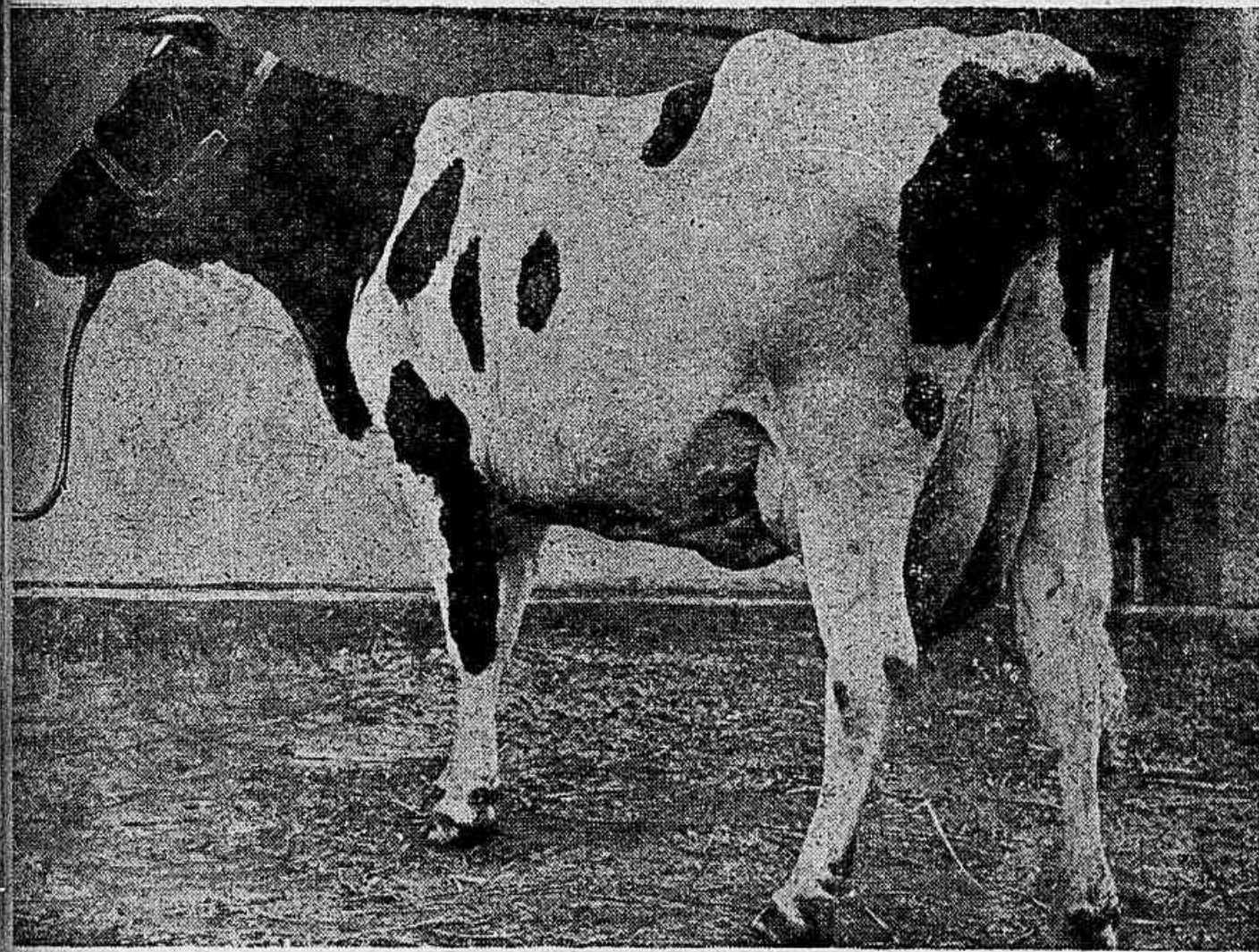
Ao alto — A esquerda, o momento exato em que era feita a pesagem da última ordenha da grande Campeã "Miltonia-Conga" no Concurso Leiteiro da XIII Exposição, assistida, entre outros, pelos srs. de Joaquim Fernandes Braga, diretor do Departamento de Produção Animal de Minas Gerais, José Ribeiro dos Reis, Antenor Ribeiro dos Reis e João Frerichs. A direita, "Alegria-Tilda de Leopoldina", a Melhor Fêmea da raça Holandesa Vermelha e Branca. Pura por Cruzamento. 14 meses. Em baixo — A esquerda, "Miltonia-Corringa", 1.º Premio. Holandesa Preta e Branca. Pura por Cruzamento. 19 meses. Os três animais atrás mencionados pertencem aos grandes e afamados plantéis da Fazenda Mato Dentro, do sr. José Ribeiro dos Reis, de Leopoldina.







Acima está o Grupo de Família Campeão na XIII Exposição Nacional, constituído pelos animais "Coqulta", "Astucia", "Rumba" e "Tiriva", de propriedade da Granja Frisia, de Kingma & Cia., os adiantados criadores de Mantiqueira, Minas, que levantaram nesse certame 18 honrosas classificações com os produtos oriundos dos seus plantels de holandeses preto e branco, inclusive as taças "Minas Gerais" e "Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa".



"A evolução da nossa pecuária está sendo, incontestavelmente, acelerada por iniciativas valiosas dos Governos estaduais, de particulares e do Ministério da Agricultura.

Esse fez no corrente ano importações de reprodutores no valor total de sete milhões de cruzeiros, sendo cinco e meio milhões de animais para revenda.

Para melhoria dos estabelecimentos zootécnicos oficiais e para os trabalhos de inseminação artificial, adquiriu reprodutores de alta classe, alguns dos quais se inscrevem entre os melhores encontrados no país de procedência."

Terminando a sua oração, toda ela baseada em linguagem simples e objetiva, fez-o o sr. Daniel de Carvalho da seguinte maneira:

"Sem culdar, larga e seriamente, do fomento rural, não há política econômica que se salve, aqui ou alhures, porque a abundância e a escassez de alimentos influem até nas reações ideológicas do homem.

Só no bem estar de todos pode descansar a segurança de cada um.

Não há de falhar, porém, o vaticínio otimista que ora exprimo, porque ines-

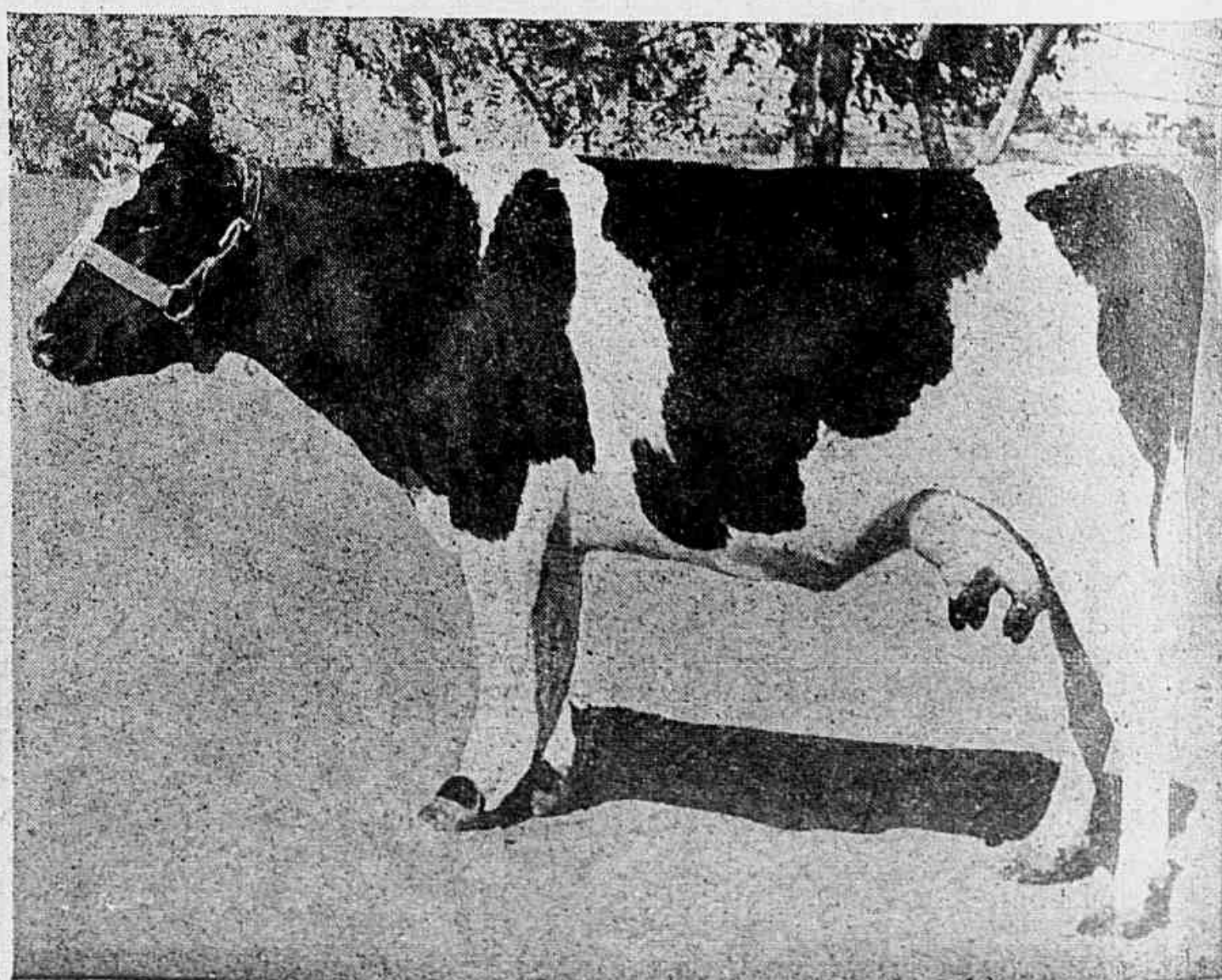
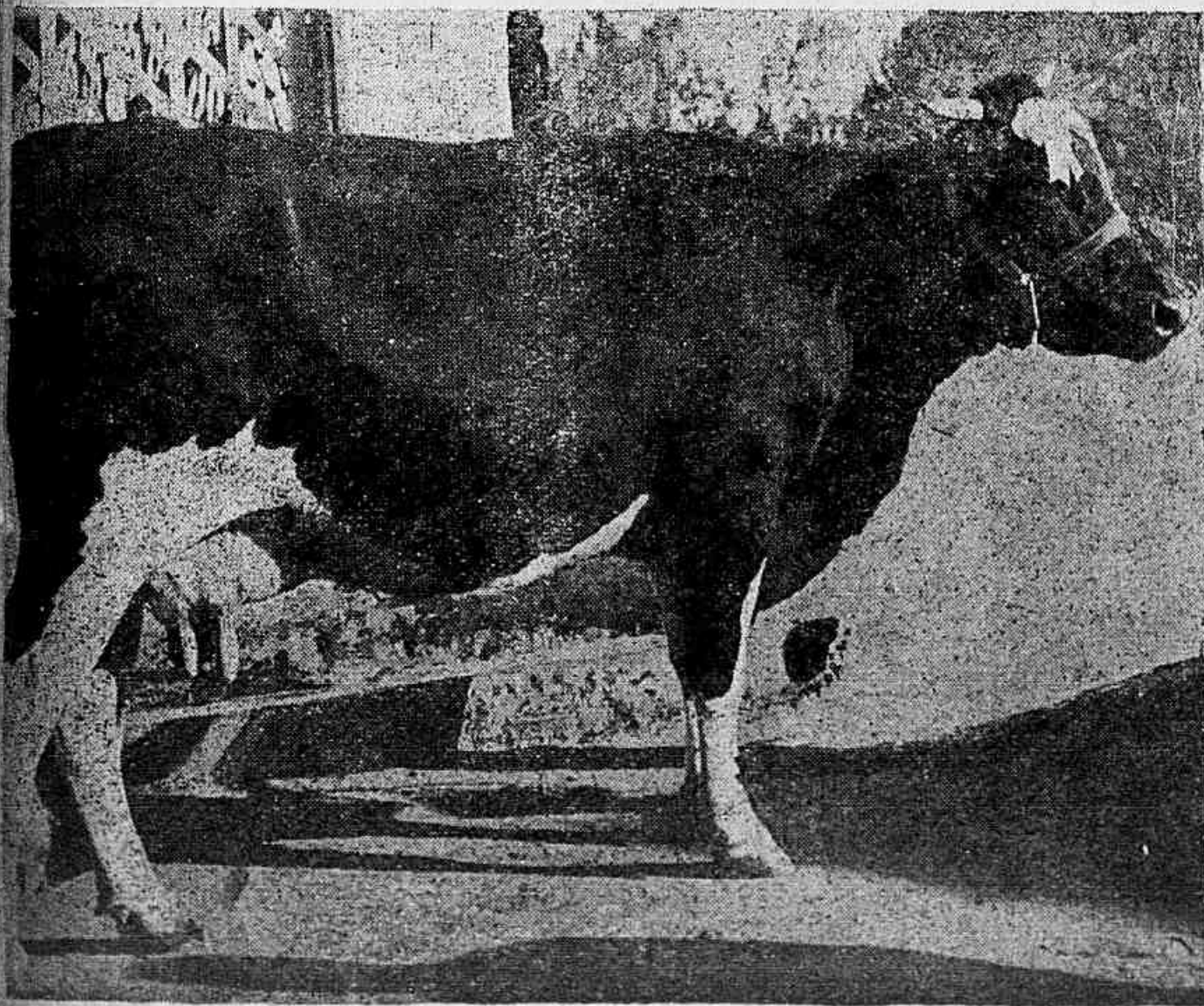
gotáveis são as reservas de patriotismo daqueles que, no Governo e no Parlamento, se empenham em restaurar a fé do nosso povo na democracia, preservando o bem supremo do homem, que é a liberdade!"

A cerimônia inaugural da XIII Exposição Nacional seguiu-se imponente desfile dos animais premiados, depois do que o presidente Eurico Dutra, o ministro Daniel de Carvalho, o governador Milton Campos e demais autoridades percorreram todo o recinto do magnífico Parque da Gameleira. Foi um grande dia, aquele em que teve início a grande mostra pecuária nacional, marcando o início das comemorações do cinquentário da cidade de Belo Horizonte, ao mesmo tempo em que, mais uma vez, atestava o nosso desenvolvimento pastoral e das indústrias derivadas.

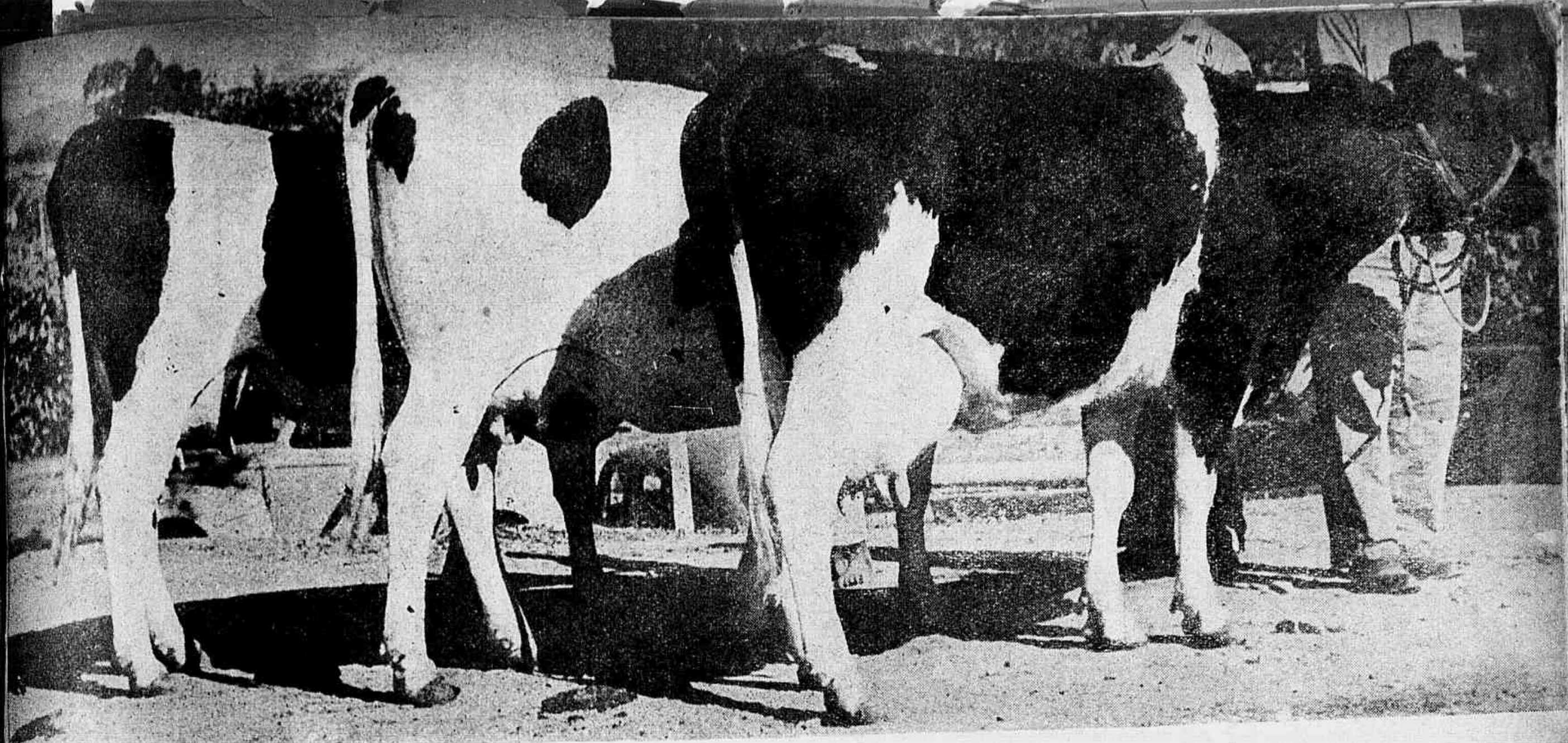
★

A XIII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados alcançou grande êxito, tanto na parte destinada aos representantes da nossa pecuária como no setor industrial. Os

Ao alto — "Frisia-Antina", campeã leiteira na Exposição de Juiz de Fora, considerada a Melhor Vaca do Tipo Leiteiro na XIII Exposição Nacional. Em baixo — A esquerda: "Frisia-Confiança", Campeã de Teór de Gordura na XIII Exposição, com a alta percentagem de 4,64, em média. A direita, "Frisia-Brisa", considerada a Melhor Vaca Holandesa Preta e Branca, nascida em Minas Gerais, 3.º lugar no Concurso Leiteiro. Esses três valiosos espécimes pertencem aos rebanhos de fina linhagem da Granja Frisia, de Mantiqueira, Minas, propriedade dos srs. Kingma & Cia.







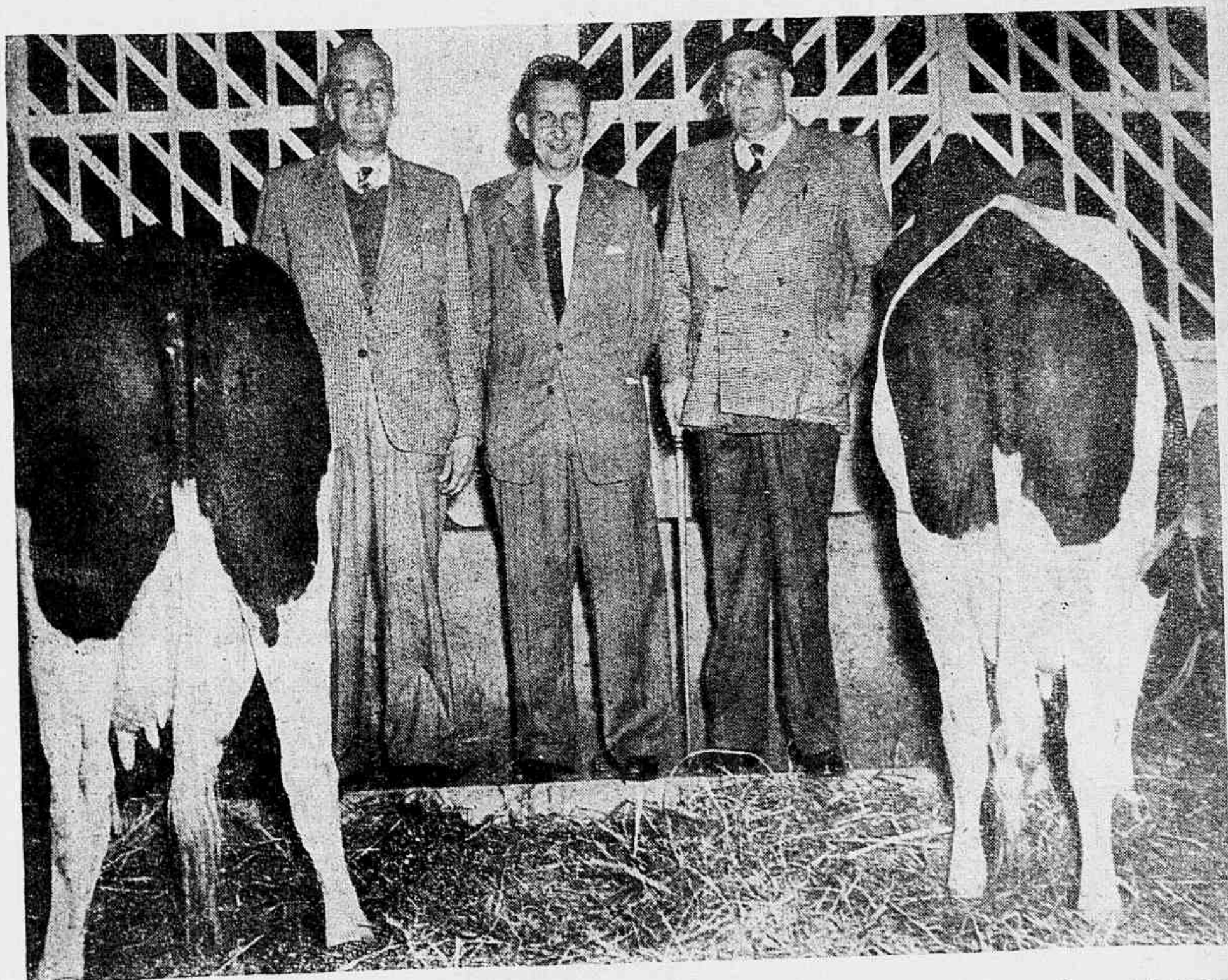
Ao alto — As vacas "Onix-Cacheada II", "Onix-Veneza II" e "Onix-Helvecia", vencedoras, em grupo, no Concurso Leiteiro da XIII Exposição Nacional. São exemplares puros por cruzamento da raça Holandesa Preto e Branca, de criação e propriedade do grande pecuarista Antenor Ribeiro dos Reis, Fazenda Bom Destino, de Providência, no município de Leopoldina.

pavilhões destinados aos bovinos, equinos, asininos, estiveram repletos de belos e valiosos espécimes, produtos nascidos e criados no Brasil, constituindo uma irrecusável demonstração do nosso desenvolvimento pastoril. Afamadas raças leiteiras, tais como a Holandesa, a Guernsey, a Jersey, a Schwitz, a Simental e outras espécies de corte, entre as quais a Nelore, a Indubrasil, a Gyr, a Guzeras, etc., ostentando as características inerentes aos produtos de fina linhagem, foram representadas por numerosos exemplares oriundos de diversos Estados. O belo Parque da Gamela foi palco de um magnífico desfile dos mais destacados elementos da criação nacional, num espetáculo soberbo, onde se allaram a imponência do anfiteatro e a beleza dos integrantes daquela "big-parade" da nossa vitoriosa pecuária.

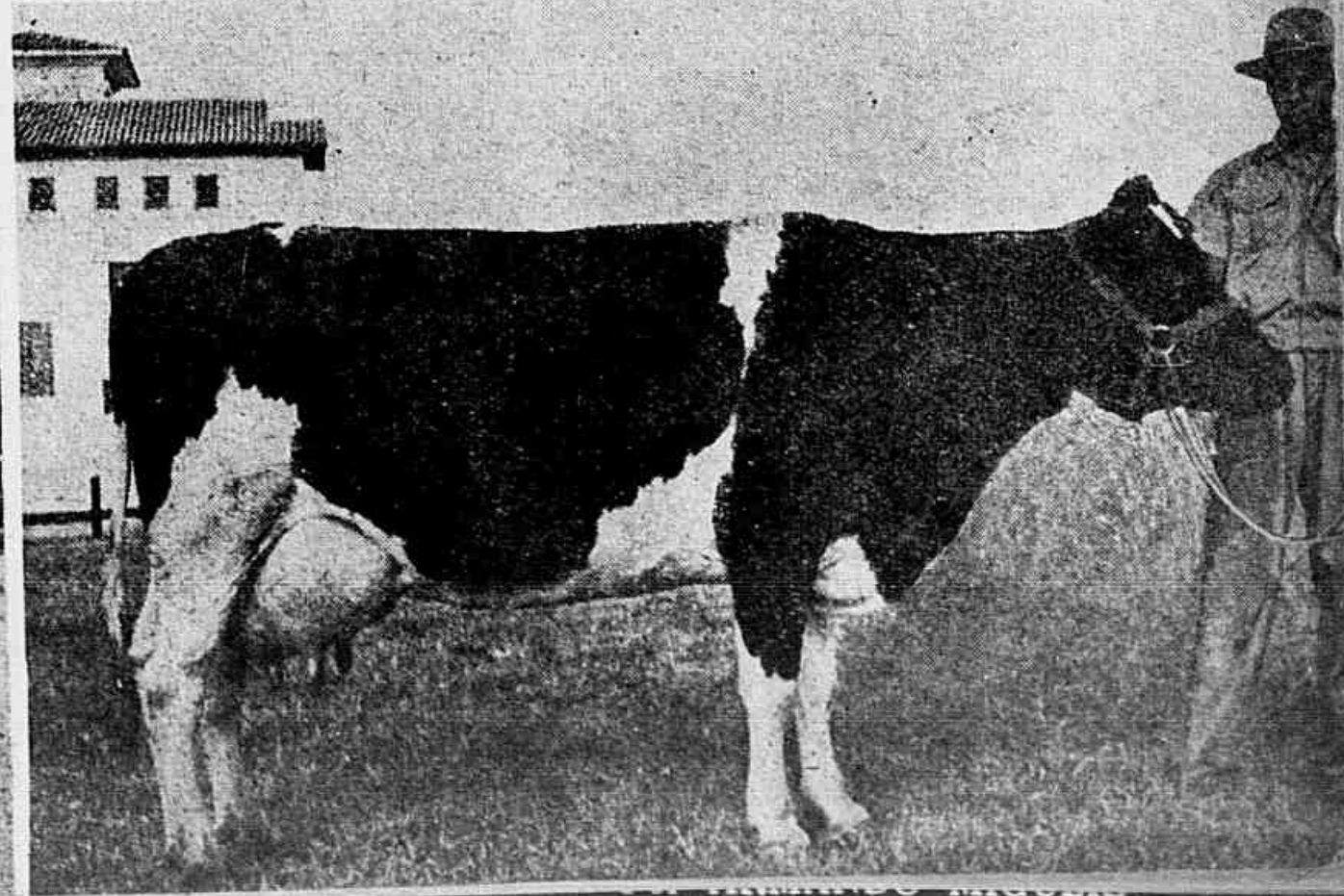
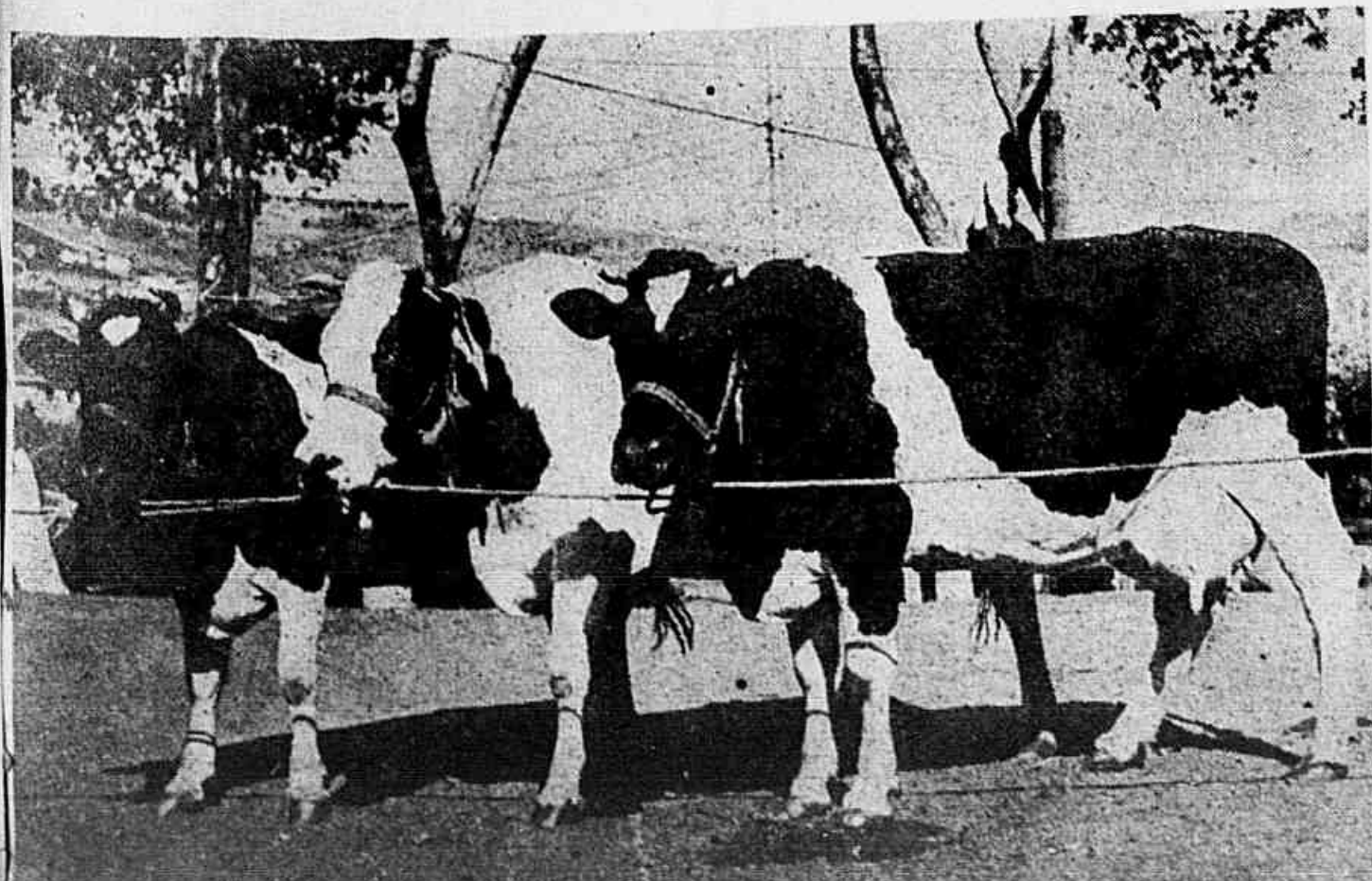
O lado industrial da Exposição conseguiu inteiro sucesso.

Vários pavilhões apresentaram grande número de produtos rurais, em "stands" armados com arte e bom gosto, tanto de iniciativa particular como oficial.

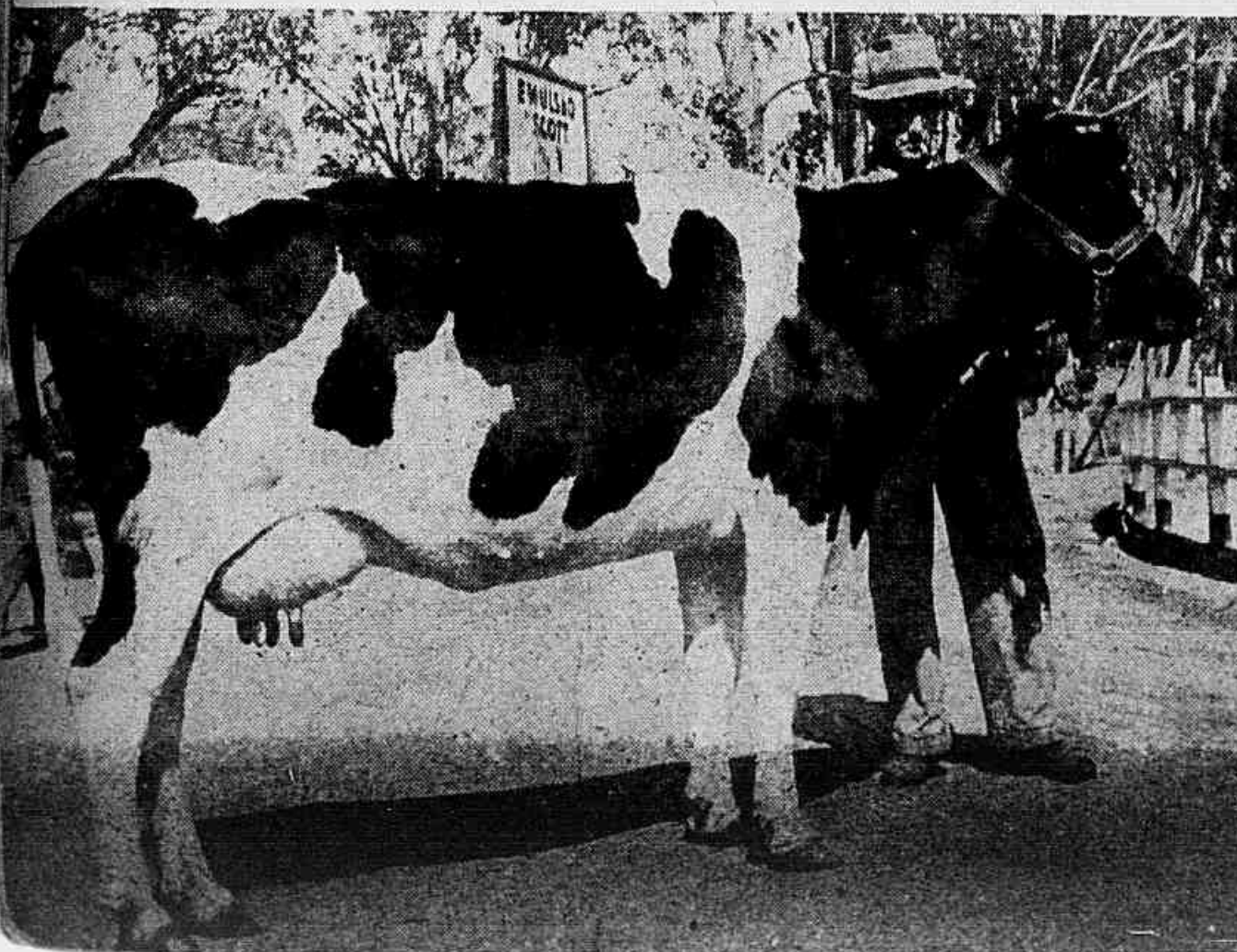
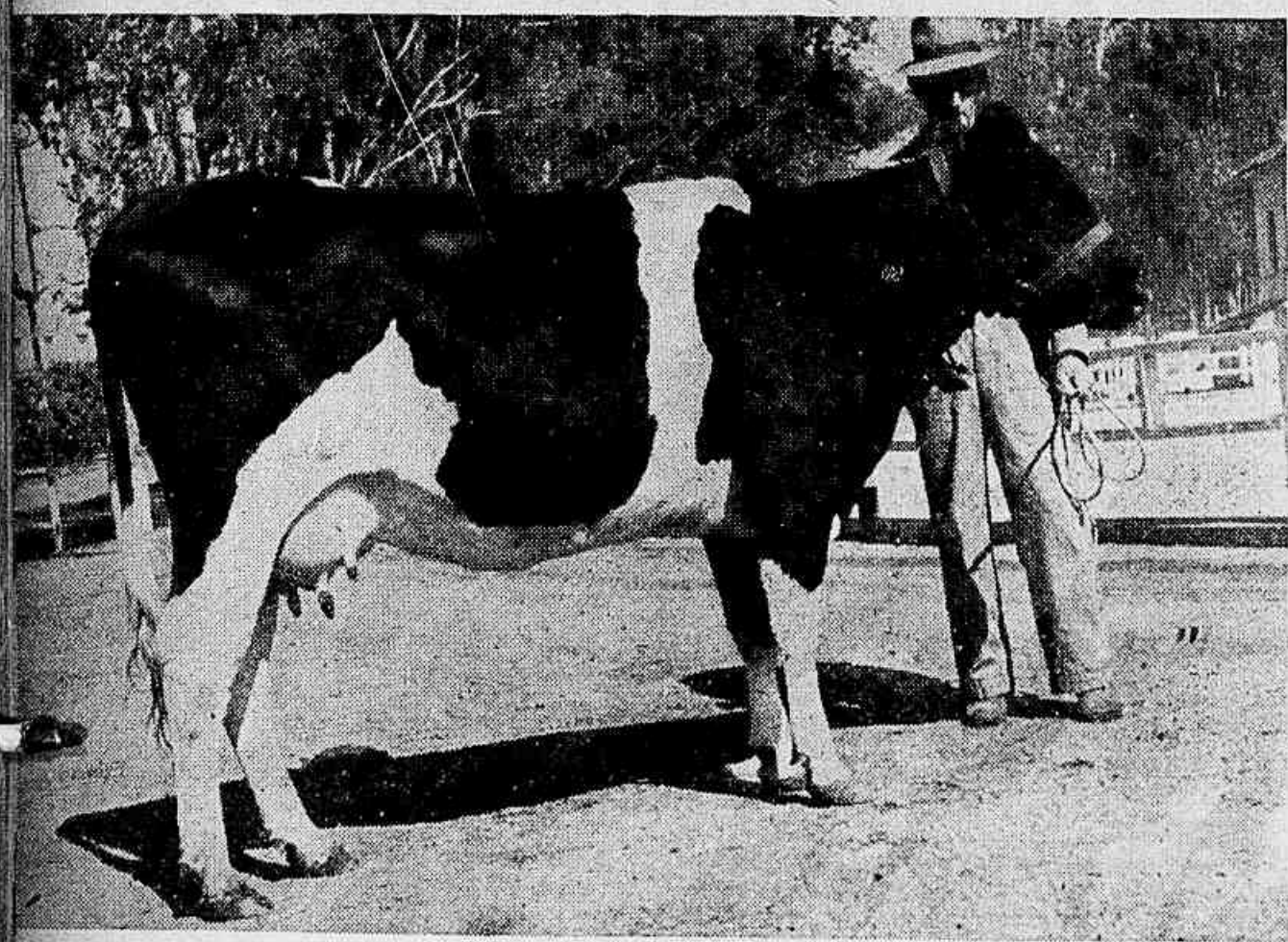
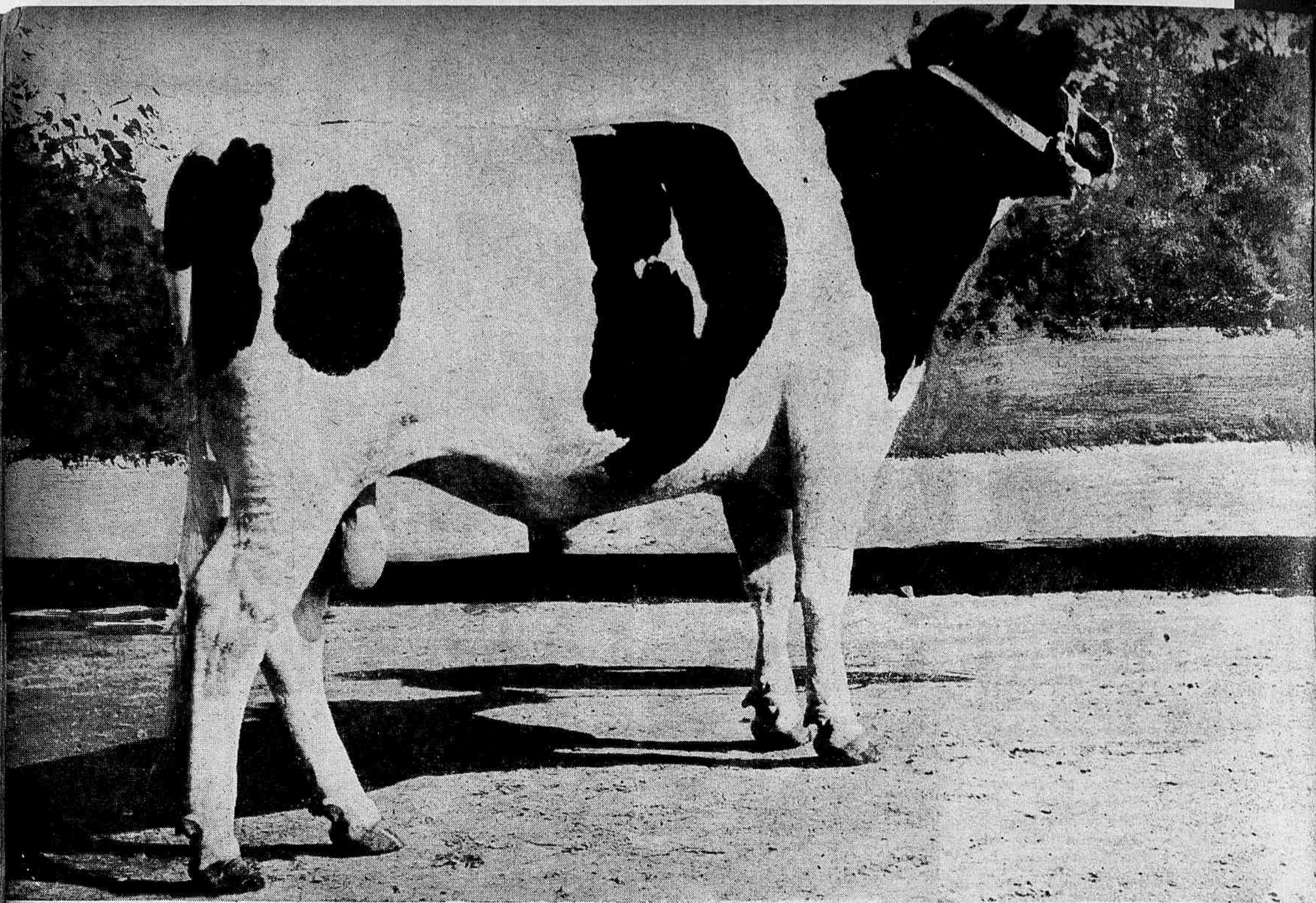
Nesta esfera, teve enorme brilhantismo



Ao alto — Uma trindade de grandes criadores leopoldinenses, essa que aí vemos composta dos irmãos Antenor, Antonio e José Ribeiro dos Reis, expoentes da pecuária nacional, cujas virtudes se vêm afirmando através de esplêndidas vitórias conseguidas em todos os certames nos quais tomam parte os seus rebanhos. Agora mesmo, na XII Exposição Nacional, os irmãos Ribeiro dos Reis levantaram, entre outros prêmios, os 1.º e 2.º lugares no Concurso Leiteiro, na categoria de vacas de grande porte, e os 1.º, 2.º e 3.º lugares na categoria de novilhas de grande porte, feito este que confirma a justa fama que já consagrou Leopoldina como o maior centro de gado leiteiro do Brasil. Os renomados criadores estão ladeados na foto, pelas campeãs "Onix-Cacheada II" e "Miltonia-Conga". Em baixo — A esquerda, o mesmo grupo Campeão do alto da página, visto de logares na categoria de vacas de grande porte, com 85,530 quilogramas em 3 ordenhas diárias. "Onix-Cacheada II" é da raça Holandesa Preta e Branca, Pura por Cruzamento. Pertence ao apurado plantel da Fazenda Bom Destino, do sr. Antenor Ribeiro dos Reis, de Providência, Leopoldina.







Ao alto — O magnífico touro "Big-Three", Reservado-Campeão da raça Holandesa Preto e Branco na XIII Exposição Nacional. Esse excelente reprodutor descende da maior linhagem leiteira do mundo, neto que é de grande campeã Carnation com produção de 31.000 litros de leite. "Big-Three" foi justamente considerado pela unanimidade dos conhecedores como o melhor touro leiteiro presente à XIII Exposição. "Big-Three" é Puro de Pedigree, tem 27 meses de idade, e é filho de "Block Max" (pai) e "Itahyê Morena do Marechal". O laureado campeão foi adquirido na XIII Exposição pelo sr. Eduardo Sá Fortes Orlando, proprietário da Fazenda Cantagalo, de Barbacena, grande estância que se dedica à criação de gado holandês.

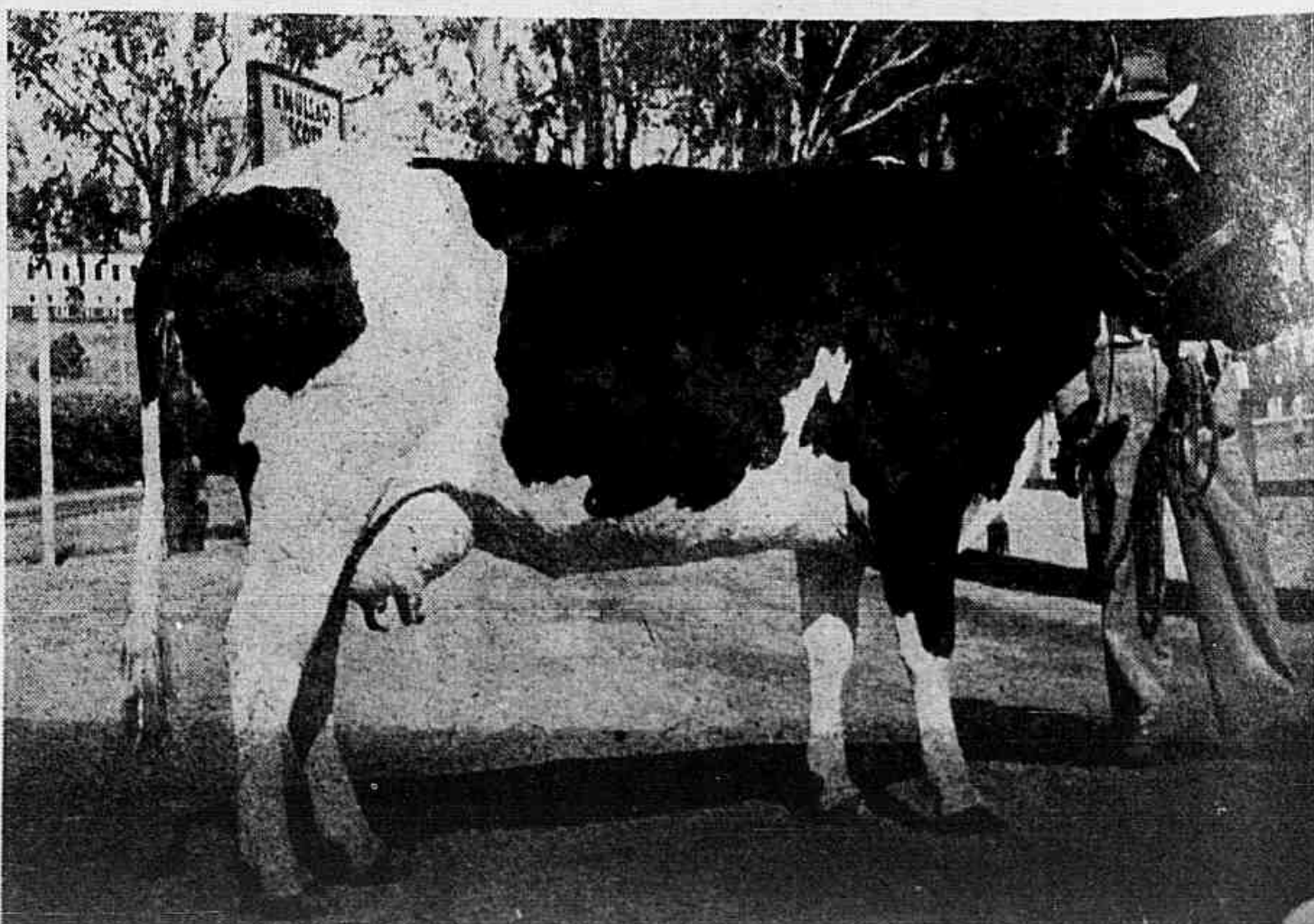
mo o Pavilhão de Sericicultura, instalado pela Inspetoria Regional de Sericicultura de Barbacena, importante departamento do Ministério da Agricultura, que fez uma completa demonstração dos métodos de fabricação da seda natural, desde o casulo ao tecido.

Muito brilho também coroou o "stand" da Fábrica Escola "Cândido Tostes", de Juiz de Fora, o modelar estabelecimento de ensino e fabricação dos sub-produtos

do leite, mantido pelo governo mineiro, único no gênero que possuímos

O grande acontecimento, porém, da XIII Exposição Nacional foi o Concurso de Vacas Leiteiras, que revelou uma excepcional campeã na concorrente "Miltonla-Conga", novilha de 1.ª cria da raça Holandesa, produto puro-sangue, nascido e criado nos campos leopoldinenses, oriundo da Fazenda Mato-Dentro, do sr. José Ribeiro dos Reis, e que

A esquerda — "Catauá-Carquejinha", 2.º lugar em Teor Gorduroso, na categoria de novilhas de grande porte, na XIII Exposição. 1.º Prêmio na Exposição de Juiz de Fora. Em baixo — A esquerda, "Catauá-Jola", 2.º lugar em Teor Gorduroso, na categoria de vacas de grande porte. A direita, "Catauá-Bahiana", vice-campeã leiteira na Exposição de Juiz de Fora, com 81.100 quilogramas em 3 dias, também exposta na XIII Exposição. Esses três esplêndidos animais são de propriedade da Fazenda Cantagalo, do sr. Eduardo Sá Fortes Orlando, de Barbacena, filho do antigo pecuarista Vitor Orlando, que durante mais de 30 anos dedicou-se à criação de animais puro-sangue.







O magnífico espécime acima é a grande campeã "Miltonia-Conga", a maravilhosa novilha holandesa de primeira cria que levantou o campeonato leiteiro da XIII Exposição Nacional realizada em Belo Horizonte e o troféu "SOCIL", produzindo em 3 dias, 96 quilos e 315 gramas. Essa admirável campeã, de propriedade do sr. José Ribeiro dos Reis, adiantado criador de Leopoldina (Fazenda Mato Dentro) é alimentada com "Leitil", um dos produtos da vasta linha Social, a fábrica que tem arraçado o maior número de campeões em todas as exposições realizadas no Brasil Central. Na gravura, onde vemos "Miltonia-Conga" se deliciando com o seu alimento predileto, estão (a contar da esquerda) os srs Theodoro Brandão Costa, inspetor da Social Ltda., Celso Caluby Novais, seu diretor-presidente, e José Silva, competente tratador da extraordinária campeã.

venceu o concurso em todas as categorias, classificando-se a campeã absoluta do certame, e cujo resultado veio na' s uma vez atestar a excelência dos rebanhos de Leopoldina, sem falar o maior centro de gado leiteiro do Brasil. Assim é que, na categoria de vacas de grande porte, sagrou-se a vasa "Onix-Cacheada II", da Fazenda Bom Destino, do sr. Antenor Ribeiro dos Reis, seguida da vaca "Vita-Dispensa", da Fazenda S. José, do sr. Antonio Ribeiro dos Reis Filho; na categoria de novilhas de grande porte, vencida pela ganhadora do concurso "Miltônia-Conga", colocou-se em 2.º lugar a novilha "Vita-Arauna", também da Fazenda S. José. Conquistou, pois, a "élevage" leopoldinense mais um esplêndido triunfo, adjudicando-se títulos tão expressivos do seu aperfeiçoamento pastoril no que diz respeito às espécies leiteiras.

★

A XIII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados, que teve a duração de uma semana (10 a 17 de agosto último), esteve a cargo da Secretaria de Agricultura do Estado de Minas, que deu ao importante certame uma perfeita organização, correndo os seus numerosos serviços na mais perfeita ordem, o que inegavelmente contribuiu para o maior brilhantismo do "meeting".

Contando com a cooperação dos técnicos do Ministério da Agricultura, puderam os seus colegas mineiros apresentar um trabalho muito elogiável. O soberbo Parque de Gameleira foi, por

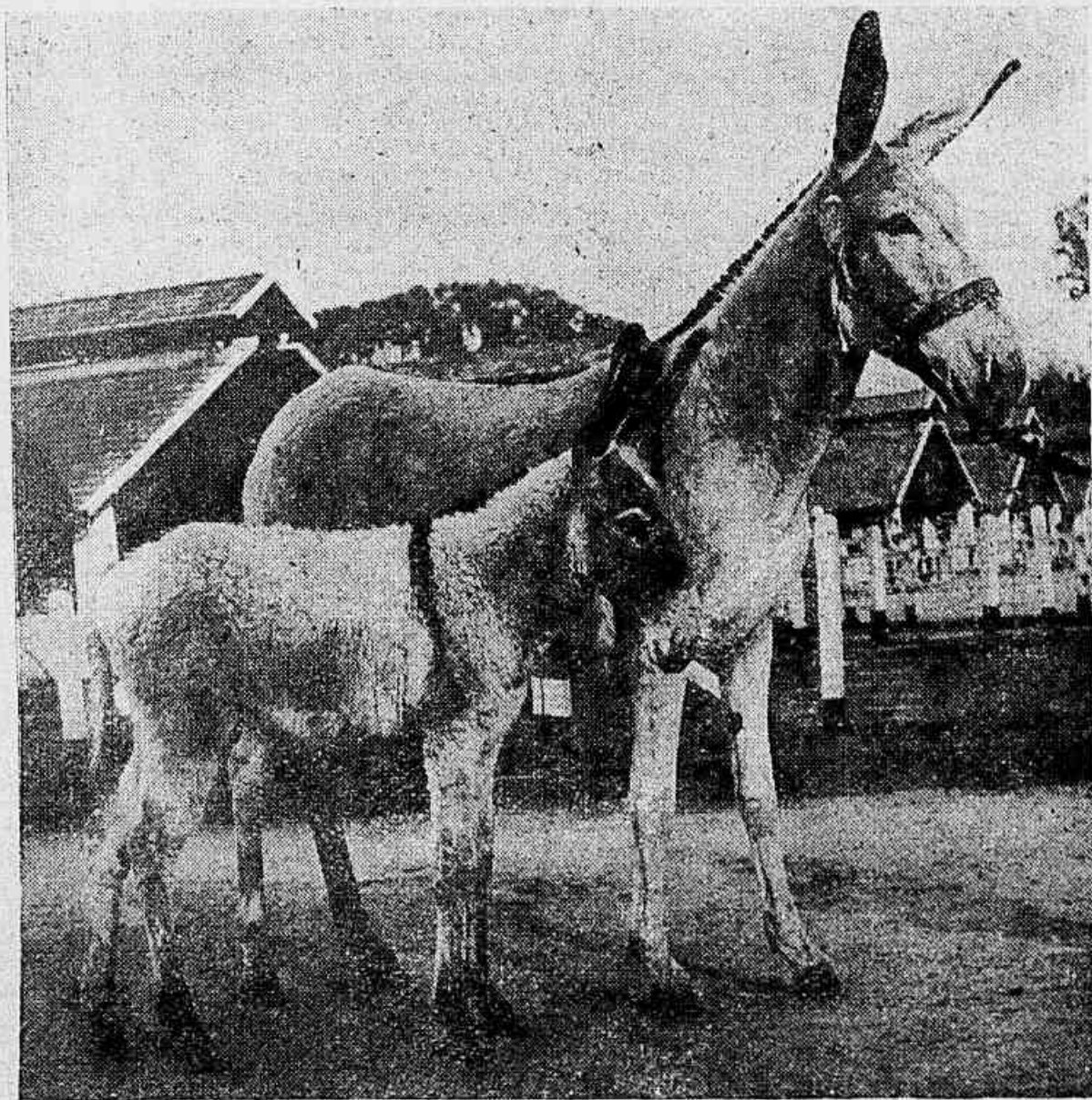
Socil, a grande fábrica de rações balanceadas de S. Paulo, apresentou na XIII Exposição Nacional de Animais os seus excelentes produtos, já tão conhecidos e usados pelos mais adiantados criadores do País. A fotografia em baixo mostra o seu "stand" no Parque da Gameleira, que foi muito visitado e onde os interessados puderam apreciar os seus vários produtos para cada espécie de cada fim animal. A Socil, que é a maior fábrica de rações do Brasil, é a detentora do Campeonato da sua classe nas exposições a que comparece, tendo, também nesta, tirado o 1.º Prêmio.







Vista do "stand" da grande firma Arthur Vianna Companhia de Materiais Agrícolas, na XIII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados. A importante empresa, fundada em 1900, possui um capital de 15 milhões de cruzeiros e desenvolve as suas atividades em todo o País. Mantém um Departamento Agrônomo com 8 agrônomos, que viajam do Espírito Santo até o Paraná, tendo alguns sede fixa no Interior de Minas e S. Paulo, os quais atendem a qualquer consulta sobre adubação e providenciam análises da terra gratuitamente. A firma Arthur Vianna tem sede em Belo-Horizonte e filiais no Rio e São Paulo, com agentes nas principais cidades do Brasil. São agentes exclusivos da Corporação de Ventas de Salitre y Yodo de Chile. E' seu diretor-presidente o comendador Arthur Vianna, filho do fundador da firma, cel. João Ribeiro da Fonseca Vianna.



A fumenta "Prenda", 1.º Prêmio na XIII Exposição Nacional, com o seu filhinho "Pachá". "Prenda" é da raça Pêga e é filha de "Guarany" em "Predileta". Pertence ao sr. Eliziário José de Rezende, proprietário da Fazenda Boa Esperança, de Lagôa Dourada, Minas Gerais.

outro lado, um cenário digno do espetáculo de gala, que oxalá se repita todos os anos para o fortalecimento cada vez maior das fontes produtoras nacionais.

\*

A XIII Exposição Nacional transcorreu movimentada do primeiro ao último dia, atraindo sempre um grande público

que prestigiou com a sua constante presença o importante certame. Diariamente foram realizadas demonstrações hípias, com o concurso de hábeis cavaleiros de vários Estados e de elementos das Polícias Militares e do Exército, que com pericia e habilidade invulgares participaram de arriscadas provas. Também numerosos rodéis foram apreciados, nos

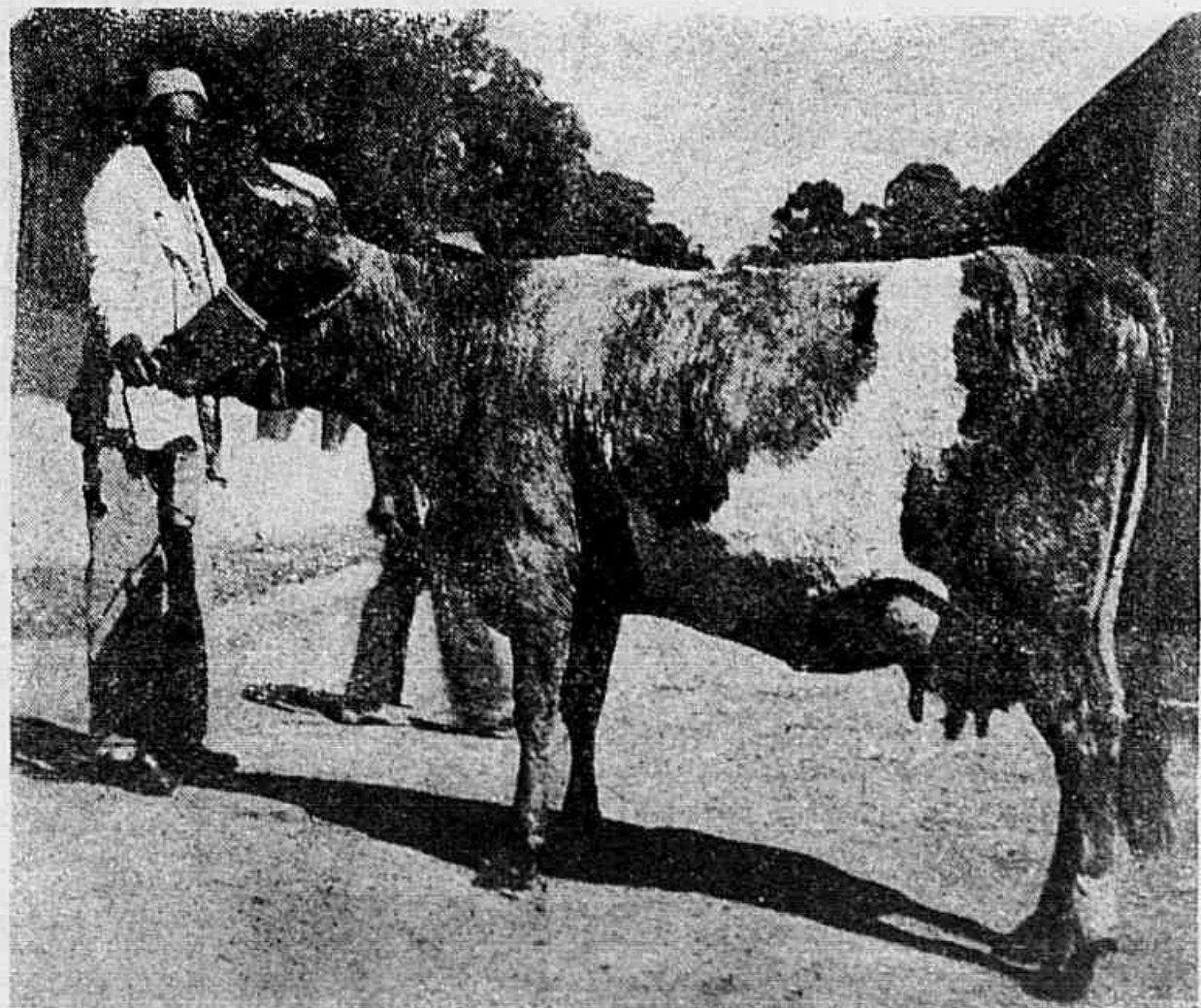
quais se exibia o arrojo e a coragem de autênticos peões, montando animais bravos, números esses que despertaram grande entusiasmo entre os presentes.

Outras atrações fizeram com que o numeroso público que todos os dias aflua ao magnífico Parque da Gambleira mantivesse um permanente interesse em torno da XIII Exposição Nacional, que foi solenemente encerrada no dia 17 de Agosto, numa cerimônia à qual es-

teve presente o governador Milton Soares Campos, o secretário da Agricultura de Minas, sr. Américo René Gianetti, altas autoridades estaduais e federais. Encerrando o certame, falou o sr. René Gianetti, tendo o governador mineiro feito distribuição de prêmios.

Foi, em suma, um acontecimento de excepcional relevo, a XIII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados.

Em baixo — "Vita-Dispensa", vice-campeã do Concurso Leiteiro na XIII Exposição Nacional, na categoria de vacas de grande porte. Pertence à Fazenda S. José, do sr. Antônio Ribeiro dos Reis Filho, de Volta Grande, Minas, criador de gado bovino da raça Holandesa Preto e Branco e Vermelho e Branco, com diversos campeonatos conquistados nas exposições de Leopoldina e nacionais. Ao mesmo criador pertence a novilha "Vita-Arauna", vice-campeã de Leite na sua categoria, no certame nacional.





# A VIDA DE SALOMÃO

(Cêrca de 950 A. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

O rei Davi, num momento de fraqueza, enviara seu capitão Urias à primeira linha de batalha, afim de poder possuir a bela e jovem mulher daquele, Bath-sheba. Salomão foi o fruto desse casamento. Quando nasceu, o profeta Natã deu-lhe o nome de Jedid-Jah, que significa o Amado de Deus. Mais tarde, porém, Davi, ao arrepender-se dos seus pecados e renunciar às ocupações guerreiras para adorar a Deus, consagrou o filho ao estabelecimento da boa vontade entre os homens e da harmonia entre as nações. E foi então que o rei Davi mudou o nome do filho para Salomão — o Filho da Paz.

Mas por algum tempo depois da morte de Davi não houve paz na sua casa, e sim intrigas, conspirações, disputas em torno do trono, acusações, prisões, assassinatos. Em todas estas cenas de tumulto, ódio e crime, Salomão tomou parte ativa. Matou seu próprio irmão, Adonias, e o genitor do rei Davi, Joab. Destituiu o sumo sacerdote Abiatar, nomeando Zadoc em seu lugar. Pois era assim que os príncipes daquela época aplanavam o caminho do trono. Salomão não era melhor, neste ponto, que o comum dos homens do seu tempo.

Era, contudo, mais sábio. "A ira do rei", dizia, "é como o bramido do leão. Mas a sua benevolência é como o orvalho sobre a erva". Tendo-se desembaraçado dos rivais e seus sequazes, sentou-se no trono para reinar, durante algum tempo, com justiça, sabedoria e paz. De todas as partes vinha gente afim de que o rei lhes resolvesse as contendas. E, ao resolvê-las, este demonstrava não só justiça mas também sagacidade. Um dia compareceram três irmãos perante ele. Seu pai, disseram, tinha morrido no dia anterior, logo após declarar que deixava todos os seus bens ao único filho legítimo. E agora cada qual pretendia que ele, e só ele, era o herdeiro.

O rei Salomão ouviu a história e ficou a refletir. Como poderia descobrir o filho e herdeiro legítimo? Finalmente, voltou-se para eles.

— Tragam para aqui o cadáver, e ponham-no de pé contra um pilar.

Os irmãos fizeram o que lhes fora ordenado.

— E agora, — disse o rei — tragam-me um arco e três flechas.

Quando lhe trouxeram o arco e as flechas, Salomão ordenou que cada um dos três irmãos atirasse uma flecha contra o cadáver.

— Aquele cuja pontaria for melhor será declarado herdeiro legítimo.

O mais velho dos irmãos apontou cuidadosamente, e a seta foi cravar-se no braço do morto.

— Muito bem! — disse o rei.

Foi melhor a pontaria do segundo, que conseguiu trespassar a fronte do cadáver.

— Bravo! — observou Salomão.

O irmão mais moço fez pontaria. Mas eis que de súbito lança ao chão arco e flecha, dizendo:

— Prefiro perder a herança a profanar o corpo de meu pai.

— Tu — exclamou o rei — és o legítimo herdeiro!

Assim, segundo contam, começou o reinado de Salomão.

## II

A história nos apresenta dois retratos contraditórios deste rei:

De um lado, é-nos ele descrito como um homem de personalidade cativante, um dispensador de justiça, mestre de clemência, construtor de magnificências, amante da paz. Salomão o Sábio!

De outro lado, é pintado como o assassino do irmão, esbanhador de seu povo, esbanhador de dinheiro, ludibriado pelas suas mulheres, blasfemador contra o seu Deus. Salomão o Tolo!

Além destes dois retratos, há um terceiro — o do Salomão legendário. Na multidão de lendas que se formaram ao redor da personalidade deste príncipe-poeta encontramos a imagem muito humana — senão genuinamente histórica — dum rei que não era nem santo, nem demônio, mas simplesmente um homem com muitas fraquezas e muita sabedoria, com um toque de tirania e uns assomos de brandura, com a arrogância da valdeade e o azedume da desilusão. Salomão o Sábio-Tolo, o despota que escravizou o seu povo, o poeta que lhe deu os Provérbios e o Cântico dos Cânticos.

A ficção histórica, ou poesia mitológica, às vezes nos dá do passado uma imagem melhor do que o faria a crônica seca dos acontecimentos reais. O Salomão fictício — como nos aparece nas numerosas narrações dos livros dos Reis, do Talmude, dos contos árabes, das lendas indianas, dos romances irlandeses — parece, de certo modo, mais compreensível, mais tratável, mais realista, mais vivo do que o histórico Salomão dos admiradores entusiastas, de um lado, ou o dos seus não menos parciais detratores, por outra parte.

O rei Salomão dos historiadores morreu. Viva o legendário rei Salomão dos poetas!

## III

Certa vez, em sonhos, — assim não-lo conta a lenda — o Senhor perguntou a Salomão qual o dom que, mais do que qualquer outro, desejaria ter.

— Um coração compreensivo — disse o jovem rei.

— Tu o terás — prometeu o Senhor.

E quando o rei acordou, achou no seu leito o anel de safira de Adão — o anel mágico que governava os ventos do ar, as águas do mar, os mistérios da terra e o poder de vida e morte. Com a ajuda desse anel, Salomão podia entender a linguagem das aves, o sussurar das árvores e das flores; os murmúrios do oceano e todas as vozes ocultas do céu e da terra. Mas — tal é a insensatez da sabedoria humana — o jovem rei não ficou inteiramente satisfeito com a posse de um coração compreensivo. Este, dissera, era o mais desejável dom divino. Mas havia outros a que também aspirava — poder, glória, riqueza, belas mulheres, navios, cavalos, carros e vida longa. E serviu-se do dom da sabedoria para obter as outras prendas, de tal modo que se tornou o mais rico, o mais famoso e o mais invejado de todos os monarcas da época.

Vaidade das vaidades! A busca da fama ia dar-lhe um espírito arrogante, e a aquisição da fortuna, um coração cruel. "O caminho que leva à desventura. Aquele que confia nas suas riquezas está destinado a sucumbir."

Era em sua própria dor que havia de colher esta jóia de sabedoria. Mas, até então, não conhecia os sofrimentos que teria de suportar, como consequência do mau emprego do seu saber.

## IV

Tranquilo na sua sabedoria, sentava-se Salomão no trono de ouro e empunhava um cetro pacífico. Os edomitas e os moabitas fugiram do seu território, e o rei deixou que se fossem sem luta. Seria insensato, pensava ele, conservar o domínio de povos estranhos e turbulentos contra a vontade destes. Ao invés, tratou de unir mais estreitamente o seu próprio povo. Aboliu os antigos limites das doze tribus de Israel e dividiu o país em doze distritos geográficos, ou estados, pondo cada um destes sob um governador nomeado por ele próprio. E por algum tempo o povo de Israel viveu em segurança, cada um com a sua vinha e a sua figueira; e reinava a justiça no país, desde Dã até Bersebá. Salomão tratava com imparcialidade e justiça tanto aos ricos como aos pobres. Principalmente aos pobres. Temperava a justiça com a sabedoria e também com a clemência. Sua sagacidade era para o povo motivo de assombro cada vez maior. Inventava novas e engenhosas maneiras de perscrutar o caráter dos seus súditos. Um dia chamou à sua presença um oficial que era considerado o homem mais fiel de Jerusalém.



SALOMÃO

— Se cumprires as minhas ordens — disse, — eu te exaltarei.

O homem inclinou-se profundamente. — Vossa Majestade ordena: os seus súditos obedecem. Qual é o desejo de Vossa Majestade?

— Toma esta espada — disse o rei. — E se amanhã de manhã me trouxeres a cabeça de tua mulher, far-te-ei o primeiro dos meus governadores.

O oficial tomou a espada. No dia seguinte voltou — mas sem a cabeça da mulher.

— Desembanhei a espada — disse — quando minha mulher dormia. Mas, estando para dar o golpe, notei como o

seu cabelo se espalhava pelo travesseiro e caía sobre o rosto dos nossos filhos. Não tive coragem.

No dia seguinte Salomão chamou a esposa deste homem, que era considerada a mulher mais fiel de Jerusalém.

A mulher tomou a espada e voltou para casa. Naquela noite preparou um banquete para o marido. E, logo que este caiu em pesado sono causado pelos vapores do vinho, ela lhe fez descer com força a espada sobre o pescoço. Mas Salomão, na sua prudência, dera-lhe uma espada de estanho.

O golpe despertou o marido, mas não lhe causou dano algum.

Na manhã seguinte — continua a lenda, — o rei chamou marido e mulher ao palácio.

— Vede — disse, apontando-os à multidão — encontrei um homem fiel entre mil; mas uma mulher fiel entre dez mil não pude encontrar.

## V

E foram as mulheres infiéis que terminaram por levar Salomão à ruína. Desposava-as, não por amor, mas por práticas razões de Estado. Porque, além do dom da sabedoria, contraiu agora a praga da ambição. Formou sociedades comerciais com vários reis estrangeiros, cujas filhas desposava para melhor cimentar tais empresas. Esses casamentos lhe trouxeram muitas riquezas e muitas contrariedades. As esposas exigiam vestimentas caras, carros dourados, palácios de cedro e opíparos banquetes. Desprezavam a pobreza da pequena cidade judaica para onde ele as trouxera. Instavam com ele para construir, e construir ainda mais, até que Jerusalém começou a rivalizar em esplendor com as fabulosas cidades de Piro, Sidon, Ninive, Tebas e Babilônia. Mandava Salomão seus navios buscar ouro, prata e pedras preciosas para afofinosar o reino; escravizou os estrangeiros da Palestina e, finalmente, os seus próprios compatriotas, na sua sede insaciável de luxo e mais luxo. Impunha pesadas taxas ao povo para custear a pirâmide sempre crescente das suas extravagâncias. O povo gemia sob o fardo, e havia descontentamento e rebelião no país. Salomão, para aplacar o descontentamento, procurou transformar a sua sabedoria em astúcia.

— Vê a formiga, ó preguiçoso — dizia aos escravos relutantes. — Observa como ela trabalha, e imita-a.

Mas os escravos continuavam a murmurar, as suas concubinas continuavam a excitar-lhe a ambição e a fazê-lo cometer extravagâncias cada vez maiores. Caíu na libertinagem e deu em passar as noites bebendo, cantando e dançando. Por vezes, a voz fraca e suave da antiga sabedoria lhe sussurrava por entre os fumos do vinho. "Até no riso o coração sofre, e o júbilo termina em melancolia". Mas o rei desdenhava as advertências do seu coração e continuava amontoando tesouros, para vê-los logo desaparecer nas chamas do seu desejo.

E o desejo de contentar as suas mulheres trouxe-lhe mais outro mal — a idolatria. Introduziu em Jerusalém o culto dos deuses exóticos. Não a fé interior, mas a pompa externa — a licenciosidade, a superstição, os sacrifícios humanos, as perversões materiais e espirituais dos sacerdotes de Moloc, Osiris, Astarté e Baal.

Entretanto, as despesas do rei continuavam a crescer, até que a renda dos impostos já não pôde compensar a sua dissipação. Assim, viu-se compelido a pedir emprestadas enormes quantias a Hirã, rei dos fenícios. Quando chegou o tempo de restituir o dinheiro Salomão foi obrigado a ceder a Hirã, vinte cidades, pois não tinha com que saldar as suas dívidas.

Dêsse modo, na ânsia de conquistar incomparável glória, apenas conseguiu grandes desgostos, a rebelião dos súditos e rixas entre suas mulheres. "Melhor é morar numa terra deserta" escreveu nos Provérbios, "do que com uma mulher rixosa e iracunda".

Falava de cadeia. Porque — assim diz a lenda — foram a iracúndia e os ciúmes de suas mulheres o que, por algum tempo, o levou a abandonar o seu reino e a viver em países desertos.

## VI

Eis aqui como Salomão veio a ser exilado da sua pátria:

Asmodeu, rei dos demônios, tornara-se o camarada do rei de Jerusalém. Tomava parte nos banquetes e orgias, e compartilhava os abraços das suas esposas. Ora, algumas destas mulheres, sentindo-se exasperadas contra o rei porque lhes parecia que este se mostrava avaro de seus favores para com elas, conspiraram com Asmodeu para privar Salomão do seu reino. De modo que um dia, quando Salomão estava embriagado e tinha a mente perturbada pelo álcool, o demônio pediu-lhe para ir.



crar o anel de safira que pertencera a Adão — Esse anel cujo poder sobrenatural dera a Salomão um coração compreensivo. O rei tirou o anel do dedo e deu-o ao demônio, que, crescendo até as nuvens, o atirou ao fundo do mar; e, tomando Salomão em seus braços, arremessou-o, através do ar, às areias do deserto. Então, tendo assumido a aparência do rei, Asmodeu sentou-se no trono de Salomão e reinou em seu lugar.

Esta lenda, fantástica como parece, é, não obstante, susceptível de uma interpretação natural. O lado mau de Salomão, o demônio que tinha dentro de si, havia expulsado o lado bom. De modo que lá estava sobre o trono apenas a aparência de quem antes fora um rei sábio e poderoso; ao passo que a parte melhor de sua natureza, a justiça, a bondade e a clemência antigas, escondida das vistas, vagueava no deserto levada pelos ventos. Os poetas da Palestina e da Arábia gostavam de explicar assim, por meio duma alegoria, a progressiva degradação moral do caráter de seus reis.

Mas voltemos à nossa lenda. Quando Salomão se encontrou no deserto, pôs-se a errar de cidade em cidade, exclamando por toda parte: "Eu sou o rei Salomão." Mas era sempre recebido com escárnio. "Val-te daqui! O rei Salomão está no seu trono! Não passas de um mendigo!"

Os próprios mendigos o repeliam. "Se és o rei", chagueavam, "volta então para o teu trono, em vez de roubar-nos as esmolas que por direito nos tocariam".

Assim vagueava ele, sem que o ajudassem nem ricos

nem pobres. E, andando penosamente pela solidão, vivendo de frutas silvestres e de espigas de trigo abandonadas pelos campos, comparava a sua glória antiga com a desgraça de agora. "Busquei no meu coração como regalaria a minha carne com vinho. Fiz para mim obras magníficas. Edifiquei para mim casas. Plantei vinhas para mim. Fiz para mim hortas e jardins. Adquiri servos e servas; tive grande possessão de vacas e ovelhas, mais do que todos os que houve antes de mim em Jerusalém. Amontoei também para mim prata e ouro, tesouros; provi-me de cantores e cantoras, e das delícias dos filhos dos homens, uma multidão de mulheres. E engrandeci-me e aumentei mais do que todos os que houve antes de mim em Jerusalém... E olhei para todas as obras que fizeram as minhas mãos, e para as possessões que antes eram minhas, e elas se desvaneceram. E tenho de pedir o meu pão, e sou desprezado pelos homens e rechasado pelos animais do campo... E eis que tudo é vaidade e aflição de espírito, e que não há proveito algum debaixo do sol."

Uma noite, tendo-se deitado entre os penhascos para dormir, viu um homem desenterrar um saco de ouro. Na manhã seguinte, ao entrar na cidade, os guardas o detiveram.

— E' esse o ladrão que roubou o ouro! — gritou o homem que Salomão vira desenterrando-o do chão na noite anterior.

Foi em vão que protestou a sua inocência. O verdadeiro ladrão era amigo dos juizes, e Salomão apenas um

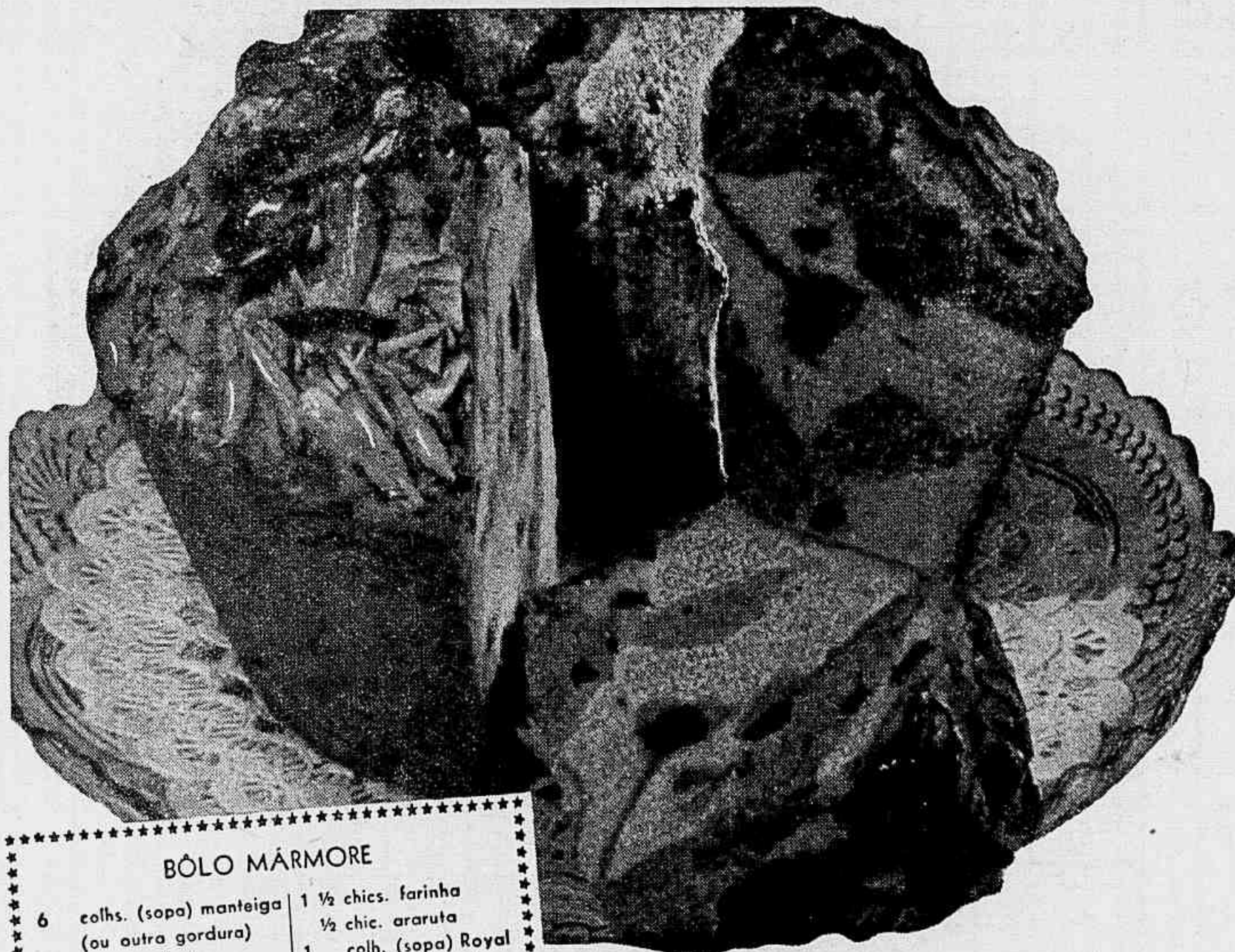
mendigo desconhecido. Os juizes ordenaram que revelasse onde escondera o ouro; e quando repetiu que não era o ladrão, foi castigado com cem vergastadas, e lançado a uma masmorra. "Felizes os que já morreram, mais do que os que vivem ainda" exclamava. "Mais felizes que uns e outros, porém, são os que nunca nasceram. Porque não viam as más obras que se fazem debaixo do sol."

Foi acorrentado com os outros prisioneiros, e, conversando com eles, descobriu que alguns eram culpados e outros inocentes. Um fora atirado à prisão porque o seu vizinho rico lhe cobiçara o campo; outro, porque um amigo lhe cobiçara a mulher; um terceiro, porque ousara acusar de injustiça ao juiz; e outro ainda, porque se queixara ao rei dos pesados impostos. Os pobres sofriam por causa da cupidez dos ricos; e os justos por causa da arrogância dos injustos.

Salomão começou a compreender que ele, também, "fizera sofrer os pobres e os justos, com sua cupidez e injustiça. Tinha matado o irmão, escravizado os seus súditos e blasfemado contra o seu Deus. Arrependeu-se então das suas más ações, dizendo: "O temor de Deus é o princípio da sabedoria; e o amor da clemência é o começo da justiça."

O sofrimento enobrecera o caráter do rei Salomão. O Senhor o castigara porque o amava, como um pai extremo castiga o filho indócil. E, tendo sido punido, estava

(Cont. na pag. 57)



### BÓLO MÁRMORE

- |                                             |                      |
|---------------------------------------------|----------------------|
| 6 colhs. (sopa) manteiga (ou outra gordura) | 1 ½ chics. farinha   |
| 1 ¼ chics. açúcar                           | ½ chic. araruta      |
| 1 colh. (chá) essência                      | 1 colh. (sopa) Royal |
| 3 ovos                                      | 1 colh. (chá) sal    |
|                                             | ½ chic. leite        |

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire junto 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte-os, aos poucos, à massa alternados com leite, batendo sempre. Coloque 2/3 da massa na forma untada. Misture ao restante uma pasta feita com 2 colhs. (sopa) cacau com água. Ponha a mistura às colheradas sobre a massa na forma, mexendo só um pouco para obter um efeito de veios de mármore. Use forno regular cerca de 50 minutos.



**GRÁTIS!**

Peça hoje ao seu fornecedor um "Cartão-Royal" com as instruções para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Ou escreva para: Caixa Postal 3915 - Rio de Janeiro.



## Faça Bolos...

...e seus filhos pularão de alegria!

As crianças adoram bolos... E desse modo, dando-lhes alegria, a senhora ainda enriquece a alimentação de seus filhos! É claro! Vale a pena fazer bolos! E a senhora ficaria esperando esta ou aquela data se desde já soubesse que, com bolos, seus filhinhos viveriam numa alegria permanente? Para garantia do êxito utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança e de qualidade, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

### FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.  
RIO DE JANEIRO

## FEMININAS

### BOLO DA BAHIA

Conteúdo: 500 gramas de açúcar; 500 gramas de farinha de mandioca; 400 gramas de manteiga; 1 côco; 4 gemas.

Preparação: Bate-se muito bem a manteiga com o açúcar e em seguida, juntam-se as gemas batidas, o leite de côco extraído sem água e a farinha de mandioca. Mistura-se tudo e põe-se em uma forma untada com manteiga. Assa-se em forno regularmente quente.

### BOLO BRANCO

Conteúdo: 200 gramas de açúcar; 500 gramas de farinha de trigo; 160 gramas de manteiga fresca; 1 xícara, das de chá, de leite de côco puro; 4 colheres, das de chá, de fermento "Royal"; 3 claras; 1 côco; raspa de um limão.

Preparação: Bate-se muito bem a manteiga com o açúcar e depois junta-se-lhe a farinha peneirada três vezes com fermento, e o leite, mexendo-se continuamente.

Em seguida, acrescentam-se as claras bem batidas e a raspa de limão. Mistura-se tudo, põe-se em duas formas rasas untadas com manteiga e assa-se em forno regularmente quente. A parte, ralase o côco, põe-se em um tabuleiro e leva-se para secar ao sol. Depois de seco e completamente frio, mistura-se com um pouco de açúcar cristal bem alvo. Tiram-se os bolos do forno, deixam-se esfriar, e, em seguida, põe-se um deles em um prato, cobre-se com um "glacê" branco qualquer e espalha-se por cima o côco preparado.

Põe-se o outro em cima, glacia-se também e cobre-se com o côco restante.

### BOLO DE CERVEJA

Conteúdo: 500 gramas de açúcar; 500 gramas de farinha de trigo; 3 colheres, das de sopa, de manteiga; 1 xícara, das de chá, de cerveja; 6 ovos.

Preparação: Batem-se as claras em neve e depois juntam-se as gemas e continuam-se a bater, até ficarem grossas. Adicionam-se-lhes o açúcar e a manteiga, continuando-se a bater.

Depois de bem batido, acrescenta-se a farinha. Mistura-se tudo e junta-se a cerveja. Bate-se ligeiramente e despeja-se em uma forma untada com manteiga, e assa-se em forno regularmente quente.



## TRATAMENTO DO ROSTO E DAS MÃOS

Por profissionais competentes. Os mais finos produtos de beleza:  
Creme, pó, rouge, água, pasta, etc.  
Rainha da Hungria

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

Mme. CAMPOS

Uma organização tradicional através meio século  
Rua Assembléia n.º 115-1.º — Fone: 22-4685

### As idéias honestas...

(Cont. da pág. 11)

ram a esclarecer às autoridades que o patrimônio investido num edifício próprio para a residência de moças e senhoras, aqui no Rio, daria um lucro modesto é verdade, mas compensador. Mas estávamos na época das especulações, dos grandes lucros, e o meu plano era, antes de tudo de assistência social. Talvez, por isso, tenha fracassado.

Muitos dos colegas de dona Adélia riem-se da sua idéia, a que chamam de mania. Bem o notamos, quando a entrevistada abriu sua escrivaninha e nos exibiu dois pequenos cofres de madeira, pesados das moedas que contêm. Em cima de um deles há um desenho de uma galvota branca e a legenda: "As mulheres sôzinhas são pássaros desolados".

— São as minhas economias para iniciar a fundação. Quis abrir uma conta em banco, mas não a aceitaram porque o movimento não está oficializando o senhor quer fazer a "REVISTA DA SEMANA" depositária?

Agradecemos e ela continuou:

— Ganho muito pouco para os meus quatorze anos de trabalho — mil, duzentos e cinquenta cruzeiros, mas as economias para a fundação estão sempre crescendo. De vez em quando os meus colegas contribuem com alguma pratinha para os cofres.

Dona Adélia Veras sabe que morrerá sem ter realizado o sonho que é sua obsessão. Sua idéia, prática e já realizada em outros países, não vingou no Rio, onde meia dúzia de institutos de aposentadoria arrecada milhões de cruzeiros dos contribuintes e não consegue resolver a décima parte dos problemas que os afligem. Os dezessete anos de luta improficua de dona Adélia Veras são um símbolo, símbolo que ela sintetizou na frase com que nos despedimos:

— Idéia honesta não vinga nesta terra!

QUARENTA MIL MOÇAS SEM LAR

Quando discutíamos no escritório do

engenheiro Marcelo Roberto esse problema angustioso da mulher que vive sôzinha em nossa cidade, veio à baila

essa cifra assombrosa: Quarenta mil moças estão à procura de um lar no Rio de Janeiro!

— É necessário que a mulher que trabalha, dada sua natural propensão para permanecer em casa, possa habitar um lugar que seja para ela realmente um lar, na expressão literal da palavra. Por isso, o nosso projeto da Casa da Comerciária procurava trazer ao edifício aquele ambiente de conforto necessário.

E é isso o que pedem as quarenta mil trabalhadoras que são obrigadas a morar sôzinhas: um lar. Estão cansadas de viver apertadas em quartos de empregadas transformados pelo aluguel — tão somente pelo aluguel — em quartos

para alugar. Estão cansadas da ganância dos que lhes sub-locam um quarto modesto e cobram pelo mesmo tanto quanto pagam por todo o apartamento. Estão cansadas de viver sob as restrições por vezes absurdas dos pensionatos. A irmã Vicência e a sua compreensão é um caso excepcional. Dona Adélia Veras está desiludida de tanto sonhar e seus cofres estão pesados com as suas economias. O que é necessário é que cada um dos institutos construa pelo menos uma casa, idêntica ao projeto da Casa da Comerciária. Não da prejuízo, dizem os construtores e a irmã Vicência confirma. Será que as idéias honestas realmente não vingam nessa terra?

# Vai Viajar?

Em suas viagens ao Norte, Centro ou Sul do Brasil, lembre-se de que o seu ponto de destino está incluído entre as rotas percorridas, com frequência e regularidade, pelos nossos modernos aviões de passageiros.

Vôos rápidos e confortáveis, máxima cortesia, perfeito serviço de lanche a bordo, são algumas das vantagens que lhe proporcionam os nossos serviços aéreos.

VIAGENS AÉREAS  
**"LAB"**



Rio  
Uberaba  
Uberlândia  
Araguari  
Ituutaba

Rua Santa Luzia, 305 - Tel. 42-3388

## LINHAS AÉREAS BRASILEIRAS S. A.

Revistas 38-47

**RUGOL**  
O CREME  
EMBELEZADOR DA PÉLE



**PRÍNCIPE DE GALLES**

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

**Produto COSTA PENNA BAHIA-BRASIL**

*Contra o esgotamento físico e mental!*

**VINHO DA VIDA**

**VINOVITA**

**RENOVADOR DAS FORÇAS**

*Tônico poderoso*

5 embalagens diferentes e ainda você encontrará nos barbeiros e cabeleiros de 1.ª. Ao alcance de todos, BRYLCREEM assenta, emplasta, dá brilho, torna os cabelos saudáveis e juvenis, perfuma suavemente; fixa mas permite repentear.

**BRYLCREEM**

O mais perfeito fixador do cabelo

## LAIS NETTO DOS REYS



No próximo dia 22, os corpos docente e discente da Escola de Enfermeiras D. Ana Neri, verão transcorrer a data natalícia da sua diretora, sra. Lais Netto dos Reys.

A ilustre e distinta aniversariante, cujos dotes morais fazem convergir para a sua pessoa a admiração respeitosa de todos quantos têm a felicidade de conhecê-la, e que conseguiu com notável esforço e inextinguível devotamento colocar em posição de elevado e merecido destaque a Escola-padrão de enfermagem em nosso país, receberá por certo, no ensejo do seu aniversário, várias e expressivas manifestações de apreço e simpatia.

## MOVIMENTO LITERÁRIO DA INGLATERRA

"Ibsen" (A Revaluation) — M. C. Bradbrook.

Miss M. C. Bradbrook, professora e conferencista do Girton College, em Cambridge, escreveu um dos livros mais completos e mais compreensivos sobre o grande dramaturgo norueguês Henrik Ibsen, mostrando-o sob os mais variados aspectos, quer como pessoa humana, quer como artista, poeta, moralista, humanista e visionário. O livro, lançado por Chatto and Windus, em Londres, e pela Oxford University Press, no Canadá, é indispensável ao bom conhecimento da vida e da boa interpretação da obra do autor de "Espectros", "Casa de Boneca", "O Inimigo do povo", "Os pilares da sociedade", "A liga da juventude", "O pato selvagem" e tantas outras obras primas. A autora teve valiosa colaboração por parte de compatriotas de Ibsen, inclusive o professor A. H. Winsnes da Universidade de Oslo "New Road" (4) — Sob a direção de Fred Marnau.

Trazendo como sub-título "Directions in European Art and Letters", essa curiosa publicação, cujo título traduziríamos por "Nova rota" ou "Novo Caminho", não é propriamente uma revista, nem é tampouco um livro, no sentido comum. É, na verdade, uma antologia ornada de estampas que reproduzem trabalhos de pintores modernos, como Gregório Prieto, Nora Lavrin, Oscar Kokoscha, etc., ao lado de poesias de Pierre Jean Jouve, Paul Eluard, Garcia Lorca, etc., e prosa de Ignacio Paul Potts, Roger Manvell e outros. "New Road" é uma publicação de grande e permanente interesse.

## O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA"

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

**Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista**

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.



## AR PURO NAS CASAS DE FAMÍLIA

Na fábrica da Westinghouse Electric Corporation, na cidade de Hyde Park, Massachusetts acabam de fazer-se os primeiros modelos dum novo limpador electrostático para uso doméstico, que se chama precipitron, e que tornará desnecessária a enfadonha tarefa de tirar o pó todos os dias. Os técnicos afirmam que esta é uma das primeiras maravilhas científicas que vão ser postas no mercado no atual período postbélico, e afirmam que esse aparelho elimina entre 85 e 90 por cento do pó que se encontra no ar das habitações e não só elimina o pó, mas também as partículas de fumo até de duzentos cincoenta-milavo de polegada de diâmetro (a polegada equivale a 254 decímetros).

O funcionamento do aparelho em questão assenta no simples princípio elétrico de que os objetos com cargas elétricas iguais se repelem entre si, enquanto que aqueles com cargas desiguais se atraem reciprocamente. O ar que vai ser limpo passa primeiro através duma secção do aparelho, secção essa em que sete arames de tungstênio tão delgados como cabelos e dotados de enorme carga elétrica, e oito tubinhos de alumínio ligados com a terra, criam um campo electrostático, no qual as partículas de sujidade recebem uma carga elétrica por meio da ionização.

O ar entra depois numa célula em que o pó é colhido e que consta de 69 chapas de alumínio, dotadas de carga negativa e carga positiva, alternadamente, e com a borda no sentido da corrente de ar. É para ali que as partículas de pó eletrificadas são atraídas pelas chapas com cargas contrárias. O resultado é que o ar sai do aparelho em estado de absoluta limpeza.

Para limpar as chapas do aparelho onde o pó se acumula, basta mover uma alavanca. Caem-lhe em cima então, automaticamente, cinco jorros de água que levam toda a sujidade. Esta operação leva cerca de três minutos, dependendo disso, na realidade, da pressão da água e da quantidade de poeira que se tenha acumulado nas chapas.

### FOI ISOLADO O VIRUS DA POLIOMIELITE

A Universidade de Stanford acaba de revelar que foi isolado

o vírus da doença chamada paralisia infantil, num estado pelo menos 80 por cento puro, a julgar pela análise química e as fotografias tiradas no laboratório. Assim fica aberto o caminho para a experimentação que tem como objetivo o criar uma vacina livre de impurezas, contra a referida moléstia.

Nas fotografias, que foram tiradas com o auxílio dum microscópio electrónico, o vírus apareceu na forma duma partícula esférica cujo diâmetro está calculado em vinte e cinco milímetros, o que quer dizer que 40.000 de tais partículas, colocadas em linha reta, viriam a equivaler ao diâmetro da cabeça dum alfinete comum. Afirma-se que reage como uma proteína, que seu peso molecular, de vários milhões, se compara com o das maiores moléculas vivas dos vírus da varíola e da febre amarela, e que é a tal extremo potente, que se calcula que uns 30 gramas dele bastariam para transmitir a doença a quinze mil milhões de animais.

Na campanha que os laboratórios vêm desenvolvendo contra a poliomielite, haviam-se preparado várias vacinas, mas continham demasiadas impurezas para ser usadas nos seres humanos. E embora os investigadores científicos da referida universidade tenham a esperança de que, dispondo-se agora do vírus em relativa pureza, seja possível produzir uma vacina concentrada isenta de impurezas, dizem que ainda não se deve dar de barato que o fato de se ter conseguido isolar o vírus signifique que seja hoje absolutamente certo o advento duma vacina inteiramente satisfatória contra a doença em questão. Falta ainda fazer-se muita investigação e experiência para acertar com uma tal vacina.

## Publicidade para a REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

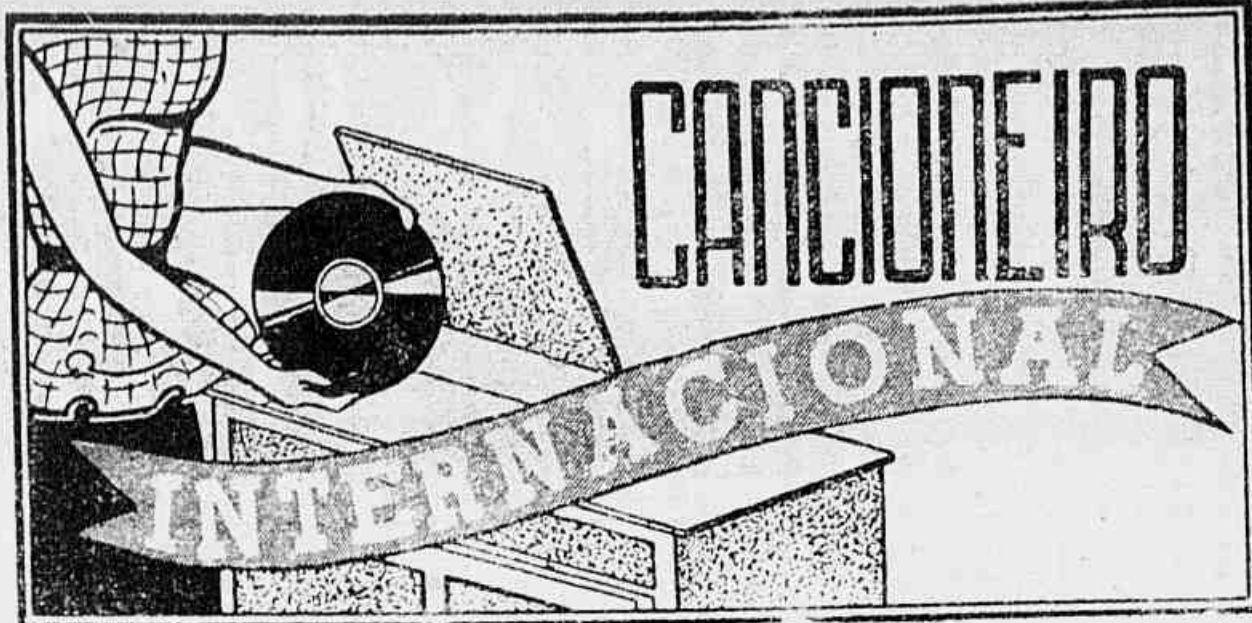
2.º AND. SALA 217

FONE — 6-6718

Contra a dor

# ASPIRINA

O remédio de confiança



O cançonetista é uma classe de intérpretes há muito desaparecida do nosso meio artístico por ser, talvez, uma das mais difíceis. Ela, entretanto já contou entre nós com excelentes representantes e, aqui, citaremos alguns dos mais famosos como, por exemplo, os Geraldos, o Alfredo Albuquerque, o Edmundo André, o Bahlano, o De Chocolate, o Eduardo das Neves e o Sorrisos. O nosso grande baixo Mario Pinheiro iniciou a sua carreira artística como simples cançonetista, o mesmo acontecendo à atriz Alda Garrido que, ao lado do esposo, manteve durante vários anos uma das mais famosas duplas do gênero calpir: OS GARRIDOS. As duplas calpiras atualmente existentes em nosso mundo radiofónico não poderão ser classificadas como tais por isso que exploram mais o diálogo mais ou menos escabroso que, propriamente, a cançoneta que é uma forma de comentar musicalmente um episódio ou um fato qualquer com bastante espírito e brejeirice, sem a agressividade dos ditos cabeçudos capazes de fazer queimar as válvulas dos nossos receptores ou de fender a terra sob os nossos pés, nos auditórios e nas salas de espetáculos, para a alundar a nossa vergonha. Há poucos dias ouvimos um artista da Nacional numa magnífica imitação de Alfredo Albuquerque, interpretando justamente uma de suas melhores criações, a cançoneta "Tralalá". Trata-se do cantor Mario Mendez que ali se exhibe num repertório de boleros, no que imita com perfeição os cantores mexicanos e nos convencemos de que o rapaz está no caminho errado. A sua interpretação de "Tralalá" deu-nos uma prova cabal de que Mario Mendez, se quiser, poderá transformar-se num magnífico cançonetista, na certeza de que abraçará um gênero de grandes possibilidades que o poderá conduzir a um verdadeiro triunfo. E, assim, em vez de imitar, passará a ser... imitado.

F. CORREA DA SILVA

### NERVOS DE AÇO

(Samba de Lupicínio Rodrigues)

Do filme O MALANDRO E A GRANFINA

Você sabe o que é ter um amor,  
meu senhor,  
Ter loucura por uma mulher,  
E, depois, encontrar esse amor,  
meu senhor,  
Ao lado de um outro qu'quer?  
Você sabe o que é ter um amor, meu  
senhor,  
E por ele quase morrer,  
E depois encontrar em um braço  
que nem um ped'ço  
do meu pode ser?

As pessoas com nervos de aço,  
Sua língua não vê e não tem coração.  
As não sei se passando o que eu  
passo,  
E não lhes venha qu'quer reção  
Eu não sei se o que eu trago no peito  
É ciúme, é despeito, amizade ou  
horror,  
Eu só sei o que, quando a vejo,  
Me dá um desejo de morte e de cor.

### ALL OR NOTHING AT ALL

Fox de Jack Lawrence e Arthur  
Allman

All or nothing at all!  
If a love never appeale to me,  
If your heart never yield to me,  
Then I'd rather have nothing at all!  
All or nothing at all!  
If it's love there is no in-between,  
Why begin, then cry for something  
that might have been,  
No, I'd rather have nothing at all.  
But please don't bring your lips  
so close to my cheek,  
Don't smile or I'll be lost beyond  
recall

Let me kiss in your eyes,  
The touch of your hand makes me  
weak,  
And my heart may grow dizzy and  
fall.  
And if I fell under the spell of your  
glance,  
I would be caught in the undertow,  
So you see I've got to say:  
"No! No! All or nothing at all!"

### THE LADY FROM 29 PALMS

Fox de Allie Wrubel

She left twenty nine broken hearts,  
Broken in twenty nine parts.  
Now there are twenty nine fells  
completing to their mends

About the lady from twenty nine  
palms.

She got twenty nine Cadillac  
Twenty nine sables from Saks  
They came from twenty nine fells  
Who never had their arms around  
The lady from twenty nine palms.  
She's a yip! yip! yippy-eye dolly,  
A new kind gal of the west.  
And yip! yip! yippy by golly!  
She makes you happy when you're  
depressed

Whatever she does she does her  
best.

She got twenty nine diamond rings.  
Token of twenty nine flings!  
Got 'em without any strings!  
She is a dynamite dreamboat  
A load of atom bombs  
The lady from twenty nine palms.

### BEWARE MY HEART

Fox de Sam Coslow

Do filme CARNegie HALL da Uni-  
ted Artists

Beware, my heart!  
You're getting in too deep.  
Take care my heart!  
This is a bit too steep.  
Don't listen to the lilt of her (his)  
lovely laughter  
Or you will cry for it forever after.  
Beware, my heart!  
Of violence in the night,  
When she (he) is near they're loaded  
with dynamite;  
And you can never finish a dream  
That wasn't meant to start,  
Beware, take care my heart.

### SI VIERAS

Bolero de Frederico Baena

Como me duele el alma de tanto  
sufrir  
la pena de tu olvido no me deja vivir  
y lloro porque te extraño  
no puedo sin tu amor vivir.

Si vieras...  
Mis noches son tan frias y largas  
Si vieras...  
Mi vida sin tu amor no es nada  
porque te llevo tan dentro de mi alma  
que yo sé que nunca te podré olvidar  
porque no hay nada más grande en  
la vida  
que el deseo inmenso de besarte más.



# BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

## DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

### ALFANDEGA, 50

## A empalhadora

(Cont. da pág. 22)

Fizeram-me sentar; ofereceram-me um Kirsch, que eu aceitei; e comecei com uma voz comovida, persuadido de que eles iam chorar.

Logo que compreendeu que fôra amado por aquela vagabunda, aquela empalhadora, aquela coisa-nennuma. Chouquet estremeceu de indignação, como se ela lhe houvesse roubado a sua reputação, a estima da gente honesta, a sua honra íntima, qualquer coisa de delicado que lhe era mais caro do que a vida.

Sua mulher, tão exasperada quanto ele, repetia: "Aquele ordinária! aquela ordinária, aquela ordinária!...", sem poder encontrar outra coisa.

Ele erguera-se; caminhava a grandes passadas do outro lado da mesa, com a carapuça de banda sobre a orelha. E balbuciava: "Compreenda-se isto, doutor! Há coisas horríveis para um homem! Oh! se eu soubesse disto em vida dela, teria mandado prendê-la e pô-la na cadeia. E ela não teria saído assim sem mais nem menos, garanto-lhe!"

Eu estava estupefato com o resultado da minha piedosa iniciativa. Eu não sabia que dizer nem que fazer. Mas tinha de completar minha missão. Continuei, pois: "Ela me encarregou de entregar-lhe as suas economias, que montam a dois mil e trezentos francos. Como o que eu acabo de comunicar-lhe parece ser tão desagradável, talvez seria melhor dar esse dinheiro aos pobres."

Eles me olhavam. O homem e a mulher, paralisados de espanto.

Tirei o dinheiro do bolso, miserável dinheiro de toda parte e de todo feitio, ouro e cobre misturados. Depois perguntei: "Que resolvem?"

Mme. Chouquet falou primeiro: "Mas, já que é a última vontade dessa mulher... parece-me que nos seria difícil recusar."

O marido, vagamente confuso, acrescentou: "Sempre poderíamos comprar com isto alguma coisa para os nossos filhos."

Eu disse, num tom seco: "Como quiserem." Ele tornou: "Dê-me, enfim, já que ela o encarregou disso; sempre havemos de encontrar um meio de empregá-lo nalguma boa obra."

Eu entreguei o dinheiro, cumprimentei, e parti.

No dia seguinte Chouquet veio procurar-me e, de repente: "Mas aquela... aquela mulher deixou aqui o seu carro, não? Que vai fazer o senhor daquele carro?"

— "Nada, fique com ele, se quiser."

— "Perfeitamente; serve-me; farei com ele uma cabana para a minha horta."

Ele ia partindo. Eu o chamei. "Ela deixou também o cavalo velho e os dois cachorros. Não os quer?" Ele parou, surpreso: "Oh! não. Que quer que faça com eles? Disponha deles como achar melhor." E ele ria. Depois estendeu-me a mão, que eu apertei. Que querem? Numa aldeia, o médico e o farmacêutico não podem ser inimigos.

Guardei os cães comigo. O eura, que tem um grande quintal, ficou com o cavalo. O carro serve de cabana a Chouquet; e ele comprou cinco ações da via-férrea com o dinheiro.

Eis o único amor profundo que eu encontrei na minha vida."

O médico se calou.

Então a marquesa, que tinha lágrimas nos olhos, suspirou:

"Decididamente, não há como as mulheres para saberem amar!"

## A galinha degolada

(Continuação da pág. 17)

culpa. Mazzini a manteve longo tempo abraçada e ela chorou desesperadamente, porém nenhum se atrevia a dizer uma palavra.

As dez horas resolveram sair, depois de almoçar. Como o tempo era escasso, ordenaram a criada que matasse uma galinha.

O dia radiante havia arrancado os idiotas de seu banco. De modo que, enquanto a criada degolava a ave na cozinha, sangrando-a lentamente (Berta havia aprendido da mãe esta boa maneira de conservar a frescura da carne), julgou sentir alguma coisa como uma respiração atrás de si. Voltou-se e viu os quatro idiotas, com os ombros pegados um ao outro, olhando estupefactos a operação. Vermelho... vermelho...

— Patrão! Os meninos estão aqui, na cozinha.

Berta chegou; não queria que pisassem ali nunca. E nem mesmo nessas horas de completo perdão, de esquecimento e de felicidade reconquistada, podia evitar aquela horrível visão! Porque, naturalmente, quanto mais intensos eram os arrebatamentos de amor pelo marido e pela filha, mais irritado era seu humor com os monstros.

— Que saiam, Maria! Ponha-os para fora! Ponha-os para fora, estou dizendo!

— As quatro pobres bestas, sacudidas, brutalmente empurradas, foram dar no banco.

Depois do almoço saíram todos. A criada foi a Buenos Aires e o casal passear pelas quintas. Ao baixar o sol voltaram; porém Berta quis cumprimentar um momento às vizinhas da frente. A filha fugiu para casa.

Entretanto, os idiotas não tinham se movido o dia inteiro do banco. O sol havia transposto já o muro, começava a afundar, e eles continuavam contemplando os tijolos, mais inertes do que nunca.

De repente alguma coisa se interpôs a seus olhares e o muro. A irmã, cansada de cinco horas paternas, queria observar por sua conta. Parada ao pé do muro, olhava pensativa para o alto. Queria subir, isso não oferecia dúvida. Por fim, decidiu-se por uma cadeira sem fundo, porém ainda não alcançava. Recorreu então a um caixão de querosene, e seu intuito topográfico lhe fez colocar o móvel vertical. Com isso triunfou.

Os quatro idiotas, o olhar indiferente, viram como a irmã conseguia pacientemente dominar o equilíbrio, e como, em pontas de pé, apoiava a garganta na crista do muro, entre as mãos estiradas. Viram-na olhar para todos os lados e procurar apôio com os pés para subir mais.

Porém o olhar dos idiotas se havia animado; a mesma luz insistente lhes estava fixa nas pupilas. Não afastavam os olhos da irmã, enquanto uma crescente sensação de gula bestial lhes ia mudando cada linha do rosto. Lentamente avançaram para o muro. A pequena, que havendo conseguido firmar o pé, ia a montar no muro e a cair seguramente do outro lado, sentiu-se apanhada por uma perna. Abaixo dela, os oito olhos cravados nos seus deram-lhe medo.

— Me soltem! me deixem — gritou sacudindo a perna. Mas, foi atraída.

— Mamãe! Ai, mamãe! Mamãe, papai? — chorou imperiosamente. Procurou ainda agarrar-se às bordas, porém se sentiu arrancada e caiu.

— Mamãe! Ai Ma... — Não pôde gritar mais. Um deles lhe apertou o pescoço, afastando os cachos como se fossem penas, e os outros a arrastaram por uma perna até a cozinha, onde pela manhã haviam sangrado a galinha, bem segura, arrancando-lhe a vida segundo por segundo.

Mazzini, na casa fronteira, julgou ouvir a voz da filha.

— Parece que está te chamando — disse a Berta.

Prestaram atenção, inquietos, mas não ouviram nada mais. Contudo, passado um momento, se despediram, e enquanto Berta ia deixar o chapéu, Mazzini avançou pelo pátio:

— Bertinha!

Ninguém respondeu.

— Bertinha! levantou mais a voz, já alterada. E o silêncio foi tão fúnebre para o seu coração sempre aterrado, que lhe correu pelas costas um calafrio de horrível presentimento.

— Minha filha, minha filha! — correu já desesperado para o fundo. Mas, ao passar em frente à cozinha viu no chão um mar de sangue. Empurrou violentamente a porta encostada e soltou um grito de horror.

Berta, que já se havia atirado, correndo por sua vez ao escutar o angustioso chamado do marido, ouviu o grito e respondeu com outro. Mas, ao precipitar-se na cozinha, Mazzini, lívido como a morte, interpôs-se, contendo-a:

— Não entres! Não entres!

Berta conseguiu ver o chão inundado de sangue. Pôde apenas levar os braços à cabeça e tombou diante do marido, com um gemido rouco.

## As duas mães

(Cont. da pág. 34)

Apenas um mal-entendido os afastara. Para uma separação que ambos todavia desejavam interromper, mas que o orgulho, de lado a lado, conservava.

★

Gilberto O'avo o doutorando conterrâneo de Tibúcio, que aí também se orgulhava de ser filho idolatrado recebendo as carícias da mãe venturosa e satisfeita de xara, em Salvador uma deusa à sua espera. Lia Cavalcanti, morena e fascinante com os seus olhos negros de baiana formosa, não mais poderia viver sem o cearense forte e também moreno, que lhe inquietara o ardente coração. O estudante quase médico estava preso àquela suave criatura efêmera e boa, que o ajudara a esquecer a nostalgia de sua terra e de sua gente consando-o nas horas de bruma interior...

Por isso mesmo, Gilberto, coração sensível à melguice feminina, não se achava capaz de esquecer Lia, nem tinha coragem de confessar à mãe a sua situação. Dera à jovem filha da Bahia a palavra de seu coração e estava disposto a cumpri-la.

Dona Noêmia, a mãe de Gilberto, é que adivinhara, na melancolia do filho, na sua visita inesperada ao torão natal, aproveitando umas férias rápidas a paixão, que o dominava. E porque não podia nem devia impedir ou contrariar aquele amor, afagava o filho, delirantemente, em presença da outra mãe, Dona Zilda Bezerra, que era, igualmente, magnificamente, ciosa da felicidade da quem tanto conuava na sua abnegação e no seu amor.

★

As duas mães choravam de alegria, na sala familiar. De alegria e de saudade antecipada. Naquela momento elas eram senhora absolutas de seus rapazes, cujos namorados estavam distantes, uma em Fortaleza, e a outra na capital baiana. Acariciavam-nos comovedoramente, enternecidamente, como se quisessem retê-los para sempre junto de si nesse doce egoísmo, que só as mães sabem ter e compreender.

— Meu filho será sempre meu, mesmo depois do casamento — exclamou Dona Zilda Bezerra, com os olhos carinhosos e úmidos.

— E eu também nunca perderei o meu ainda que ele se case e vá para longe de mim — falou, melancolicamente, meigamente, Dona Noêmia. Os que assistiam à cena matinal do velho solar de Redenção comoveram-se diante das duas mães cearenses, que representavam aí, o papel de todas as mães a quem o destino deu flacidez para amar e proteger...

(Inédito do Livro "Turbilhão", a aparecer ainda em 1947).

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA



## CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

AS MULHERES LINDAS  
AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da  
pele porque equivale a  
2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.

Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.



CREME  
**RUGOL**

Mantém em segredo sua idade, porque  
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Senhoras!  
Se a  
Natureza Falha  
**MENAGOL**  
REGULA!

## RETORNO AO LIRISMO

Por RENÉ DUMESNIL

PARIS — Setembro — Houve uma época — ainda próxima — em que a música parecia envergonhar-se para uma espécie de "intelectualismo" no qual era banido qualquer lirismo, qualquer sensibilidade, qualquer efusão. Falava-se, então, muito frequentemente em "retorno a Bach" — como se o grande cantor de Leipzig não tivesse sido outra preocupação, ao compor as obras primas que nos legou, que atingiu uma perfeição técnica na forma e deixar modelos de fuga e contraponto. Ao mesmo tempo, só se falava de "dynamismo" e, sob a influência do jazz, toda a virtude da música parecia residir no ritmo sinopado. Era de corar o fato de deixar entrever, tanto numa obra sinfônica como num quarteto, num trio, e mesmo numa ópera, o menor vestígio de sentimento. E, por excessivo pudor, procuravam os compositores esconder o coração, fazendo exibição de ciência técnica. Há modas para as cousas do espírito, como as há para o vestuário. O lirismo estava então "demodado" e o que importava era a austeridade, a sequidão.

Orá, para o observador atento ao movimento musical contemporâneo, na França, dois factos recentes mostram que tudo está em vias de evoluir: foi o que se disse e repetiu por ocasião do cinquentenário do "L'Apprenti Sorcier" e do décimo aniversário da morte de Paul Dukas. Prova-o, o grande sucesso obtido, não apenas entre o grande público, mas também entre músicos, pelas obras de Verdi, representadas nesta "saison" por "troupes" italianas no "Gaité, na Ópera", e no "Teatro dos Campos Elíseos".

Pode parecer surpreendente a associação dos nomes de Paul Dukas e Giuseppe Verdi; à primeira vista, o mestre italiano e o mestre francês nada têm de comum. Entretanto, quando do concerto, em que a "Sinfonia em dó", a cena de "Ariana" e "Barba Azul", a "ouverture" de "Pompey", "La Péri" e "L'Apprenti Sorcier" foram apresentadas, foi o lirismo de Dukas que despertou o entusiasmo de um auditório onde havia grande número de músicos; e, no dia seguinte ao festival, foi sobre as qualidades expressivas desta música — tão sabiamente composta, tão admiravelmente orquestrada — que a crítica insistiu. Dukas continua magnífico exemplo de perfeição técnica; nele, porém, a preocupação da forma jamais prejudicou a profundidade do pensamento e a ternura da mensagem que nos legou.

Sua arte é humana e expressiva e, embora lhe repugne o sentimentalismo, embora evite as efusões fúteis, não é menos verdade que se sente em todos os momentos que sua música, como disse Beethoven, "vem do coração", sempre satisfazendo as mínimas exigências do espírito.

O que Verdi nos revelou é exatamente da mesma ordem. Profundamente italiano seguiu ele a tradição do teatro musical de seu país. O fato de serem aplaudidas por um público constituído por grande número de músicos, as cenas mais sentimentais desses dois grandes mestres, revela, talvez, um retorno ao lirismo, neste após guerra tão cruel. E' certo que a harmonia sofreu a influência das dissonâncias vindas de séculos; é certo que a orquestração se desenvolveu mais ainda após Wagner...

Mas acaso modificou-se a própria essência da música? Variou, acaso, desde sua origem, o que lhe confere seu poder de sedução, bem maior que o das palavras? Não é ela, como sempre esta arte imaterial que se dirige tanto ao coração como ao espírito? Não procurara comover, e não é necessário que nos comova para que nos revele o que tem de imperecível e misterioso, e o que, sob a maior ou menor perfeição de uma forma e estilo pessoais, permanece ainda o mais profundamente humano?

(Copyright do S. F. I.)

## A VIDA DE SALOMÃO

(Continuação da pág. 32)

O rei pronto para tornar à antiga glória mas não à antiga vaidade. As paredes da prisão — assim reza a lenda — desapareceram, e ele ficou em liberdade. Andou entre os lenhadores e os aguadeiros, e os ajudou no trabalho. Estive entre os famintos e os sedentos e repartiu com eles as suas provisões. Andou entre os moços e as donzelas, e alegrou-se com eles, e cantou-lhes um canto de amor — o mais terno das poemas hebreus, o Cântico dos Cânticos, que é de Salomão. "Eis que és formosa, ó amiga minha, eis que és formosa... Qual a rosa de Sarom, como o lírio entre os espinhos, tal é a minha amiga entre as donzelas das vinhas... Levanta-te, amiga minha, formosa minha e vem... Porque eis que passou o inverno: a chuva cessou, e se foi; aparecem as flores na terra, e o tempo de cantar chegou. Levanta-te, amiga minha, formosa minha e vem."

Ao passo que o coração do "filho de Davi" se fazia mais terno — continua a lenda — o espírito se lhe tornava mais sábio, e começou ele novamente a entender a linguagem das aves, o sussurrar das árvores e das flores, o murmurio do oceano, e todas as vozes ocultas do céu e da terra. Voltou a Jerusalém e empregou-se na cozinha do palácio. Um dia, depois de haver preparado um enorme peixe para a mesa de Asmodeu, cozinhou um outro menor para si e sentou-se a comer. Abriu o peixe, e eis que no seu ventre se achava o anel de safira que Asmodeu lhe tinha tomado e atirado ao mar! E, enquanto ele punha novamente o anel no dedo, desceu dos céus uma voz:

"Volta para o teu lugar e governa o teu povo. E grava no espírito esta verdade: Se o rei julgar com justiça os pobres, o seu trono durará para sempre."

Agência Zambardino

Rua Capitão Salomão, 67

Distribuidora desta revista

na capital de São Paulo.

Encanto e frescor primaveril

**Ginosedol**

O "REMÉDIO DAS SENHORAS"

MME. ZULEIDA GUERRA  
PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina  
do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 23-0430

Agora muitos usam

## DENTADURA POSTIÇA

com perfeita comodidade

Coma, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura postíça se desprenda ou caia da boca. FIXODENT conserva as dentaduras postíças mais firmes e torna-as mais cómodas na boca. Este pó de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. E' alcalino (não ácido). Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:  
ODONTOLOGIA AMERICANA LTDA.  
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

IMPRESSIONANDO OS MEIOS  
CIENTÍFICOS DO PAÍS!  
**EMAGRINA**

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento dos gordos e a conservação da elegância dos magros.

Adquirir nas farmácias ou drogarias

**EMAGRINA**

ou pelo serviço de reembolso,  
CAIXA POSTAL N.º 2335  
Rio de Janeiro

## A beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de se manter bonita. Hoje em dia só é feliz quem é bonita. É a verdade. Os seus protetores irão a pele se aperfeiçoar dia a dia.

Agora já temos o creme de Alfaz "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embelezar, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaz "Brilhante" permite à pele respirar ao longo do tempo que evita os pontos azules e asperidades e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alfaz "Brilhante". Experimente-o, é um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.





## AJUDE-O A RECUPERAR AS FORÇAS

Além dos pratos terem bom sabor, o convalescente recusa o alimento de que tanto necessita. Recomenda-se "MAIZENA DURYEA" especialmente para convalescentes, pois além de alimento altamente nutritivo, dá um sabor delicioso às sopas, verduras e pudins.

# MAIZENA DURYEA

MARCAS REGISTRADAS



56 - TRIANGULO

### VII

Asmodeu estava sentado na sala do conselho, no palácio de Salomão. Algumas pessoas tinham vindo procurar justiça às suas mãos perversas, enquanto a multidão ficava admirando a crueldade dos julgamentos. O rei, diziam, caía cada vez mais baixo, dia a dia, e por último, as palavras de sua boca não eram melhores que as do próprio demônio. Pois ignoravam que era de fato o demônio que reinava em vez de Salomão. Tampouco sabiam que lá no meio deles, vestido como cozinheiro, estava o próprio Salomão.

Dois homens avançaram para apresentar o seu caso a Asmodeu. Um deles falou, dizendo:

— O' rei dos reis, imploro justiça! Há dias comprei um campo cultivado deste homem, meu vizinho. Quando estava lavrando o campo, encontrei um tesouro enterrado. Eu digo que o tesouro é meu, porque comprei do meu vizinho não só a terra, mas tudo o que nela se achasse.

— Nada disso — protestou o vizinho. — Eu lhe vendi a terra, mas não o ouro que estivesse nela. O' meu rei, ó meu pai, restitue-me o tesouro, porque sou o legítimo dono!

Asmodeu voltou-se para os contendores com má cara.

— Discórdias entre os meus súditos — exclamou — não podem ser toleradas. Portanto, a minha sentença é que os dois sejam encarcerados, e que tanto a terra como o tesouro fiquem entregues à minha custódia.

Ouviu-se um murmúrio de cólera entre a multidão. Mas o murmúrio cessou quando Salomão, saindo do meio deles, se dirigiu aos dois homens; pois ao falar, a antiga chama lhe cintilava nos olhos, e a antiga clemência reluzia na sua face.

— Eu tenho uma sentença melhor — disse. E, chamando um dos homens, perguntou: — Tens tu um filho?

— Sim.

— E tu — perguntou ao outro, — tens uma filha?

— Tenho.

— Então a minha sentença é que o filho e a filha se tornem marido e mulher, e que o tesouro lhes seja dado em dote.

— Quem é este homem que julga tão sabiamente? — perguntava o povo.

E Salomão, mostrando-lhes o anel da compreensão e da bondade, exclamou:

— Eu sou o vosso rei!

### VIII

Quando Asmodeu viu o anel de Salomão — concluiu a lenda — pôs à mostra o seu pé de cabra e sumiu-se nas profundezas da terra. E desde aquele dia até hoje, a sabedoria e justiça de Salomão anda em conflito incessante com a estupidez e iniquidade do diabo e da sua prole, que vivem no reino das sombras...

Tal é, pois, a lenda do rei Salomão. Mas não é a ficção, muitas vezes, mais verdadeira do que a história?

Aliás, a lenda tem uma continuação interessante. É isto um fato histórico. Quando Salomão se apercebeu do mau caminho que seguia e do perigo de adorar muito deuses, edificou um Templo ao Único Deus do Universo.

Na construção desse Templo — o santuário da paz — evitou tanto quanto possível o emprego do ferro. Pois o ferro, segundo lhe tinham advertido os profetas, é um metal guerreiro.

Aquele pequeno Templo da Paz, pousado sobre uma colina da cidade eterna, é incontestavelmente, para citar a feliz expressão de Lewis Browne, "o edifício mais cheio de significação que as mãos do homem já construíram." (Do livro "Vidas de Estadistas Famosos").

## Ella Raines

(Cont. da pág. 25)

— Se eu tivesse a certeza de interpretar a contento tais papéis, — diz ela, — teria mudado meu nome para Fifi La Touche, em vez de deixá-lo simplesmente como Ella Raines.

Ella Raines nasceu na cidadezinha de Snoqualmie Falls, Washington. Este acontecimento aumentou a população da cidade para o impressionante total de 752 habitantes, no dia 6 de agosto de 1921.

Seu pai, Ernest Raines, é um engenheiro técnico em explosivos, que serviu na Marinha durante a guerra e que agora vive em Los Angeles. Ella é filha única, e seu pai sempre foi o seu grande camarada. Juntos costumavam pescar, caçar e escalar montanhas. Como resultado de uma vida ao ar livre, ela hoje é uma excelente tenista e uma perita em ski.

Depois de fazer o curso secundário na sua cidade natal, Ella ingressou na Universidade de Washington, cursando arte dramática. Desempenhou muitos papéis principais nas produções encenadas pelo grupo teatral da Universidade. E entre as inúmeras distinções que recebeu na escola, figurou um prêmio de beleza; justíssimo, aliás.

Como presente de formatura, seu pai proporcionou-lhe um passeio a Nova York, amigos levaram-na à atenção do agente Charles Feldman. Quando Feldman voltou a Hollywood, mostrou várias fotografias de Ella a Howard Hawks e Charles Boyer, que ficaram tão bem impressionados por sua beleza que a escolheram para o papel principal de "Corvette K-225", filme que não foi dado a público, que Hawks estava dirigindo nos estúdios da Universal.

Sua performance foi tão boa que os dirigentes da Universal compraram o seu contrato de Hawks e Boyer.

Personificou uma enfermeira em "Aurora Sangrenta", para a Metro-Goldwyn-Mayer; fez com Eddie Bracken "Herói de Mentira", de Preston Sturges, para a Paramount; e depois foi para a RKO fazendo "Adorável Inimiga", com John Wayne. Então vieram, na Universal, "A Dama Fantasma", "Arsene Lupin", e "Dúvida", este com Charles Laughton. Seu papel de Deborah, em "Capricho do Destino", com George Sanders, despertou o aplauso da crítica.

A seguir, Ella fez os papéis principais em "Atirou no que Viu...", com Rod Cameron, e em "Cavalheiro por uma Noite", com Dan Duryea e William Bendix. Desempenhou então um grande papel em "Brumas do Passado", no qual rivalizou com Phyllis Calvert, uma das maiores atrizes inglesas. Daí em diante seu nome sem-

pre significou grandes filmes, e ela foi então escolhida para "Uma Aventura Arriscada", com Vincent Price, Edmond O'Brien e William Bendix. Ao mesmo tempo foi recrutada com Yvonne De Carlo, Ann Blyth e Annita Colby para uma curta cena em "Brutalidade", de Mark Hellinger.

Pouco antes de começar a filmar "Uma Aventura Arriscada", Ella realizou o seu segundo casamento, com o major das forças aéreas Robin Olds, isto no dia 6 de fevereiro do ano corrente. Seu primeiro marido, de quem se divorciou, foi Kenneth Trout, também da aviação americana e também major.

Agora, vem a filmar "The senator was indiscreet" com William Powell.

As distrações prediletas de Ella são numerosas. Além dos esportes já mencionados, dedica-se à fotografia, tendo ultimamente se iniciado em pintura. A propósito, algumas das suas telas estão atualmente em exibição. Ella possui um cãozinho e um gato persa de estimação.

Agora, alguns dados pessoais sobre esta adorável mulher: seu nome todo é Ella Wallace Raines Olds; é descendente de escoceses, irlandeses e franceses; pesa 50 quilos, altura 1,62, olhos verdes e cabelos castanhos ambos lindíssimos, olhos e cabelos. Quando conversamos, no estúdio da Universal, ela me pediu que transmitisse uma mensagem sua, de simpatia aos "fans" do Brasil, onde sabe que seus filmes têm sido sempre muito bem recebidos.

## Música

(Cont. da pág. 13)

de matizes que aquela melodia apaixonada requer. Cantada forte, perdeu grande parte do seu encanto. Também, no segundo ato, o famoso grito — Vitória! — foi, na realidade, um grito...

Mas, no terceiro ato, quando já se começava a ficar apreensivo, veio o "E Lucevan le Stelle..." E Gigli foi forçado a "trisar"...

Barbato, ainda que não desapontasse, — chegou a bisar o Vissi d'arte — não foi, contudo, a Tosca que ouvimos ano passado. Depois de uma série de récita, nas quais recebeu sempre os papéis mais exaustivos, a voz, apesar de sua maravilhosa frescura, apresentou aquela noite, sinais evidentes de cansaço. Foi uma circunstância para que ela seja menos pródiga com o dom que recebeu, diminuindo o número de "Aldas", "Minnies" e "Maddalenas" em cada temporada. Vejam Gigli, que soube poupar-se, entusiasmando, aos 57 anos, confessos...

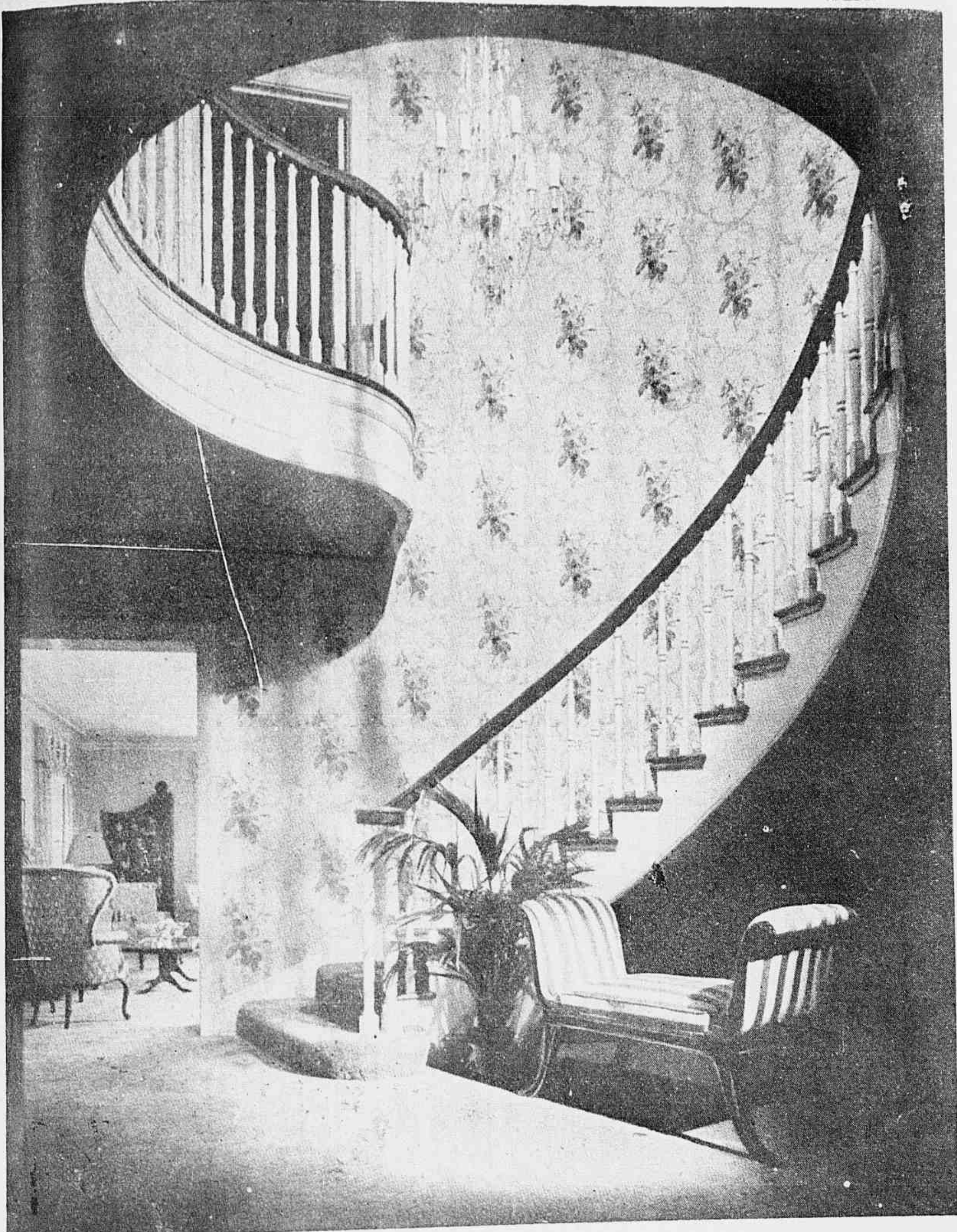
Silvio Vieira repetiu o seu Scarpia, uma bela criação dramática, que está a esperar, ainda agora, por uma voz à altura das exigências da partitura...

### VIDA DE PERIGOS A VIDA DA MULHER

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima. Si vem regularmente em dias certos e em quantidade certa, sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc., tudo está bem. Mas si aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído, irregular ou retardado então urge providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador avier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males, conservando a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

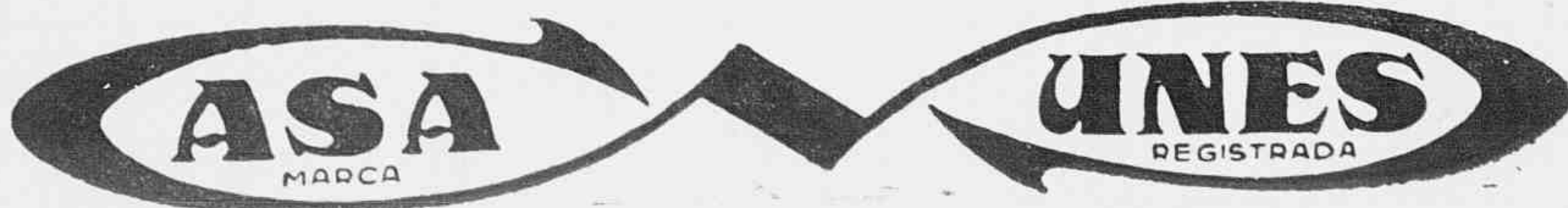


H  
A  
L  
L



Mobiliarios — Tapeçarias — Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CADIÇA. 67 - RIO





CIA. DE CIGARROS

*Souza Cruz*

